



PERIGO NAS ELEIÇÕES

Uso da IA deverá ser decisivo na campanha eleitoral de 2024

Avanço tecnológico poderá ser usado para manipular fotos, criar cenários e multiplicar fake news. **Página 13**



Fotos: Ortilio Antônio

Monumentos transformam a cidade em galeria a céu aberto

Obras dispostas em vários pontos da capital e assinadas por artistas de diferentes estilos aproximam a relação da população com as artes. **Página 7**

Projeto Caminhos do Frio chega à cidade das cinco lagoas

A programação do Caminhos do Frio será aberta, amanhã, no município de Remígio. A abertura das atividades será na Lagoa Parque Senhor dos Passos (foto), uma das atrações da cidade

Página 8



Foto: Prefeitura de Remígio/Divulgação

Presidente da Cufa analisa as desigualdades nas periferias

Kalyne Lima, em entrevista exclusiva, fala também sobre a Expo Favela que será realizada na Paraíba.

Página 4



Foto: Divulgação/Massai

Imóveis de luxo chegam a custar R\$ 7 mi em JP

Segmento de imóveis de alto padrão, restrito a um público seletto, registra tendência de alta nos negócios.

Página 17

■ “Ser pai não se restringe a gerar e dar nome aos filhos. É amar e lutar todos os dias pela felicidade dos filhos, descobrindo o mundo ao lado deles”.

Rui Leitão

Página 2

■ “O livro ambicionado! Quanto não os tenho na dor de meu desejo, nas gotas de ansiedade que me tomam na sagrada obsessão do colecionador”.

Hildeberto Barbosa Filho

Página 11

Histórias de força, amor e dedicação no Dia dos Pais

A paternidade exige companheirismo, respeito e extrapola as barreiras da convenção social.

Página 5

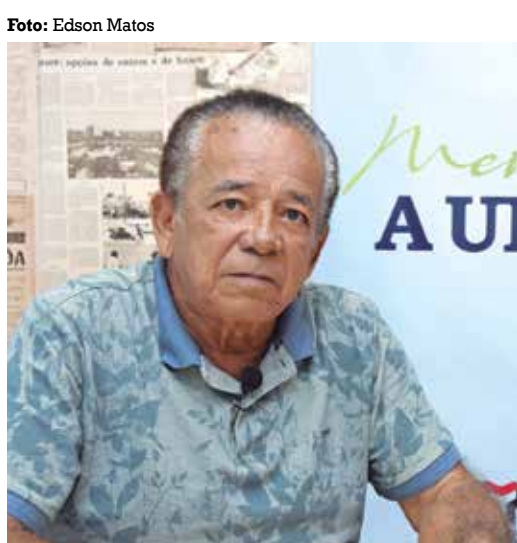


Foto: Edson Matos

Memórias Sonho de ser jornalista e a cobertura policial

Avesso às pautas, o jornalista José de Sousa era um colecionador de boas fontes e sempre buscou os “furos” jornalísticos.

Página 15

Botafogo entra em campo de olho na classificação

Se vencer o CSA, hoje, no Estádio Rei Pelé, em Maceió, o Belo garante a vaga na próxima fase da Série C.

Página 21

AGOSTO LILÁS

Mês de conscientização pelo fim da violência contra a mulher

Não se cale,
DENUNCIE!



Editorial

Público e privado

Parece que quanto mais se mexe nos escombros do governo anterior brasileiro, mas aparecem coisas que jamais julgariam acontecer a nossa vã inteligência. A última delas: a Polícia Federal afirmou ontem que os recursos gerados com a venda de joias dadas de presente ao governo brasileiro eram repassados para o ex-presidente Jair Bolsonaro em dinheiro vivo.

Ontem mesmo, a PF deflagrou operação para aprofundar a investigação de um esquema de desvio e venda no exterior dos bens dados de presente a Bolsonaro em missões oficiais. Foram alvos de busca e apreensão o general Mauro Lourena Cid, pai do ex-ajudante de ordens Mauro Cid, o advogado Frederick Wassef, o assessor Osmar Crivelatti e o próprio Mauro Cid.

Acreditem, já que é fato constatado pela PF, conforme atesta trecho de investigação citado em decisão do ministro do STF, Alexandre de Moraes. Vejam o que diz o trecho: “Os valores obtidos dessas vendas eram convertidos em dinheiro em espécie e ingressavam no patrimônio pessoal do ex-presidente da República, por meio de pessoas interpostas e sem utilizar o sistema bancário formal, com o objetivo de ocultar a origem, localização e propriedade dos valores”.

Os fatos narrados pela grande imprensa brasileira ontem mostram apenas que o Brasil durante quatro anos esteve governado por uma gestão que confundia o público com o privado. Ora, um presidente representa o seu país em viagens institucionais e diplomáticas. Ao receber um presente, por deferência de outro governo, aquele presente passa automaticamente a ser patrimônio da União e não de quem está presidindo o país.

Fora que tem outros agravantes nisso tudo, como bem lembrou ontem o UOL. O caso policial envolvendo a família Cid, que já tinha pego o tenente-coronel Mauro e agora chega ao seu pai homônimo, que é general de quatro estrelas da reserva, mostra o custo que as Forças Armadas terão de pagar por se associar tão fortemente ao bolsonarismo.

Conforme o noticiado, foi o general Mauro Lourena Cid que ficou encarregado de levar a muamba até um avaliador e comprador em Miami. É então que começa o périplo do general e seu filho, o então ajudante de ordens de Bolsonaro, para fazerem dinheiro com o presente diplomático.

Veja a que ponto chegamos quando confundimos o que é público com privado no exercício de poder. Fatos como esses investigados pela Polícia Federal acontecem em muitos governos espalhados pelo país, mas devem ser exemplarmente punidos, para que políticos refestelados no poder aprendam de uma vez por todas a separar o que é patrimônio seu e o que é patrimônio do povo brasileiro. O Brasil não merece ser tratado da forma como aconteceu no último governo presidencial.

Artigo

O dia dos pais

O dia dos pais é considerado a quarta melhor data para o comércio brasileiro, depois do Natal, Dia das Mães e da Criança. Durante esse dia, acontecem diversos tipos de celebrações, apresentações, almoços familiares e troca de presentes por todo o país. Muito mais do que o sentido comercial da data comemorativa, é importante realçar o quanto é significativa na afirmação dessa relação de amor. Oportunidade em que os filhos homenageiam aquele a quem consideram seu melhor amigo e referência para a vida.

Há relatos de que, há cerca de 4 mil anos, na Babilônia, um jovem chamado Elmesu esculpiu uma mensagem para seu pai, em argila, desejando-lhe saúde e felicidade. Historicamente, então, esse é o registro mais antigo de tributo prestado à figura paterna. Nos Estados Unidos, em 1908, após um acidente de mineração que vitimou mais de 300 homens, por iniciativa da filha de um pastor chamada Grace Golden Clayton, os pais mineradores, falecidos no trágico evento, foram brindados com honrarias póstumas. Inspirada em mensagens referentes ao Dia das Mães, comemorado desde 1860 no país, a norte-americana Sonora Louise Smart Dodd teve a ideia de fazer o mesmo em relação ao seu pai, William Jackson Smart, um agricultor e veterano de guerra, que criou seus seis filhos, entre eles um recém-nascido, após o falecimento de sua esposa durante o parto. A iniciativa de Sonora Louise fez com que a “Associação Ministerial de Spokane”, localizada no Condado de Spokane, em Washington, criasse oficialmente o Dia dos Pais nos Estados Unidos, cuja comemoração acontece no terceiro domingo do mês de junho, desde 1972. Antes coincidia com a data de aniversário do seu pai, 19 de junho.

No Brasil é celebrado no segundo

domingo de agosto, idealizado pelo publicitário “Sylvio Bhering, em 1953, com o objetivo de estimular o comércio no segundo semestre, uma vez que o Dia das Mães já movimentava a economia no primeiro semestre e o Natal no final do ano. Em princípio, a data escolhida foi 16 de agosto, que coincide com o Dia de São Joaquim, pai de Maria e avô de Jesus.

Portanto, no dia de hoje, todos nós, tanto os que têm seu pai vivo, quanto os que têm apenas na lembrança, nos sentimos gratificados por ter esse companheiro que dedica, ou dedicou, a sua vida a nos aconselhar quando se faz, ou fazia, necessário e nos ouvir pacientemente quando da manifestação das nossas eventuais preocupações. É motivo de contentamento ter a consciência de que crescemos e aprendemos com alguém que sabe assumir a condição de paternidade, não se restringindo ao fato de gerar e dar nome aos seus filhos. Afinal de contas, ser pai é amar e lutar todos os dias pela felicidade dos filhos, brincando e descobrindo o mundo ao lado deles.

Neste dia, quero, particularmente, reverenciar a memória de meu pai, Deusdedit Leitão, um homem cuja história de vida me oferece uma sensação de orgulho e que sempre representou muito para mim como ser humano e como pessoa. É uma admiração constante e eterna. Tenho certeza que esse é o mesmo sentimento vivenciado nesta data por minhas irmãs e meus irmãos.

Celebremos, pois, este dia de amor. Os pais dedicados merecem todo bem que existe neste mundo. Não há palavras que demonstrem a gratidão que sentimos pela educação que nos oferecem, ou nos ofereceram, por tudo que nos ensinam, ou nos ensinaram. Este é, sem dúvidas, um dia especial.

Rui Leitão
rleitao@hotmail.com

Foto Legenda

Ortilo Antônio



A montanha do lixo em crescimento

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Na estrada sem fim

No dia da cidade para onde vimos e com a qual nos transfundimos, ambos no vigor da idade, agora, nesse 5 de agosto de 2023, sai Neiva, José Neiva Freire, de vida completada para o descanso eterno; e saio eu, passando do tempo, a vagar do meu tugúrio por ruas de pouca fala, frontais caídos iguais ao meu, e janelas sem amizades, bons-dias nem saudares. Tempo virá de muita casa e pouca fala.

O sobrado mais invejado de entre os fins do século 19 para o 20 - o do jurista e presidente Gama e Melo - cercado de vizinhos tais como Floriano Peixoto é hoje um sepulcro sem cobertura, sem cruz, sem defuntos nem orações, a rama parasita a cobrir-lhe varandas e ornatos com que os mestres italianos distinguiam a aristocracia assentada entre a Maciel Pinheiro e as ruas da colina. Uma vênua que seja, de índole histórica ou cultural dos que dizem se orgulhar da vila que já nasceu cidade. Cidade matriz fundada, quase sempre louvada, amada e construída pelos que vêm de fora e das suas antigas vilas, seja pela ode consagrada de um santa-luizense (o poeta Jomar Souto) ou pela louvação nacional ao Parque argemirista que a distingue e simboliza aos olhos do mundo.

É o que me ocorre, a janela ou esquadria aberta para o final da mata ao redor da qual saíram a plantar o que restou do voluntarismo construtivo do meu grande amigo José Neiva.

Vejo-o aqui chegando, quarenta anos atrás, depois de deixadas em salas e álbuns da vaidosa sociedade campinense o mais simpático e fiel acervo que um clique fotográfico podia fixar, revelar e gravar para os bons momentos da vida e da saudade. “Lindo, lindo!” É o que se podia ouvir, retratinho na mão, da senhora mãe de Patricinho, Patrício Leal de Melo Filho, hoje sexagenário ou de quem visse a foto da filha de Dr. Queiroga, esposa do ex-deputado e empresário Manuel Alceu Gaudêncio.

Eu já me dava com Neiva, através de Chiquinho Duarte, meu primo e seu amigo. E vejo, surpreso, o fotógrafo favorito largar o estúdio e converter todo esse prestígio mais que profissional no desconhecido ramo gráfico inovado pelo sistema off-set. Nova e temerosa ousadia: deixar esse mercado já

“

Eu já me dava com Neiva, através de Chiquinho Duarte, meu primo e seu amigo

Gonzaga Rodrigues

conquistado de Campina para enfrentar o de João Pessoa, concorrendo com empresas de referência nacional como a Santa Marta.

Instalou-se, situou-se, e em vez de esperar a encomenda passar de repente a fazer o mercado de impressos padronizados, este sim, a esperar pela Grafset, marca paraibana que se aventura a concorrer com indústrias de grande porte. Conquista o Nordeste. Acha que ainda falte o melhor, estranha que os estados federados sonquem a Geografia e a sua própria História dos filhos na escola, sobretudo os nordestinos, e faz da gráfica a editora cívica com seus atlas ou cartilhas com a Terra e a História merecedoras do orgulho provinciano. Assessora-se, convoca, e dá a Pernambuco, Rio G. do Norte, Bahia, Alagoas, Sergipe, todos, aquilo que o currículo oficial ditado pelo MEC deixa passar por cima.

Ele o motorista, olhos na estrada e num horizonte que, a seu lado, indo a Recife, a Macaíó, a Natal, a Fortaleza, eu estava longe de alcançar. E até mesmo de acreditar. Tanto que não acreditei na notícia, com a melhor foto, de que Neiva acabava de completar sua viagem. Participando de sua mesa, há um mês, ele numa cadeira de rodas, a expressão do rosto e toda a conversa era a de quem continuava na estrada.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O UVIDORIA: 99143-6762

GOVERNO DIGITAL DA PARAÍBA

Serviços on-line agilizam atendimento à população

Cidadão pode transferir veículo, abrir uma empresa e fazer um boletim de ocorrência

Michelle Farias
 michellesfarias@gmail.com

Presente na rotina da população, a tecnologia é utilizada para facilitar o acesso aos serviços públicos e desburocratizar o processo de atendimento nos órgãos e Secretarias do Governo do Estado. A partir de um celular conectado à internet é possível registrar um boletim de ocorrência e até abrir uma empresa na Paraíba. Além disso, no Portal da Cidadania os paraibanos encontram serviços relacionados à mobilidade, segurança pública, governo, cultura, esporte, saúde, meio ambiente, ouvidoria, utilidade pública, guias de pagamento, turismo e concursos.

Com a atendente virtual Tia Maria os usuários podem fazer agendamento para retirar RG, ter informações sobre o programa Nota Cidadã, tirar dúvidas sobre os serviços oferecidos pelo Governo do Estado e conhecer os serviços oferecidos pelos diversos órgãos. Também pelo site é possível obter orientações sobre os procedimentos necessários para visitar pessoas reclusas em unidades penais do estado.

Na área dos esportes, a Secretaria de Juventude, Esporte e Lazer disponibiliza à população as atividades e práticas esportivas ofertadas na Vila Olímpica Parahyba, com os horários e turmas formadas.

A abertura de empresas também ficou mais ágil na Paraíba a partir da Jucep Digital. O processo de digitalização da Junta Comercial do Estado da Paraíba (Jucep) possibilitou celeridade e somente em janeiro desse ano foram abertas 5.222 empresas, incluindo Microempreendedor Individual (MEI). O tempo médio para abertura de empresas é de cerca de 20 horas.

A população pode registrar de forma on-line, durante 24 horas, boletins de ocorrência na Delegacia On-line (www.delegaciaonline.pb.gov.br). Perda de documentos, registro de pessoas desaparecidas, encontro de pessoas,

comunicação de acidente de trânsito sem vítima, furto ou roubo sem que haja violência física e até denúncias de violência contra a mulher podem ser feitas na plataforma.

O Departamento Estadual de Trânsito da Paraíba (Detran-PB) tem investido em tecnologia para tornar totalmente digitais os serviços oferecidos pelo órgão. Além de tornar os serviços mais eficientes aos condutores, o atendimento virtual colocará fim aos processos físicos. Atualmente os serviços de transferência de veículos, licenciamento e emissão da primeira Carteira Nacional de Habilitação (CNH), recursos de infrações e credenciamento de empresas podem ser feitos de forma on-line.

Entre as medidas adotadas para tornar mais ágil o atendimento aos usuários está a adesão ao Sistema de Notificação Eletrônica (SNE). A partir da utilização do serviço, o proprietário de veículos recebe notificações de forma eletrônica e pode obter descontos

no pagamento das infrações de trânsito no próprio aplicativo ou solução web.

Em 2019 o governador João Azevêdo lançou a estratégia de Governo Digital da Paraíba. O objetivo é oferecer um serviço público de qualidade, com menos gasto de tempo e dinheiro por parte do cidadão, para melhorar a vida daqueles que vivem e trabalham no estado.

Nesse processo de digitalização há destaque para alguns marcos, a exemplo da implantação do Sistema Integrado de Contabilidade (SIC), em 1993; do Sistema Integrado de Governança do Estado (SIGE), em 2011; do Sistema Integrado de Orçamento e Planejamento (SIOP), em 2013; e marcos mais recentes, como a implantação do Portal da Cidadania, em 2017; o Governo Digital, em 2019, agrupando mais de 100 serviços públicos para o cidadão; o PBDoc, em 2020, sendo um sistema de produção, gestão, tramitação, armazenamento e preservação de documentos; a Jucep,

bem como o RG Digital.

O ano de 2020 também marcou a participação virtual da população no Orçamento Democrático Estadual (ODE). Este ano a população poderá votar nas demandas prioritárias para o orçamento e Plano Plurianual (PPA) 2024/2027.

Estratégia

Em 2019 João Azevêdo lançou a estratégia de Governo Digital da Paraíba. O objetivo é oferecer um serviço público de qualidade, com menos gasto de tempo e dinheiro por parte do cidadão

Foto: Iluska Cavalcante



Detran tem investido em tecnologia para tornar totalmente digitais os serviços oferecidos pelo órgão

Acompanhamento de processos em tempo real

Na Paraíba Previdência (PBPrev) os servidores estaduais têm acesso a todos os serviços no site www.pbprev.pb.gov.br, onde é possível realizar desde o agendamento para atendimento presencial até a entrada de pedido de aposentadoria. O site dispõe de *check list* dos documentos necessários a cada pleito em particular. Através do e-mail atendimento@pbprev.pb.gov.br, é possível ingressar com pedido de aposentadoria, pensão por morte, isenção de imposto de renda e pedido de fichas financeiras.

Outro importante canal de comunicação da PBPrev com o público em geral é o WhatsApp. Através do número +83 98130-8505 é possível tirar dúvidas, ter acesso

a movimentação processual, além apresentar documentos. Todos os processos que tramitam na autarquia podem ser acompanhados no site da PBPrev. Na aba "tramitação processual" é possível ter acesso a tramitação do pleito em tempo real.

"Existe projeto visando melhorias no parque tecnológico da PBPrev com o fim de apresentar ferramentas mais personalizadas aos segurados e beneficiários do ente previdenciário, buscando sempre prestar um serviço de excelência. É uma necessidade que se impõe na realidade atual, uma vez que praticamente todas as pessoas dispõem de acesso à internet e *smartphone* o que possibilita maior proximidade entre o

ente previdenciário e o segurado/ beneficiário", explicou o presidente da PBPrev, José Antônio Coêlho Cavalcanti.

Ele ressalta que neste ano a autarquia atingiu dois dos mais importantes objetivos junto ao Ministério da Previdência: CRP administrativo e Certificação no Pró Gestão. O presidente acrescenta que em maio deste ano, após 13 renovações sob o amparo de decisão judicial, a PBPrev conseguiu a emissão do Certificado de Regularidade Previdenciária na modalidade administrativa.

"O que comprovadamente denota o cumprimento dos 25 critérios impostos pelo Governo Federal por meio da Portaria MTP 1.467/2022, e traz ao Estado da Paraíba re-

conhecimento dos atos praticados no tocante a previdência do servidor estadual", avaliou o presidente.

Site

Na PBPrev os servidores têm acesso a todos os serviços no site, onde é possível realizar até a entrada de pedido de aposentadoria

UN Informe

Ricco Farias
 papiroeletronico@hotmail.com

GALDINO: "NÃO TENHO DÚVIDAS DE QUE TOVAR VAI CAMINHAR JUNTO COM A BASE DO GOVERNO"



Foto: ALPB

São bem distintas as versões da oposição e da base governista na ALPB quanto às especulações dando conta da possibilidade de adesão do deputado estadual Tovar Correia Lima (PSDB) ao governo João Azevêdo. Em recente entrevista a uma emissora de TV de Campina Grande, o presidente do Legislativo estadual, deputado Adriano Galdino (foto, do Republicanos), que foi o primeiro político a ventilar a possível vinda de Tovar à base, revelou que as tratativas nesse sentido "começaram a uns três meses". E completou: "Não tenho dúvidas de que Tovar vai caminhar junto com a base do governo". Já o companheiro de partido de Tovar, deputado Fábio Ramalho, tem outra versão sobre o assunto: "O que ouvi do deputado Tovar foi exatamente isso: a permanência no grupo [da oposição]". O deputado tucano despachou, em audiência, com João Azevêdo, na Granja Santana, fato este que alimentou as especulações sobre a adesão dele à base governista.

"DEVERIA SER NATURAL"

Já o deputado Tovar Correia Lima mantém a narrativa de que sua audiência com João Azevêdo se insere em um novo modo de fazer política, em que um parlamentar, mesmo estando na oposição, tem acesso ao governador. Ele afirma que a imprensa fez "todo um estardalhaço" por causa da audiência, mas pontuou que "deveria ser natural" esse tipo de encontro.

CONVERSA "MUITO RÁPIDA"

Secretário estadual de Saúde – e um dos nomes do PSB para a disputa pela Prefeitura de Campina Grande – Jhony Bezerra (PSB) se reportou ao encontro que teve com o deputado federal Romero Rodrigues (Podemos), em Campina Grande: "Conversamos de forma muito rápida, não houve uma pauta política", assegurou.

"DE PORTAS ABERTAS"

Contudo, Jhony Bezerra, após dizer que solicitou "a Romero investimentos de emenda parlamentar para o Hospital de Clínicas de Campina Grande", afirmou que o seu grupo político está "de portas abertas para o deputado Romero". No Calçadão da Cardoso Vieira, na 'Rainha da Borborema', houve que cravasse a chapa Romero/Jhony.

FUNDO FOI "ENGORDADO"

Os partidos terão aporte financeiro maior em 2024 para o Fundo Partidário: R\$ 1,2 bilhões. Os recursos foram aprovados pelo plenário do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). O valor é um pouco maior do que o deste ano, que foi de R\$ 1,185 milhões. O Fundo Partidário é uma das fontes de financiamento público dos partidos políticos.

CONCESSÃO DE RODOVIAS

Está em estudo pelo Governo Federal a possibilidade de as BRs 101, 116, 230 e 304, que cortam a Paraíba, serem entregues à iniciativa privada, por meio de concessões. Caso o governo aprove a viabilidade dessa operação, os custos de manutenção das estradas passarão a ser feitos pelas empresas, que cobrarão pedágios com esta finalidade.

TCE E SENADO: SEMINÁRIO SOBRE "TRANSPARÊNCIA DE EMENDAS"

No próximo dia 21, haverá o Seminário "Transparência e Transferência das Emendas Parlamentares", no Centro Cultural Ariano Suassuna, do TCE-PB, em João Pessoa. O evento será aberto pelo presidente da corte de contas, conselheiro Nominando Diniz, e pela senadora Daniela Ribeiro (PSD). O foco dos debates serão as 'Emendas Pix', como são chamadas as transferências por senadores e deputados de recursos federais para estados e municípios.

Kalyne Lima

Presidenta Nacional da Cufa

“A iniciativa privada precisa assumir sua responsabilidade”



Jornalista e presidenta nacional da Cufa comenta sobre as desigualdades nos territórios periféricos do país

Taty Valéria
tatyana.valeria@gmail.com

Jornalista de formação, Kalyne Lima enveredou pela militância nos movimentos sociais ainda na adolescência. Em 2008 começou a fazer parte da Central Única das Favelas – Cufa na Paraíba e, em 2023, foi nomeada presidenta nacional da instituição.

Em entrevista ao Jornal A União, Kalyne Lima conta um pouco da sua trajetória, quais os momentos mais difíceis enfrentados pela organização e anuncia a Expo Favela Innovation Brasil, evento que tem por objetivo impulsionar o empreendedorismo dentro de favelas e comunidades. Em sua segunda edição, a Expo Favela Innovation irá ocorrer em 20 estados brasileiros, incluindo a Paraíba.

A entrevista

■ *Você faz parte da Cufa há 17 anos. De onde partiu a decisão de fazer parte desse movimento?*

Faço parte de movimentos sociais desde os meus 16 anos de idade. Sou de uma geração em que os movimentos sociais eram transversais, então, eu fazia parte do *hip hop*, do movimento de mulheres, do movimento negro, LGBT... porque, de certa forma, as pautas eram semelhantes dentro dessa construção de militância.

Em algum momento dessa minha trajetória, conheci Celso Athayde (fundador da Cufa), e na ocasião, me convidou para fundar a Cufa aqui na Paraíba. Não aceitei de imediato porque estava com outros trabalhos, outras perspectivas, mas conhecendo mais profundamente a instituição, eu entendi que seria uma boa oportunidade para a gente desenvolver ações sociais aqui na Paraíba. Então, em 2008, fundei a Cufa aqui no estado.

■ *Durante esse tempo, é possível apontar qual foi o período mais delicado em relação à sua atuação na Cufa?*

Entre 2012 e 2014, houve uma grande recessão mundial e a perspectiva era de que países como Brasil sofressem muito e que tivéssemos uma diminuição de investimentos em todas as áreas. Obviamente, a área social é muito penalizada e, enquanto organização social, muitas vezes dependemos de incentivos do poder público e da iniciativa privada, que pelo menos aqui na Paraíba, não atua de forma satisfatória em relação à sua responsabilidade social. Na ocasião, sofremos um retrocesso muito grande. Perdemos CNPJ, perdemos a sede que tínhamos (que era alugada), várias pessoas acabaram se afastando porque precisaram priorizar suas vidas particulares.

Um segundo momento muito difícil foi, sem dúvida, durante a pandemia da Covid-19. Mas de forma surpreendente, ao tempo que vivíamos uma grande tragédia coletiva, encontramos caminhos muito potentes de reação. Ampliamos o número de voluntários, o número de territórios atendidos, passamos a ter um posicionamento na sociedade onde as pessoas reconheciam a Cufa como uma instituição de muita relevância na assistência social (que nunca foi nosso foco. Passamos a prestar assistência social durante



Vamos ter uma edição da ExpoFavela em Paris e há chance de fazermos em Lisboa e Nova York

Kalyne Lima

a pandemia). Quanto maior a representação, maior a responsabilidade e cobrança.

■ *Em abril desse ano, você foi nomeada presidenta nacional da Central Única das Favelas. Você esperava por isso? O que essa indicação representou para você, enquanto ativista, mulher e nordestina?*

Antes é preciso saber como a Cufa funciona internamente. Ela tem uma gestão nacional, que surge no Rio de Janeiro, e essa equipe funciona como um grande guarda-chuva, porém, todos os estados possuem autonomia plena e sempre tivemos essa expectativa de presidência e vice-presidência, inclusive, eu sou a sexta mulher a assumir a presidência da Cufa, sendo que essa função só tomou esse destaque a partir da pandemia da Covid-19.

Dentro da instituição é tudo muito horizontalizado porque os estados têm sua autonomia e fazem a própria gestão, de acordo com as especificidades de cada região e localidade. Talvez esse seja o melhor mo-

mento para ser presidente da Cufa porque estou tendo a oportunidade de circular pelo país, mas digo que é uma missão. Não é algo que me preparei porque para nós, isso não tem relevância. É mais sobre uma estrutura que apresentamos à sociedade: ter uma interlocutora, uma representante que possa estar na mídia, participar de reuniões e representar em atividades. Então, seguramente não é algo que eu me projetei, mas é uma missão. Daqui a pouco a roda gira e outra pessoa irá assumir a função. O que temos definido é uma equidade de gênero dentro dessas funções de liderança, com foco nas regiões Norte e Nordeste.

■ *Em setembro próximo, acontecerá a segunda edição da Expo Favela Innovation Brasil. Conta um pouco sobre o que é este evento.*

A Expo Favela é uma resposta, um caminho que se aponta. Depois da pandemia de Covid-19, vimos o grande abismo social que se aprofunda no país. Somos um país com 18 milhões de pessoas morando em favelas. No início da pandemia, o DataFavela, que é o instituto de pesquisa especializado nesses territórios, fez uma pesquisa em 1.400 favelas no Brasil e lembro que um dos dados mais dramáticos era sobre a diminuição da renda dessa população. As pessoas que realizavam o trabalho autônomo e informal, perderam essa oportunidade durante a pandemia.

Temos como legado desenvolver projetos de fomento nesses territórios, e pensamos no que poderíamos fazer. Uma outra pesquisa do DataFavela aponta que 90% da população adulta de favelas já empreendeu, empreende, ou deseja empreender. Ou seja, o empreendedorismo na favela sempre existiu. Então, entendemos que essa empreendedora e esse empreendedor têm muito de inovação e tecnologia porque eles conseguem empreender nas situações mais adversas possíveis. São saberes que muitas vezes não são validados por outros setores da sociedade, que desconhecem as estratégias e caminhos adotados.

Chegou o momento de impulsionar esse empreendedorismo de forma mais consistente e visível, e a Expo Favela surge nessa perspectiva. A primeira edição aconteceu em São Paulo e foi um sucesso! Conseguimos agregar todos os estados do Brasil, atraímos mais de 40 mil visitantes, fizemos um *reality show* e oferecemos uma premiação incrível. Além da jornada desses empreendedores, se tornaram parte de um radar composto pela Cufa, Escola de Negócios da Favela, através da Fundação Dom Cabral, e Favela Fundos, e passam a ter seus negócios acelerados.

■ *Na edição desse ano, a Expo Favela Innovation Brasil vai acontecer em 20 estados, incluindo a Paraíba, e no Distrito Federal. Como foi a ideia de ampliar a área de abrangência do evento?*

A partir da experiência do primeiro ano, criamos uma estratégia

para oportunizar mais pessoas dos estados e dar iguais condições. Na primeira edição, a Paraíba conseguiu selecionar três empreendimentos em detrimento de outros estados que tiveram cerca de 50 projetos selecionados. Nesta edição, cada estado irá selecionar 10 finalistas e eles irão para São Paulo no final do ano. Seguindo essa perspectiva, o que temos encontrado é muito mais do que pudemos projetar sobre a potência da favela, porque são empreendimentos inovadores, com tecnologia. Inclusive, o vencedor da última edição foi um aplicativo de proteção às mulheres, onde sua interface é uma loja de cosméticos e cada item representava um tipo de ajuda que a vítima poderia acionar. Foi idealizado por um jovem, filho de uma mulher vítima de violência doméstica.

Claro que estamos em um Brasil com vários “brasis” dentro e as favelas do Rio de Janeiro e de São Paulo são diferentes das favelas da Paraíba, que é diferente da favela do Ceará, inclusive, em relação ao acesso à tecnologia. Mas todos os estados possuem uma amostra extremamente potente de pessoas engajadas em empreender de maneira muito criativa e inovadora, e a Expo Favela mostra isso ao Brasil.

■ *Como será a Expo Favela Innovation Brasil aqui na Paraíba? Onde vai acontecer?*

Aqui na Paraíba, a Expo Favela Innovation Brasil acontece de 22 a 24 de setembro, no Espaço Cultural. Na sexta, dia 22, será a solenidade de abertura, com a presença de autoridades, lideranças de favelas, convidados, artistas; e a feira acontece no sábado e domingo (23 e 24) das 9h às 17h, com entrada gratuita.

Importante lembrar que os expositores não irão comercializar seus serviços ou produtos. Ele irá apresentar, ou seja, será um competidor. Mas iremos realizar uma feirinha de comercialização com empreendedores que talvez não tenham se inscrito ou fazem parte de uma outra vertente, mas será com os moradores de favelas, comunidades e periferia. O objetivo é que possamos convergir saberes: com oficinas, *whorshops*, mentorias, painéis, instalações artísticas. Uma infinidade de atividades.

■ *Na edição de 2022, foram 20 mil inscritos, 500 expositores, e mais de 30 mil visitantes, fora as mais de 300 pessoas que trabalharam na estrutura do evento. Qual a expectativa para a edição desse ano?*

Em todo o Brasil, a expectativa é dobrar esses números, juntando todas as etapas pelo país. A perspectiva de público também é alta, já que estamos indo para um lugar maior em relação ao ano passado. A ideia é que consigamos agregar cada vez mais pessoas, tanto que em 2024 iremos ter uma edição internacional da Expo Favela, que irá acontecer em Paris, com possibilidade de realizarmos edições em Lisboa e em Nova York. As novidades fazem parte do relançamento da Cufa Global, que existe desde 2015 e está presen-

te em seis países, além do Brasil. O céu é o limite!

■ *Os resultados da Expo Favela Innovation Brasil mostram que as favelas e comunidades periféricas possuem um potencial econômico e social muito fortes, mas ainda pouco explorados. Quais os caminhos possíveis para uma mudança de cultura em relação ao desenvolvimento dessas comunidades?*

O caminho possível é nos tornarmos uma sociedade menos preconceituosa, menos discriminatória, e isso acontece quando promovemos diálogos. A Cufa provoca essa reflexão, por exemplo: há pouco menos de dois meses, lançamos a Frente Parlamentar em Defesa das Favelas e Respeito à Cidadania de seus Moradores, com o objetivo de pensar em políticas públicas de âmbito nacional para o desenvolvimento das favelas. A ideia é que os parlamentares concentrem esforços em torno de projetos de lei sobre urbanização, educação, empreendedorismo e segurança voltados às comunidades. É um instrumento poderosíssimo para que possamos quebrar esses estigmas, especialmente, aqui na Paraíba, um estado muito preconceituoso em relação ao termo “favela”, o que para o IBGE, e para nós, significa aglomerados subnormais, que são territórios vulneráveis. O fato das pessoas terem saído da lona e vindo morar num conjunto habitacional é uma política pública que promove um avanço social, mas o desemprego é permanente, a estrutura da educação continua a mesma, o acesso à saúde e à mobilidade urbana continuam as mesmas. Em resumo: a condição social e econômica das pessoas continua a mesma, com um pouco mais de segurança, que é importante, mas não é só desse avanço social que precisamos.

A sociedade civil e a iniciativa privada precisam ter responsabilidade social porque as empresas estão, sim, na favela com seus serviços e produtos. O poder público está aqui com suas políticas públicas, mas é preciso que elas sejam efetivadas de forma eficiente para que o serviço e o investimento feitos atinjam, de fato, a necessidade dessa população. E nós, enquanto sociedade organizada, estamos provocando, acompanhando, monitorando e fiscalizando essas instituições públicas. Não vejo outro futuro, que promova justiça social, igualdade e oportunidades, senão, essa que é transversal e coletiva.



Os empreendedores ou competidores podem se inscrever na Expo Favela pelo QR Code

DIA DOS PAIS

Exemplos de força, amor e dedicação

No dia voltado à paternidade, quatro homens falam da experiência de criar os filhos com doação e afeto

Carol Cassoli
carol.cassoli@gmail.com

Existem inúmeras formas de amar, incontáveis meios para se demonstrar amor e, em um país em que, todos os dias, centenas de crianças não têm o reconhecimento paterno no registro de nascimento, assumir a paternidade é uma delas. Neste Dia dos Pais, o *Jornal A União* conta, dentre tantos pais, a história de quatro deles; pais que, à sua maneira, são modelos de força, amor e dedicação.

A máxima diz que pai é quem cria. Mas não se trata apenas de criar. A paternidade é um processo que vai além e extrapola as barreiras da convenção social através de companheirismo, respeito, investimento psicológico e muita disponibilidade emocional. Por isso, quando se faz um balanço sobre a paternidade, quem é pai afirma: embora o processo seja natural, ele é fruto de muito esforço.

Mesmo o processo só tendo se concluído há quatro anos, para o professor de antropologia Pedro Guedes, a paternidade era um desejo antigo e muito anterior às formalidades da adoção. Ao iniciar seu relacionamento com o advogado Maurício Costa há 14 anos, o antropólogo prontamente informou ao companheiro sobre seu sonho. É que, embora ainda não existissem as condições próprias para a criação de uma pessoa, em algum momento a paternidade demandaria mais do que apenas o desejo existente em seu coração. “Sempre foi uma vontade e, felizmente, Maurício respondeu que esse plano também cabia no futuro dele. Era uma vontade nossa”, conta Pedro.

Com o tempo e a realização de projetos pessoais e profissionais, o casal percebeu que estava na hora de aumentar a família, conforme conversado anos antes. Assim, em 2018, teve início um processo que se concretizaria em janeiro de 2019, com a adoção de Robson e Roberta, um casal de irmãos que ensinaram (e ainda ensinam diariamente) a Pedro e a Maurício o que é ser pai. “Não havia medo. Havia preocupações, mas acredito que isso seja comum. De fato, estávamos abertos à história dessas crianças e abraçamos todos os desdobramentos decorrentes dela”, relata Maurício.

Driblando dificuldades

Na paternidade, no entanto, assim como em grande parte das situações na vida, não é possível prever as coisas e, em meio a acontecimentos diversos e o preconceito escancarado da sociedade, Pedro, Maurício, Robson e Roberta têm se esforçado para driblar as dificuldades, resignificá-las e mudar o mundo para melhor, com amor e luta. “Hoje, eu percebo muito claramente que, depois que eles existem em nossa vida, o que muda é nossa percepção. Antes eu tinha um desejo mais abstrato do que era ser pai e, hoje, isso se transformou em algo maior. Este é um afeto construído e, a cada dia, sou mais pai... mas eu continuo tentando entender o que isso quer dizer também”.

Para Maurício, ser pai é doação. “Eu não consigo mais me ver sem ser pai deles. Eles são parte de mim. E todo esse processo começou com a adoção”, afirma Maurício ao incentivar a adoção, sobretudo a de crianças mais velhas, como seus filhos, que chegaram à família depois de completarem 10 anos.

Um vovô que passou a ser chamado de papai

Nos últimos cinco anos, em média 470 crianças brasileiras foram registradas apenas com o nome da mãe na certidão de nascimento, segundo a Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais (Arpen). De acordo com o Conselho Nacional de Justiça, apenas em 2023, mais de 60 mil crianças foram registradas sem o nome do pai. Enquanto o Dia dos Pais é sinônimo de ausência para milhões de brasileiros, para outros, esta é uma data a se celebrar; uma oportunidade de lembrar os sonhos que se concretizaram nos últimos tempos e a dedicação para a construção de uma sociedade melhor a partir das novas gerações.

Após criar três filhos, o fotógrafo Guy Joseph se encontrou, mais uma vez, com o desafio da paternidade. Quando viu sua neta, Luna, de poucos meses, perder o pai inesperadamente, em uma tragédia de trânsito durante a pandemia, o fotógrafo não pensou duas vezes antes de assumir as responsabilidades junto à criança. Luna e a mãe, então, ficaram em sua casa e, naturalmente, os encargos de avô se aglutinaram aos de pai e, tal qual na canção do paraibano Zé

Ramalho, o fotógrafo se tornou “avôhai” da bebê.

“Daí, com a convivência e ouvindo a sua mãe me chamar de pai, ela entendeu que deveria me chamar também de pai! Com pouco mais de dois anos, ela me chama de pai, às vezes de avô e até pelo meu nome próprio”, conta o avô da garotinha, que hoje tem quase três anos.

Apesar de cumprir com as incumbências da paternidade, no entanto, Guy afirma que, ao longo da vida, suas ações como pai sempre fugiram dos clichês relacionados a este vínculo social. “Procuro passar tudo o que aprendi com a minha própria educação, no que se refere a ser uma pessoa verdadeira, ética e fiel aos meus princípios”, relata.

Com seus 76 anos recém completados, três filhos criados e três netas, de 12, oito e dois anos, Guy explica que, ao contrário de grande parte das pessoas, não procura impor suas crenças, seu time do peito ou sua orientação política, por exemplo, aos filhos. Isto porque, no que tange à individualidade de cada um, Guy busca apenas respeitar. “Não me considero a melhor pessoa, para definir o que seja ser pai, simplesmente, fui sendo!”, diz.



Foto: Arquivo Pessoal

A neta Luna fez Guy Joseph se reencontrar com a paternidade

A primeira comemoração de uma data especial

■ Mesmo com pouco tempo de experiência, o pai de primeira viagem garante que ter o sonho da paternidade realizado é algo imensurável

Quando soube que a esposa estava grávida, o professor Jonathan Lopes, de 26 anos, já sabia que seria pai da pequena Manuela. Ainda que ninguém entendesse como, a certeza de que, na segunda gestação de sua esposa, veria o nascimento de uma menina se instalou em seu coração. E assim foi. No dia 14 de abril deste ano, Manuela veio ao mundo para que Jonathan comemorasse pela primeira vez o Dia dos Pais. “Em 2021, me tornei pai de Pedro, um rapazinho que, após uma gestação intrauterina, in-

felizmente não está conosco. Por isso, esse é o primeiro Dia dos Pais que comemoro”, explica.

Ao resumir a paternidade em uma intensa e desafiadora experiência de amor e alegria, Jonathan lembra que a garotinha chegou à família às 5h de uma chuvosa manhã de sexta-feira. “Manuela nasceu no dia do café. Eu amo café. Agora tenho dois motivos para comemorar”, brinca.

Mesmo com pouco tempo de experiência, o pai de primeira viagem garante que ter esse sonho realizado é algo imensurável.

“Ser pai, tem sido amor. Aquele amor decidido, aquele amor que você faz e depois pensa, que não mede esforços para conseguir o mais simples, o que o bebê precisa. É difícil explicar, mas essa é minha filha e paternidade para mim é isso”, conta o professor que, se emociona ao tentar traduzir em palavras o sentimento que transborda em sua voz todas as vezes que pensa que a paternidade se fez física em seus braços com o nascimento da bebê de fartas bochechinhas que, amanhã, completa quatro meses.

Foto: Stefanie Sales/Divulgação



Foto: Arquivo Pessoal



Foto: Arquivo Pessoal



Em abril deste ano, Manuela veio ao mundo para que o professor Jonathan Lopes comemorasse hoje, pela primeira vez, o Dia dos Pais

PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES

Terapias para cura emocional e física

Tratamentos alternativos usam recursos baseados em conhecimentos tradicionais para prevenção e melhora da saúde

Juliana Cavaleanti/
julianacavaleanti@epc.pb.gov.br

Ansiedade, dores, infecções, inflamações, estresse, depressão, sobrepeso, e até mesmo dores crônicas, estão entre os problemas de saúde citados pelos pacientes das chamadas terapias alternativas. Seus benefícios incluem curas para questões físicas e emocionais se realizadas de forma contínua.

As Práticas Integrativas e Complementares (PICS) são tratamentos que utilizam recursos terapêuticos baseados em conhecimentos tradicionais, voltados para prevenir diversas doenças como depressão e hipertensão e a recuperação da saúde de forma natural. Em alguns casos, também podem ser usados como tratamentos paliativos de doenças crônicas.

A ênfase destes tratamentos é a escuta acolhedora, no

desenvolvimento do vínculo terapêutico e na integração do ser humano com o meio ambiente e a sociedade. As práticas foram institucionalizadas pela Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS (PNPIC) e atualmente o Sistema Único de Saúde oferece, de forma integral e gratuita, 29 procedimentos de PICS à população.

A terapia alternativa é formada por abordagens terapêuticas integrativas e complementares aos métodos convencionais, ou seja, podem atuar associados ao tratamento médico, mas também podem ser utilizados de forma preventiva, simplesmente para promover o bem-estar. Algumas dessas terapias já são reconhecidas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e são opções para quem busca uma abordagem não medicamentosa ou que queira complementar os efei-

Benefícios

As terapias alternativas são abordagens terapêuticas integrativas e complementares aos métodos convencionais, mas também podem ser utilizadas de forma preventiva para promover o bem-estar

tos dos medicamentos.

As terapias alternativas podem ser recomendadas para tratar o estresse; dores musculares; dores crônicas; enxaqueca; depressão; ansiedade; episódios de pânico; insônia; distúrbios gastrointestinais;

problemas de hipertensão; entre outros. Além disso, seus praticantes e profissionais defendem outras melhorias como maior autoconhecimento, principalmente no que se refere aos limites individuais; controle do humor; aumento da autoesti-

ma; mais disposição para as atividades do dia a dia; melhoria na qualidade do sono; mais calma e controle emocional para lidar com momentos de crise.

Na cidade de João Pessoa, especificamente, dois espaços, realizam terapias alternativas

totalmente gratuitas: o Centro de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde “Equilíbrio do Ser”, no bairro dos Bancários, e o Centro de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde “Canto da Harmonia”, no Valentina.



Em João Pessoa, dois espaços oferecem terapias alternativas totalmente gratuitas

Foto: Roberto Guedes

Referência nacional na oferta de PICS na Atenção Especializada

O Equilíbrio do Ser é um dos pontos da Rede de Atenção Especializada da Secretaria Municipal de Saúde de João Pessoa, cujo serviço oferta diversas modalidades de PICS. Fundado em 2012, o espaço é uma referência nacional no que diz respeito à oferta de PICS na Atenção Especializada.

Os serviços incluem escuta acolhedora, a medicina tradicional chinesa (acupuntura, auriculoterapia, moxa e ventosaterapia), terapia floral, fitoterapia, osteopatia, aromaterapia, cromoterapia, reiki, shiatsu e reflexologia (Quiroreflexologia). Já as práticas coletivas e grupos terapêuticos, incluem a constelação familiar, a terapia comunitária integrativa, fitoterapia, meditação, o resgate da autoestima, tai chi chuan, yoga, arte e vida (arteterapia), dança do ser, o movimento terapêutico (alongamento e relaxamento), oficina Terapêutica de Fitoterapia, permacultura (plantas medicinais), vida simples (meditação/EFT) e a nutrição integrativa.

O serviço ocorre de demanda espontânea e/ou encaminhado pela Unidade de Saúde da Família (USF). O local funciona na Rua João Batista Maia, de segunda a sexta-feira, das 8h às 12h e das 13h às 17h. O primeiro atendimento é a escuta terapêutica e ocorre de segunda a quinta-feira. Reco-

menda-se comparecer das 8h às 9h e das 13h às 14h, pois este atendimento é por ordem de chegada, respeitando os preferenciais. Informações pelo telefone: (83) 3214-3502 (WhatsApp – apenas mensagens de texto) e (83) 9.8202-1572.

Canto da Harmonia

Já o CPICS Canto da Harmonia também é um serviço do SUS vinculado à Secretaria Municipal de Saúde da capital, fundado em 2012, onde são ofertados cuidados integrais, dedicados àqueles que buscam se conhecer melhor e optam por práticas terapêuticas que os colocam como sujeitos ativos dos seus processos de conquista da saúde, buscando o autocuidado. Os interessados podem procurar diretamente o espaço para conhecer o tratamento mais adequado, mas também podem ser encaminhados pela USF próxima ao local onde moram. Ao chegar no Canto da Harmonia, o usuário passará por escuta terapêutica, onde irá relatar suas queixas (saúde mental, dor crônica, etc) e de acordo com a necessidade será elaborado seu tratamento terapêutico com as práticas que podem ser individuais e/ou coletivas, além da quantidade de vezes que o tratamento acontecerá na semana.

De acordo com a diretora do Canto da Harmonia, Greicy Bernardo, o espaço

conta com grupos coletivos de segunda a sexta, e atendimentos individuais realizados por hora marcada. As terapias individuais são: acupuntura, auriculoterapia, barra de access, aromaterapia, cromoterapia, reiki, terapia floral, massoterapia, ventosaterapia, reflexologia podal, moxa bustão e fitoterapia.

Já as terapias coletivas são: biodança, relaxamento, meditação, acolhimento da criança interior, quatro elementos, tai chi chuan (adulto e infantojuvenil), dançaterapia, resgate de autoestima, resgate do amor próprio e constelação familiar. “Durante a semana temos os grupos coletivos que têm cerca de 30 pessoas de segunda a sexta. Temos ainda sete terapeutas holísticos, cada um atende cerca de oito pessoas por dia (agendado). Fora as pessoas que estão chegando pela primeira vez no serviço - de sete a 12 pessoas por dia. Por semana passam mais de 100 usuários no Canto da Harmonia e mais de 400 por mês”, descreveu.

O atendimento é para pessoas acima de oito anos e o maior público é o feminino acima dos 20 anos. A maior parte da procura é para o tratamento da ansiedade. O local funciona das 8h às 12h e das 13h às 17h, na Rua Ulisses Alves Pequeno, sem número (ao lado da Praça Soares Madruga).

Acompanhamento conjunto para enfrentar a ansiedade e o estresse

Neusete Moura, tem 62 anos e desde 2020 frequenta o CPICS Canto da Harmonia no Valentina. Antes de ir, já procurava um local onde pudesse tratar a ansiedade e o estresse, mas ainda não fazia tratamento com o psiquiatra.

Em 2020, procurou o espaço para fazer a escuta e hoje realiza um tratamento em conjunto, ou seja, tanto utilizando as medicações prescritas pelo seu médico, como indo regularmente ao Canto da Harmonia, onde já participou de relaxamento, dançaterapia e hoje faz auriculoterapia. “Além dos remédios indicados pelo médico, aqui sou sempre acompanhada pela terapeuta. Para cuidar da minha ansiedade, tive que fazer esse tratamento de forma contínua. Passei a ter muito mais alegria e todas as vezes saio daqui renovada”, elogia.

Conforme a terapeuta holística, Ana Patrícia Brasileiro, as terapias alternativas auxiliam nos problemas psicológicos e emocionais de forma complementar buscando principalmente trazer o amor próprio, a autoestima e autoajuda. Para ela, a maior vantagem dessas terapias é que elas são totalmente naturais, não criam dependência e quando são feitas de forma preventiva (meditação ou dançaterapia) seus benefícios são ainda maiores.

“Além dos tratamentos realizados aqui, utilizamos também florais e a aromaterapia (óleos essenciais) para trabalhar no campo vibracional da pessoa. A maioria dos problemas é emocional e tentamos buscar profundamente tratando a pessoa de dentro para fora”, ressaltou.

Tanto no Equilíbrio do Ser como no Canto da Harmonia o usuário para ser atendido deve apresentar RG, CPF, Cartão SUS e comprovante de residência.

Afya Centro Holístico

Joelma de Oliveira é administradora da Afya Centro Holístico da Mulher, Ong localizada no Alto do Mateus, em João Pessoa, que oferece tratamentos alternativos que promovem a autocura e a prevenção de doenças. Também, organiza oficinas e cursos para a promoção da saúde holística e do corpo, além de promover ações educativas sobre o cuidado do meio ambiente e o conhecimento da natureza.

A ansiedade e depressão são os problemas mais citados entre as pessoas que procuram o local. As terapias acontecem por agendamento e discutem questões físicas e emocionais, desde a ansiedade até a insatisfação com o peso. No local, são cobradas taxas para a manutenção do espaço, de acordo com a terapia oferecida. São atendidas pessoas de todas as idades, apesar da maior procura ser das mulheres.

A Afya atua na medicina natural e holística, com atividades que ajudam a melhorar a saúde física e mental, estimulando o autoconhecimento e a elevação da autoestima. “Trabalhamos com bebês, crianças, adolescentes, adultos e idosos. A maior parte dos frequentadores é de adolescente (13 e 14 anos com início de ansiedade e depressão) e adultos com mais de 20 anos que já estão com o estresse do trabalho, casamentos, separações e perdas familiares”, disse.

As terapias holísticas oferecidas são: massagem aromática, auriculoterapia, argiloterapia, argiloterapia reflexa, massagem desportiva, massagem oriental, reflexologia podal, limpeza auricular c/cone chinês, massagem c/pedras quentes, quick massage, arteterapia & experiência somática, método bioenergético, experiência somática, limpeza energética, reiki e constelação familiar.



Foto: Roberto Guedes

Antes eu me sentia pra baixo, ansiosa, e hoje não deixo de vir nenhum dia marcado porque esses tratamentos mudaram minha vida

Neusete Moura



Foto: Roberto Guedes

Se a pessoa estiver doente precisa ser acompanhada pelo médico, com a medicação adequada, e o terapeuta holístico vai complementar

Ana Patrícia Brasileiro



Foto: Roberto Guedes

Centro atende de sete a 12 pessoas por dia. Por semana, são mais de 100 usuários

MEMÓRIA VIVA

Uma galeria de arte ao ar livre

Obras de arte e monumentos dispostos em vários pontos da cidade transformam a relação dos moradores com as artes

Fernanda Dantas
 Especial para A União

Basta dar uma volta pelos principais pontos da capital paraibana que é possível se deparar com diversos monumentos artísticos construindo a identidade visual da cidade. Assim como o município que nasceu às margens de um rio e se expandiu até o mar, se pode apreciar, desde o Centro até o Litoral, ícones da arte paraibana sem precisar pisar em alguma exposição de arte.

De acordo com a professora do Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e pós-doutora em História, Sabrina Melo, o direito à arte pode ser discutido a partir da presença dessas obras no espaço público. Para ela, as obras que são acessíveis a todos que transitam pelos locais, sem distinção social e de classes e transformam o espaço urbano em uma galeria aberta à expressão artística e criativa dos artistas. Segundo a especialista, “muitas obras de arte em locais públicos tornam-se patrimônio cultural da cidade, contam parte da história e constroem a memória coletiva da cidade”, sendo “mais do que simples representações estáticas do passado, essas obras são lugares vivos de memórias”, complementou.

Sabrina Melo também criticou a ausência de artistas mulheres na arte pública de João Pessoa e chamou atenção para a necessidade de preservação, divulgação e gestão das obras pelo poder público. Sabrina ressaltou a importância de que elas estejam realmente acessíveis à comunidade. “É importante disponibilizar informações sobre autoria, técnica e datação das obras porque pode despertar o interesse das pessoas e incentivá-las a buscar mais informações sobre as obras de arte”, finalizou.

Apesar desta grande galeria urbana ser vista diariamente por milhares de pessoas, o número de pessoenses que conhecem o significado por trás das esculturas dispostas não é tão expressivo. Por muitas vezes, a desinformação acaba criando um misticismo em cima de cada história.

Esse é o caso do “Porteiro do Inferno”, escultura feita pelo renomado artista Fernando Jackson Ribeiro em 1967 e cercada de polêmicas desde então. Apesar das especulações devido ao apelido amedrontador, seu “nome de batismo”, dado por Ribeiro era apenas “Porteiro” e não tinha nenhum significado demoníaco por trás de sua criação. Na verdade, a estátua de ferro era um presente para o Governo da Paraíba, que forneceu condições para ele voar até a Espanha, a fim de receber um prêmio especial. O complemento do nome foi dado pelo poeta Virgínius da Gama e Melo, que saudava a escultura como “Cérbero”, alusão ao cão de três cabeças, guardião de Hades, Deus do submundo segundo a mitologia grega. A partir disso, rumores e protestos contra a existência do pobre porteiro vieram de lideranças religiosas, fazendo o guardião



“Saudação ao sol” (à esq.) faz referência à capital. O monumento “A pedra do reino” immortalizou em arte a obra de Ariano



Fotos: Onílio Antônio

“

Mais do que representações estáticas do passado, essas obras são lugares vivos de memórias

Sabrina Melo

ser realocado e “passear” por vários pontos da cidade, até chegar ao giradouro da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em frente ao Centro de Comunicação Turismo e Artes (CCTA), onde repousa há 18 anos.

Andando pela orla, é possível defrontar-se com seis esculturas vermelhas que marcam o final da Avenida Senador Ruy Carneiro. Ali está a “Saudação ao Sol”, arte do paraibano Erickson Brito, que faz referência à cidade onde o sol nasce primeiro. A obra é fruto do 1º Concurso Jackson Ribeiro de Arte Pública, realizado em 2009 pela Prefeitura Municipal e Fundação Cultural de João Pessoa (Funjope). Outro famoso monumento, fruto do mesmo concurso, é “Cavaleiro Ala-

do”, de Wilson Figueiredo, em frente ao Centro de Tecnologia da UFPB.

No ponto mais movimentado do Centro, o Parque Solon de Lucena (Lagoa) é embelezado pelo monumento “A Pedra do Reino”, do artista plástico Miguel dos Santos, que homenageia a vida e obra do escritor paraibano Ariano Suassuna. A escultura retrata o romance escrito por Suassuna de mesmo nome sobre o imaginário sertanejo.

E por falar em homenagem, é na Praça João Pessoa, localizada no Centro Histórico, que um conjunto escultórico, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep) como patrimônio histórico, faz tributo ao político de mesmo nome.

Além da estátua do ex-presidente da província, existem outras três esculturas no estilo romano, com os nomes de “ação”, “civismo” e “nego”. O objetivo desse conjunto é consagrar, através da arte, a imagem de João Pessoa como um bom gestor e herói paraibano.

O senhor Valdeci de Freitas, morador da capital desde os anos 1970 e dono de uma barraca de lanches em frente à praça, contou que as acha um monumento muito bonito, mas o caracterizou como abandonado pelo poder público: “Deveriam olhar melhor para essas estátuas, porque assim está muito mal cuidado”, pontuou.

Provavelmente, o monumento mais inusitado dessa enorme galeria está no bairro do Varadouro, berço da capital

paraibana, já que se trata literalmente de uma imensa pedra no meio de uma praça. Rodeada de uma vizinhança unida, a charmosa Praça do Trabalhador ficou conhecida como Praça da Pedra. As tentativas de explicação para o surgimento do monolítico divergem em detalhes, mas a história replicada tanto pelos locais quanto por historiadores possui a mesma essência. Conforme contou o morador dos arredores, Ronaldo dos Santos, “a história que eu sei, que os moradores mais antigos contam, é que essa praça foi fundada em homenagem ao Dia do Trabalhador, data da do ano de 1930”. Com relação ao corpo rochoso, ele foi implantado quando a praça já existia, como uma homenagem dos trabalhadores a João Pessoa, depois de sua morte.

Lei estimula artes plásticas em espaços públicos

João Pessoa possui, ainda, uma lei municipal que estimula a exposição de diferentes formas de arte. Se trata da Lei nº 11.649 de 12/01/2009. Nela, está determinado que toda edificação com área superior a mil metros quadrados no município deve conter uma obra de arte original em lugar de destaque e de fácil visibilidade pública. Essa determinação vale tanto para edifícios

públicos quanto privados.

Em geral, o tipo de obra fica a critério do proprietário da construção, e inclui quadros, painéis, murais, objetos de artes, cerâmicas, esculturas, relevos escultóricos, ou qualquer outro tipo de obra de arte, desde que cumpram os critérios estabelecidos.

Os atributos artísticos, além de promover uma harmonia nos edifícios, trans-

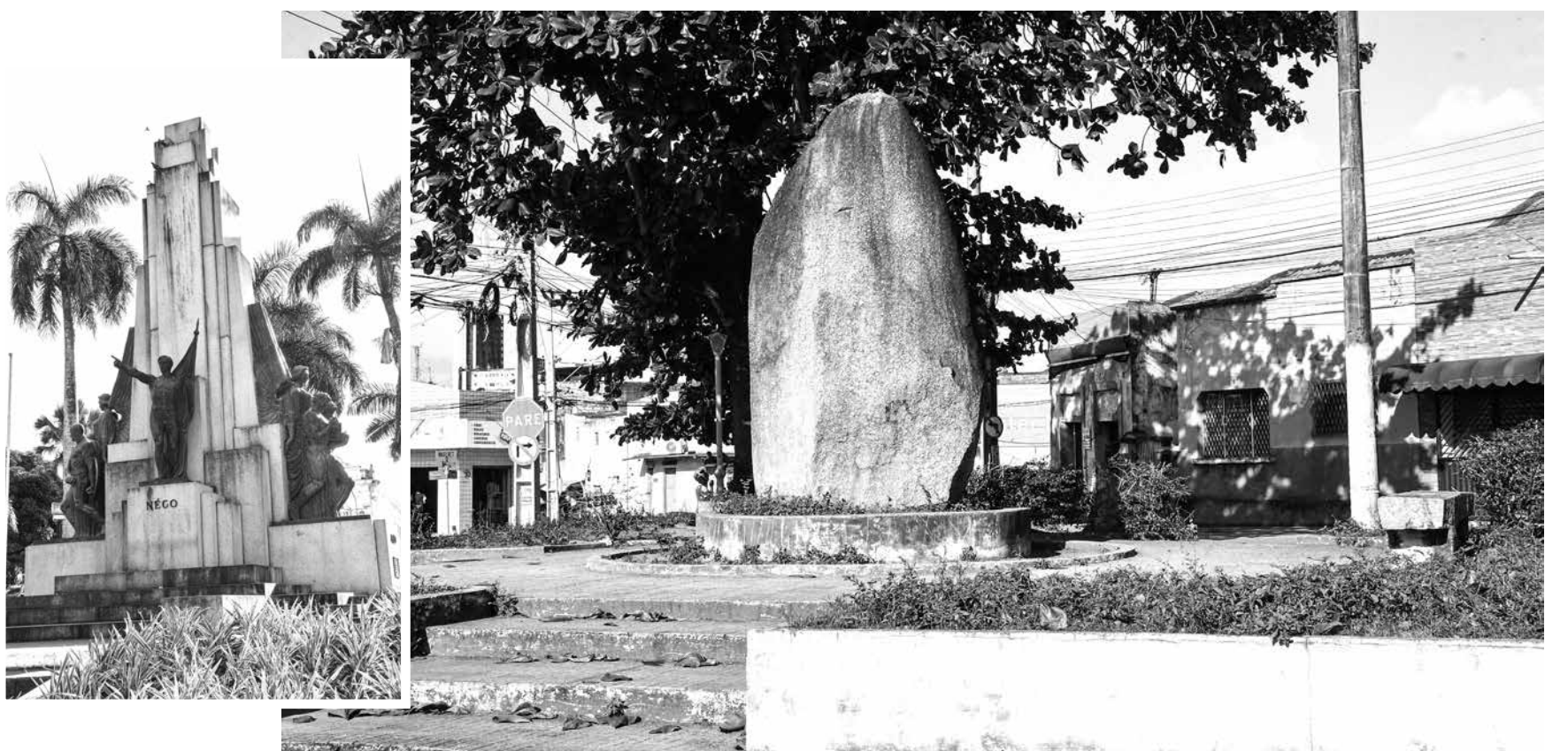
formando os espaços urbanos em não somente “selvas de pedra”, também agregam um maior valor comercial ao imóvel. A oportunidade de ter nos prédios obras de artistas paraibanos renomados é um privilégio e tanto, como o painel chamado “Película”, de Chico Ferreira, na frente do edifício Bauten, no Cabo Branco. Outra obra muito conhecida quando pensamos em fa-

chadas de prédios é o painel de Flávio Tavares, feito em azulejo muito antes da lei, em 1970, para a antiga Clínica São Camilo, no Centro de João Pessoa. O mural intitulado “A Medicina Nativa” sofreu ameaças de destruição em 2012 pela Defensoria Pública da União, responsável pela locação do espaço, mas que não aconteceu graças às orientações do Ministério Público e a mani-

festações da classe artística, que exigiu respeito à obra e ao artista, tão importantes para a cultura do estado.

Reconhecimento

A lei também proporciona que escultores e outros artistas plásticos de menor reconhecimento possam expor suas artes em locais de fácil visualização, contribuindo para a expansão da história da arte paraibana.



Monumento em homenagem a João Pessoa (à esq.) e a pedra na praça de mesmo nome antecede à lei e trazem beleza à cidade



Cidade surgiu como povoado com cinco lagoas e mantém essa relação com a natureza e história, aliando a preservação do patrimônio histórico com riquezas naturais e potencialidades gastronômicas e incentivo ao cinema

ROTA CULTURAL

Remígio: a cidade das cinco lagoas

Município recebe o circuito a partir de amanhã com feira gastronômica, shows e estande da Editora A União

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Remígio, a terra das plantações de algodão, do artesanato, dos prédios históricos, também é famosa pela corrida de rua, já que a prática se tornou uma tradição no local. É com esse conjunto de atrativos que o município recebe a Rota Cultural Caminhos do Frio essa semana. A visita começa amanhã, e se estende até o próximo domingo. O local da festa será a Lagoa Parque Senhor dos Passos, um atrativo turístico da cidade, rodeado por palmeiras imperiais.

“O Caminhos do Frio não tem competição, e nós estamos nos preparando com o que temos de melhor: nossa cultura, nosso turismo e grandes atrações, tanto local como nacional. Convido a todos para passar em Remígio e ver nosso Caminhos do Frio. O turista poderá visitar a Praça (parque) Senhor dos Passos, onde a gente vai realizar toda nossa festa. Durante a semana, a gente vai fazer caminhadas, trilhas e corrida”, frisou o prefeito da cidade, Francisco André Alves.

A programação traz atividades nos três turnos e inclui ainda feira agroecológica, forró, ciclismo, cursos, palestras, artesanato e shows musicais. Uma das apresentações mais esperadas é a do cantor Oswaldo Montenegro, na noite da quinta-feira. Outros inúmeros artistas também estarão fazendo shows musicais na cidade, como Banda Maneva, Con-

de Só Brega, Brasas do Forró, Cavaleiros do Forró, Curió e Vitória Freitas, além de grupos locais.

O prefeito Francisco André destacou que animação não vai faltar e na terra das plantações sustentáveis de algodão, a “mistura” do agroecológico com a parte cultural será um dos diferenciais. A Editora A União estará presente com o estande repleto de publicações para Remígio, incentivando a leitura por meio da variedade de obras que irá expor. Esse ano, o Caminhos do Frio está enfocando a literatura do cordel em todas as 10 cidades participantes da Rota Cultural.

“A Cidade que corre”

O presidente do Fórum de Turismo do Brejo Paraibano, Jaime Souza, afirmou que Remígio é conhecida como “a cidade que corre”, devido à tradição da corrida de rua. “Remígio tem o parque natural da lagoa, com empreendimentos gastronômicos, igreja centenária, sendo uma das poucas cidades do estado a ter o cinema de rua”, destacou.

Quem for ao circuito em Remígio vai poder conhecer espaços como a Maternidade dos Negros e Tanques de Pedra. “Uma estrutura de pedra que guarda em si momentos vividos por mulheres negras escravas, que próximo de conceber os filhos eram trazidas para esse espaço, denominada Maternidade dos Negros. Também vale lembrar da Cachoeira do Bangalô, do artesanato, e da produção do algodão colorido”, salientou.

Desbravamento de povoado começou ainda no século 18

O município tem uma população de 17.885 habitantes, segundo o Censo 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Está localizado na região geográfica imediata de Campina Grande e tem área territorial de 178 quilômetros quadrados. A denominação, segundo o Dicionário Corográfico da Paraíba, está relacionada ao fazendeiro Remígio dos Reis. Ele teria construído uma casa em uma das várias lagoas da região e, a partir daí, surgiu o povoado Lagoa do Remígio.

Quando ocorreu a emancipação do município, em 1938, a localidade foi batizada de Remígio em homenagem ao fazendeiro. Supõe-se que o nome teria ligação com o santo fran-

cês Remígio de Reims.

Essa trajetória começou há séculos, quando os habitantes eram os indígenas das tabas de Jandaíra, Queimadas e Caxexa. Moradores antigos contam que o desbravamento começou em 1.700. Apenas 78 anos depois é que foi encontrado o primeiro registro de colonizadores. O marco seria a presença do alferes Luiz Barbosa da Silva Freire, que entrou em conflito com o governador da Província do Rio Grande do Norte. Ele fugiu para a Paraíba e encontrou-se com o português João Morais Valcacer. Em acordo trocou a propriedade “Barro Branco” (RN), pela de “Chã Jardim” (em Areia) que, mais tarde estendeu-se até Lagoas do Remígio.



Parque Senhor dos Passos (à esq.) e o letreiro (à dir.) são atrativos turísticos que chamam muito a atenção dos visitantes



Tradição e modernidade em atrativos

Quem for a Remígio terá a oportunidade de conhecer atrativos naturais, construções históricas e estruturas modernas. Conheça alguns desses lugares:

Lagoa Parque Senhor dos Passos

Cercada por palmeiras imperiais, é considerada um ponto turístico. A origem remonta a época da criação do povoado, que originou o município, com suas lagoas: Lagoa do Mato, do Jogo, do Freitas, de Remígio e do Jenipapo. Em 1994, a prefeitura urbanizou a Lagoa de Remígio, que chamou de Parque dos Passos.

Cine RT

Existe desde 2012 e durante alguns anos recebeu o título de único cinema de rua da Paraíba. Com o passar dos anos, o proprietário do local, Regilson Cavalcante, investiu no projeto que passou a exibir filmes recém-lançados, como em qualquer outro cinema brasileiro. O Cine RT possui 105 lugares em sala única e é usado para exibição de filmes educativos, voltado para escolas da região.

Igreja N. Senhora do Patrocínio

Construída em 1839, a igreja apresenta pintura do artista plástico Roberto Reis. Dentro do prédio, estão os restos mortais do Monseñor José Rodrigues Fidelis, que atuou durante 30 anos na paróquia. É a única pessoa que foi enterrada no templo religioso. A igreja está situada no centro da cidade.

Agroecológica de algodão

Em Remígio tem a Associação dos Produtores do Assentamento Queimadas, que possui 28 produ-

tores associados. A produção anual chega a 15 toneladas de algodão, em uma área de plantio que soma 35 hectares, principalmente, do algodão branco. Os produtores possuem o certificado do Ministério da Agricultura, que atesta a produção orgânica. A associação é aberta à visitação e oferece ao visitante a oportunidade de conhecer as fases do cultivo da fibra, da plantação à colheita.

Maternidade dos Negros

Trata-se de uma casa de pedra, onde mulheres negras escravas concebiam os filhos. O local tem uma estrutura redonda, onde ficavam as crianças recém-nascidas. Segundo historiadores, as crianças só passavam dois anos com as mães biológicas. Depois, eram separados delas e criados pelas mães de leite, até ingressarem no trabalho pesado e serem enviados para as senzalas. A Maternidade dos Negros fica situada na zona rural, no sítio Coelho. Próximo à maternidade há os antigos tanques de pedra, que serviam

para armazenar água potável em uma área de lajedo.

Cachoeira do Bangalô

Rodeada pela vegetação típica da região, as águas da Cachoeira do Bangalô são oriundas do Rio Pirangi Miri. O local é propício para contemplação da natureza, banho e relaxamento. Fica localizada no Sítio Serrinha, zona rural de Remígio.

Bangalô

Com características coloniais, a casa antiga guarda a história de uma moradora da cidade, Tereza. Ela teria saído da cidade para estudar na Europa e quando retornou encontrou um escravo, enquanto passeava às margens do rio. Os dois se apaixonaram e Teresa passou a se encontrar com ele às escondidas. Mas, o pai da jovem descobriu o romance e proibiu o namoro. A moça desobedeceu e engravidou do escravo. Quem visita o local descobre o desfecho do casal, e ainda caminha por uma trilha que tem relação com essa história de amor.



Foto: Prefeitura de Remígio/Divulgação

Igreja Nossa Senhora do Patrocínio reúne riqueza arquitetônica e fé

Foto: Acervo Pessoal



Cofundador da empresa, o publicitário Hindemburgo Rolim é diretor de criação, redator-publicitário e designer gráfico: será dele a estreia do catálogo, ainda neste ano, com 'Vespas-do-mar nunca guardam rancor'



Foto: Fábio Cardoso/Divulgação

Outro fundador é o escritor finalista do Prêmio Jabuti, Tiago Germano; na capital, a Matria já chega com uma estrutura ampla preexistente para acomodar cursos, oficinas e ser um espaço de 'coworking' e de eventos

MERCADO

Matria: além das páginas de um livro

Em meio aos desafios da área, editora independente paraibana surge para ampliar os horizontes dos autores e leitores

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

O que significa abrir uma editora independente nos dias de hoje, quando o país perde 4,6 milhões de leitores em quatro anos? "É, sobretudo, um ato de coragem e de fé, mas nada que não esteja acostumado no meu ofício de escritor", afirma Tiago Germano, premiado escritor paraibano que decidiu fundar, em parceria com o publicitário Hindemburgo Rolim, a editora Matria. A empresa com sede em João Pessoa pretende ser mais que um selo e se firmar como um elo entre um mercado com público consumidor em declínio e aumento nos custos dos insumos do livro de um lado, e, de outro, com escritores e escritoras de grande talento sem espaço para serem publicados. Um conta que só fecha com alguma engenharia financeira e muita criatividade.

São considerados leitores aqueles que tenham lido pelo menos um livro, mesmo em parte, nos últimos três meses. O brasileiro tem uma média anual de 4,96 livros lidos por habitante, segundo a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, com dados de 2019. "O mercado não está fácil e muitos editores têm me dito que vem

passando por muitas dificuldades", lembra Germano, que passa a fazer parte de um perfil atual do mercado em que cada vez mais escritores assumem postos de comando nas editoras, sejam elas pequenas ou grandes. É o caso, por exemplo, como lembra Tiago Germano, de Antônio Xerxesky na Companhia das Letras, Eduardo Sabino na mineira Caos & Letras, ou de Aline Cardoso, na paraibana Triluna.

"Acho que isso seja em virtude do fato de grande parte do público leitor ser feito por escritores. Ouvi muito que 'o editor em você vai matar o escritor em você'. Uma das coisas que me preocupa é que esse escritor sobreviva em meio a esse caos", diz o autor de *O que pesa no Norte* (2022) e *Demônios domésticos* (2017), finalista do Prêmio Jabuti e vencedor do Prêmio Minuano de Literatura. Uma das fórmulas para escapar da vida curta que esses empreendimentos costumam ter está na expectativa de oferecer com o mesmo CNPJ algo que vá além das páginas de um livro. A Matria já chega com uma estrutura ampla preexistente, localizada no bairro de Pedro Gondim, para acomodar cursos, oficinas e ser um espaço de *coworking* e de promoção de eventos diversos.

"Queremos dar todo o suporte para que o escritor se preocupe apenas em escrever. É muito sofrida a vida do escritor", reconhece Hindemburgo Rolim, que construiu sua carreira como diretor de criação, redator-publicitário e designer gráfico. Foi justamente o desejo de se tornar escritor que o fez ampliar sua atuação profissional. Ele escrevia um livro de contos quando pediu a Tiago Germano que analisasse sua primeira criação literária. A conversa aconteceu há cinco meses e evoluiu para uma proposta de fazer daquela parceria algo sistemático e aberto para tantos outros escritores. "Trago minha expertise em comunicação, design e publicidade, e o Tiago vem com a Edícula Literária, com as oficinas e leituras críticas para escritores, para ser um braço *academy* da Matria", resume Rolim.

Os primeiros lançamentos da Matria serão *Vespas-do-mar nunca guardam rancor*, do próprio Hindemburgo Rolim, e *Refúgio para bisões*, do gaúcho Gabriel Eduardo Bortolini, um dos vencedores do Prêmio Biblioteca Digital do Paraná de 2021. "O meu livro, sendo o primeiro, é bom para corrigir o rumo da jornada. Apesar da marca ser nova, ninguém será cobaia. Seremos cobaias

de nós mesmos". A editora nasce com o planejamento de publicar tanto gêneros ligados à ficção, como prosa, poesia e crônica, quanto projetos acadêmicos. Está no horizonte ainda se abrir para lançamentos de traduções e de escritores paraibanos com livros fora de catálogo e em domínio público. Para isso, a casa conta com um conselho editorial de peso formado pelas escritoras Maria Valéria Rezende, Débora Ferraz, Marília Arnaud, Débora Gil Pantaleão e Cândida Nobre. "Esse conselho fará a ponte com a cena literária local e nacional. Elas têm projeção e são como uma antena geracional", explica Germano.

O cronograma dos próximos meses de atividades já está definido, e a primeira campanha de financiamento coletivo será lançada em setembro com o livro de Hindemburgo, uma coletânea de 20 contos que foram escritos nos últimos três anos. "É um livro que fala muito sobre a vida das pessoas e da estupidez humana em um humor bem ácido. Para quem gosta de *plot twist*, ele tem muitas reviravoltas em recortes que peguei a partir da observação das pessoas. Cada história é de alguém que conheci ou vi na rua e fui moldando-a para virar uma

personagem", adianta o fundador da Matria. Em outubro está definido o lançamento do livro e a inauguração para o público de todas as áreas da Matria. "Este será um espaço de convergência da prática literária. Não seremos apenas uma editora que publica, mas tentaremos também agenciar os autores e fazer com que eles circulem mais", reforça Tiago Germano.

Uma editora independente pode não transformar imediatamente o cenário literário, mas pode aos poucos desempenhar um papel importante na revitalização da leitura e na promoção de escritores talentosos, criando laços estreitos com a comunidade. Para isso, Matria vai precisar dar respostas rápidas sobre a disposição em persistir mesmo quando as probabilidades são desafiadoras, equilibrando o aspecto artístico-literário e o aspecto empresarial-financeiro de quem enxerga o livro por uma perspectiva de profunda compreensão da criação literária com quem o percebe como um negócio que precisa se viabilizar economicamente. "Existem coisas que dão mais dinheiro e menos satisfação, depende do que move você. Matria é mais que um negócio: é um propósito", conclui Hindemburgo Rolim.

Foto: Bruno Vinelli/Divulgação



Foto: Bruna Dias/Divulgação



Foto: Edson Matos



Foto: Hugo Guilherme/Divulgação



Foto: Rodolfo Athayde/Divulgação



Da esq. para dir.: casa conta com um conselho editorial formado pelas escritoras Débora Ferraz, Débora Gil Pantaleão, Maria Valéria Rezende, Cândida Nobre e Marília Arnaud, fazendo ponte com a cena local e nacional

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Sociologia do tempo

Como falar com nossos filhos sobre compromissos mútuos, valores morais, laços duradouros? É possível compartilhar experiências se estamos submetidos a relações de curto prazo, com pouca ou nenhuma profundidade? Como fazemos para nos sentir seguros?

A vida contemporânea tem como um de seus traços fundamentais as descontinuidades históricas. Uma espécie de rotura se estabeleceu com o modelo tradicional de organização da vida social, que implicou, entre outras coisas, na “compressão” das categorias de tempo e espaço.

Toda e qualquer sociedade constrói uma linguagem para lidar com o tempo. Nas mais tradicionais o tempo também desempenhava papel importante no ordenamento social, mas com a diferença que era vivido a partir de uma relação estática.

Foi com a modernidade que os antigos marcadores socioespaciais perderam sua força, dando lugar a um tempo universal cujo relógio mecânico é a sua encarnação material. Esse novo sistema de uniformização temporal teria efeitos diretos sobre a maneira como pensamos a singularidade dos acontecimentos humanos e a organização social.

O trabalho assalariado com sua lógica de remuneração baseada na quantidade de horas e o estabelecimento do dinheiro como equivalente universal de troca, são partes deste processo. Da mesma forma que o surgimento da ideia de um “espaço vazio” também seria consequência desse esvaziamento temporal.

Junte-se isso a descoberta de regiões antes desconhecidas do mundo; a invenção de novos meios de comunicação e transporte, e então formaremos um conjunto de elementos importantes para a modificação da experiência humana.

O sociólogo jamaicano, Stuart Hall, afirma que os marcadores de espaço e tempo são os responsáveis por fornecer as coordenadas básicas de todo sistema de representação, seja ele de caráter estético como as artes plásticas, o cinema e a música, ou de construções identitárias e narrativas mitológicas.

Os períodos históricos e as formas de organização social tendem a produzir arranjos diferentes dessas coordenadas. Se desejamos entender a perspectiva de Hall, precisamos considerar que a construção das identidades estão diretamente ligadas às modelações que as categorias de espaço e tempo assumem.

As identidades teriam assim uma representação “geográfica imaginária” e um lugar no tempo: seja na apressada vida cotidiana das metrópoles, na rede mundial de computadores, nas comunidades tradicionais, nos mitos, lendas e narrativas religiosas.

Com a atual popularização dos computadores e da internet, por exemplo, não estamos mais restritos a pequenos grupos sociais de co-presença, mas livres para estabelecer contatos com indivíduos conectados a uma vasta rede social. O que está mudando as formas como nos relacionamos e concebemos a mudança.

Como dizia o antropólogo Joseph Campbell: “Tempo e espaço formam as vias sensíveis que moldam as nossas experiências”. Ele ainda é perspicaz ao perceber que todo campo simbólico está baseado nas experiências das pessoas de determinada sociedade, num período histórico, ou seja, em um tempo e espaço específico. É por isso que podemos falar de uma arte, de uma mitologia, de uma religião e suas respectivas épocas.

A transcendência seria apenas um conceito? De que maneira viveremos daqui a 30 ou 50 anos? Surgirá uma nova arte, uma nova ciência? Espero estar vivo para descobrir.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

K milionário

Isso mesmo, milionário. Não acertei os seis números da sena, mas já me considero um arcaça azul, nunca um “miliotário” – mania de você, mania de estar criando neologismo. Onde está meu tolicionário?

Recebi um imêio da Sra. Farah, que me escreveu com lágrimas amargas, se dizendo da Tunísia, me avisando que eu acabo de ganhar 8,6 milhões de dólares. Eu pirei. Sempre sonhei com uma botija do meu avô Né, que nunca foi encontrada. Às vezes tenho pesadelos com as moedas de ouro voando feito morcegos falantes, às vezes sonho que estou numa piscina mergulhado com Tio Sam. Bobagens, tolices.

Vamos lá – “Estou escrevendo este e-mail para você com lágrimas pesadas em meus olhos e grande tristeza em meu coração, meu nome é Sra. Farah”. Isso dela dizer senhora Farah lembrei de uma criatura local, que atendia ao telefone dizendo: “Alô, aqui é doutora Rita Company, quem fala?”. Ah, desculpa, ligação errada. Quer saber, subverta antes que seja tarde.

Dona Farah Ouedrago, entrou em contato comigo, de um hospital em Burkina Faso para dizer: “Quero dizer isso porque não tenho outra opção, a não ser dizer que fiquei emocionada ao me abrir com você”. Puxa vida! Se abrir comigo me deixou muito excitado, até quando ela falou de seu casamento o Sr. Ouedrago Brown, aí rolou um ciúme. Ciúme de você, ciúme de você. O marido dela trabalhou com o embaixador da Tunísia, em Burkina Faso, por nove anos antes de morrer, em 2010. “Estávamos casados por 11 anos sem filhos”.

Não sei como a senhora Farah me achou aqui tão longe, tão perto, tão incerto. Lembrei que eu era jovem, juntava dinheiro para comprar um fusca e quando chegava o dia, o fusca já era outro valor. Vida Severina, sabe?

Ela disse que seu marido, o senhor Brown morreu após uma breve doença que durou apenas cinco dias. Cinco dias? “Desde sua morte, decidi não me casar novamente. Quando meu falecido marido estava vivo, ele depositou a quantia de US\$ 8,5 milhões (oito milhões e quinhentos mil dólares) em um banco em Ouagadougou, capital de Burkina Faso, na África Ocidental”.

Recentemente, o médico da senhora Farah, disse que ela não duraria sete meses devido a um problema de câncer. O que mais lhe incomoda é o enjoo do AVC. “Decidi entregar esse dinheiro a você para cuidar das pessoas menos privilegiadas, você utilizará esse dinheiro da maneira que vou instruir aqui. Quero que você leve 30% do dinheiro total para seu uso pessoal, enquanto 70% do dinheiro irá para a caridade, as pessoas que moram nas ruas e ajudando orfanato. Cresci como órfã e não tenho ninguém como meu familiar, apenas para zelar para que a casa de Deus seja mantida”. Amém.

A carta é longa, quase rogatória. Ela disse que está fazendo isso para que Deus perdoasse seus pecados e aceitasse sua alma no paraíso. Bateu, levou, dona Sarah.

Como nada é de graça, ela pediu que eu respondesse seu imêio, para que pudesse me passar o contato do Banco em Burkina Faso. “Instruirei o gerente a emitir uma carta de autorização que provará que você é o atual beneficiário do dinheiro”. Liguei para ApoioTur, do meu amigo Izaul Vieira, comprei as passagens como quem se atira de encontro a um espelho surpreendente na antecâmara da minha loucura, insegura, me segura, me segura, senão eu caio.

Kapetadas

1 - Recado: reverter a situação pra parecer que quem questiona está errado, é o clichê predileto dos canalhas;

2 - Depois da tempestade no copo d’água vem aí a bonanza na colher de chá.



E-mail da Tunísia: “Você acaba de ganhar 8,6 milhões de dólares”

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

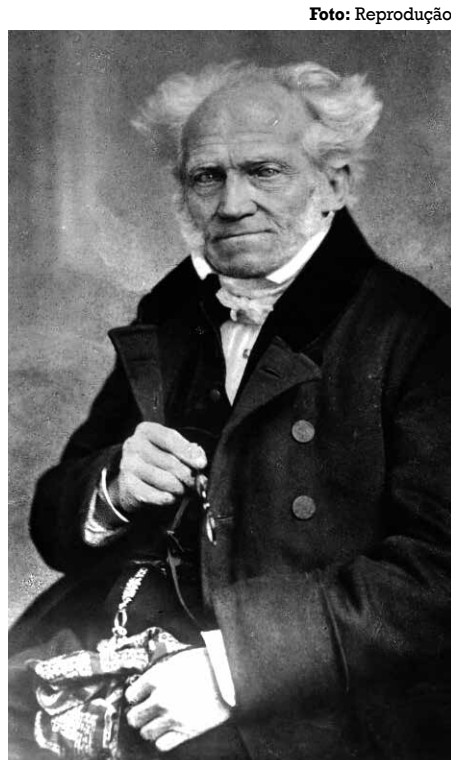
klebmaux@gmail.com | colaborador

Vontade e representação

Arthur Schopenhauer (1788-1860), filósofo prussiano, no seu primeiro livro *O mundo como Vontade e como representação* (1819), considera o mundo como fenômeno, isso significa que algo é percebido e representado. No segundo livro, o pensador afirma que o mundo possui uma essência: a Vontade. Ele diz que o sujeito é o fundamento do mundo. Segundo Schopenhauer (2015, p. 5): “Tudo o que existe, existe para o sujeito”. O primeiro livro começa com a frase. “O mundo é a minha representação. Essa proposição é uma verdade para todo ser vivo e pensante embora só no homem chegue a transformar-se em conhecimento abstrato e refletido” (Id., 2001, p. 1). Essa tese é um dos fundamentos da sua filosofia, também apresenta o conhecimento sendo construído na relação da intuição sensível à capacidade de interpretar os objetos da realidade, permitindo que possam ser conhecidos de forma universal e necessária, por exemplo: os princípios da individuação e da causalidade, mas são favorecidos de uma entidade metafísica. O filósofo prussiano garante que é possível se chegar até o extranatural pelo corpo humano e a razão se torna um mecanismo de autopreservação da espécie.

De acordo com Schopenhauer, o conceito de Vontade, de forma geral, pode-se dizer que ela é o desejo constante de viver e está presente tanto em organismos quanto no reino inorgânico, em diferentes graus, sendo o corpo humano o mais elevado grau de objetivação. A Vontade aponta para as motivações desconhecidas das ações humanas, no sentido de que os seres humanos são conduzidos por impulsos – fome, sede, medo, sexo e outras coisas – que estão além do controle humano e que, no entanto, determinam as ações, mesmo aquelas que parecem ser provenientes de uma decisão racional e encontram-se submetidas às necessidades vitais para sobrevivência.

Arthur Schopenhauer admite que exista algo no interior do ser humano que não pode ser explicado ou controlado e, também, a Vontade, de onde as ações provêm e não possui fundamento ou finalidade. Por causa disso, conceitos como liberdade e autonomia são ilusões, pois os humanos, assim como outros seres, são



Filósofo prussiano Schopenhauer (1788-1860)

guiados por um núcleo irracional e suas atitudes não podem ser determinadas de forma racional. Considerando isso, a razão não pode ser uma entidade abstrata desvinculada da realidade. Para Schopenhauer, não existem objetos transcendentais fora da experiência, mas sim como inerente ao mundo físico e ao próprio corpo. Nesse argumento, o “ato da vontade” e a “ação do corpo” são, na verdade, “uma única e mesma coisa, só que apresentados de duas maneiras completamente distintas” (Schopenhauer, 2001, p.157). Deve-se considerar o corpo como a “materialização da Vontade”. Esse termo foi criado para expressar a manifestação visível da Vontade no corpo, o qual é o único objeto que não se conhece apenas do ponto de vista da representação – que é o modo pelo qual se distingue todos os outros, de imediato pela Vontade. As contribuições da filosofia schopenhaueriana para o idealismo apresentam o aspecto fisiológico, que faz com que a razão não tenha a importância central na metafísica; e sim o corpo.

Arthur Schopenhauer considera a Vontade o motivo de todo o sofrimento no mundo. Os indivíduos estão constantemente em busca da matéria, no entanto, ela é finita e constante. Por isso, de acordo com Jair Barboza, no seu livro *Schopenhauer: A decifração do enigma*

do mundo (Ed. Paulus, 2003), o filósofo prussiano afirma que: “Cada pessoa só pode surgir se tomar o lugar de outra, se apoderando da matéria que está no poder. É por isso que vemos conflitos e lutas em todos os lugares”. Por causa disso, a existência é repleta de conflitos, pois a Vontade está constantemente em discordância consigo mesma quando ela encontra um obstáculo. Por outro lado, quando se alcança o objetivo esperado, tem-se satisfação. No entanto, nenhuma satisfação é duradoura. Assim que um desejo é satisfeito, surge outro em seu lugar. Schopenhauer descreve esse sofrimento como uma essência atemporal, mostrando que a dor é inevitável e os esforços para acabar com ela nunca são eficazes. A forma como a angústia se manifesta ao longo da história ou nas sociedades não nos revela sua causa, pois esta reside em um princípio metafísico implícito a tudo, desde o reino inorgânico até o orgânico. A busca pela causa externa de um mal-estar ou sua relação com determinado nível de riqueza ou posição social, não é determinante. Como resultado, viver é sofrer e a felicidade são breves momentos em que a tristeza é aliviada. Segundo Schopenhauer (2015, p. 409): “Tanto a extrema alegria quanto a dor sempre se baseia em um engano: portanto, essas duas tensões mentais excessivas podem ser evitadas por meio da compreensão.”

A filosofia schopenhaueriana apresenta opções para purificar o sofrimento. Uma delas é quando o ser humano se dedica à contemplação artística ao usar a intuição para mergulhar na própria Vontade e controlá-la. Na arte, a relação entre a Vontade e a representação se inverte. Desse modo a inteligência constrói a história da sua própria Vontade. Schopenhauer considera a música a arte de maior destaque, porque ela expressa a Vontade em sua essência e liberta o homem dos sofrimentos.

Sinta-se convidado à audição do 431º Domingo Sinfônico, deste dia 13, das 22h às 00h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Comentarei as contribuições dos balés, das marchas, das óperas e dos temas de filmes contra o sofrimento humano.

MÚSICA

Espetáculo na vibração dos Beatles

Hoje, no Teatro A Pedra do Reino, em João Pessoa, a banda paulistana Hey Jude apresenta "The Beatles Tribute"

Da Redação

A febre causada pelos quatro rapazes de Liverpool rendeu uma série de outras bandas e inspirações ao redor do mundo, o que também veio a ebulição de várias outras bandas que rendem tributo aos Beatles. Neste Dia dos Pais, a partir das 19h, o Teatro A Pedra do Reino, em João Pessoa, será a palco para os sucessos da "The FabFour". A encarnação fica por conta da banda Hey Jude, através do espetáculo *The Beatles Tribute*.

Os ingressos estão à venda na loja Vistassi (Liv Mall) ou pelo site Ingresso Digital, com valores entre de R\$ 80 a R\$ 240. A classificação indicativa é livre.

Cover de Beatles, o grupo paulistano toca com instrumentos das mesmas marcas e modelos usados pela banda, em um esforço para fazer jus à expectativa de nostalgia dos beatlemaníacos. Na sua formação, a Hey Jude conta com César Killes (Paul McCartney), Thomas Arques (George Harrison), Renato Almeida (Ringo Starr) e Thiago Gentil (John Lennon) para reviver faixas clássicas como 'I Want to Hold Your Hand', 'Help!', 'Yellow Submarine', 'Let it Be', 'Something' e, seguindo a lógica, 'Hey Jude'.



Tocando os mesmos modelos de instrumentos dos "FabFour", grupo apresenta no palco as três fases distintas da existência dos Beatles

Foto: Anselmo Ubiratan/Divulgação

Durante o concerto, a banda mantém 20 instrumentos à disposição – e troca todos sempre que uma faixa do show abre nova fase no repertório dos Beatles. Assim, eles executam as canções com o equipamento similar ao utilizado pelos britânicos a cada etapa da carreira, com acervo que inclui uma bateria da marca Ludwig da década de 60, idêntica à de Ringo Starr, além das guitarras

Gretsch e Rickenbacker e o baixo Hofner, idênticos aos usados por George e Paul, respectivamente.

"Durante o show reproduzimos cada detalhe que acontecia nas gravações. Como os Beatles tocavam praticamente ao vivo por não ter recursos de gravação na época, acabavam passando alguns errinhos, uma escorregada de dedos aqui e ali, e a gente reproduz isso também", explica César Killes, in-

térprete de sir Paul McCartney, em entrevista para o site *Mundo Livre FM*.

A caracterização física demora em média mais de 40 minutos, contudo são os detalhes que fazem as apresentações da Hey Jude ser um espetáculo. Há mais de duas décadas, César Killes se tornou canhoto para dar vida a Paul "precisei estudar para me tornar canhoto como Paul, era a pegada no baixo que precisava ser idên-

tica e até mesmo o 'V' icônico formado com os braços dos instrumentos quando George e Paul dividem o microfone só funciona se eu fosse realmente canhoto", afirmou o músico.

Com mais de 10 figurinos durante o espetáculo, a banda passeia por três fases diferentes do grupo. Das abotoaduras às costeletas, nenhum detalhe é esquecido, desde os terninhos usados na primeira apresentação na TV

norte-americana, passando pelos uniformes do Sgt. Pepper do videoclipe 'Hello Goodbye', até a fase dos estúdios que usavam jeans e cabelos compridos.

Nos figurinos, a Hey Jude retrata três momentos do "FabFour": os ternos de bons moços consagrados em vídeos preto e branco do *Ed Sullivan Show*, as roupas psicodélicas e coloridas de *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club* e o look desprezível do disco *Abbey Road*.

Por falar nisso, os integrantes da banda já tocaram e gravaram no mítológico estúdio Abbey Road, no qual os Beatles gravaram quase todo seu repertório; se apresentaram seis vezes no lendário Cavern Club, além de ter tocado para mais de 100 mil pessoas no encerramento oficial do Annual Beatles Convention, em Liverpool, na Inglaterra.



Através do QR Code acima, acesse o site do Ingresso Digital

PENSOU JORNALISMO,
LEMBROU TABAJARA
105,5 FM



PROGRAMAÇÃO
segunda a sexta

Jornal Estadual
06h às 08h

Fala Paraíba
11h às 13h

MARKETING EPC

A SOMA DE TUDO,
O SOM DE TODOS.

EM 2024

Uso de IA será decisivo nas eleições

Manipulação de fotos, criação de falsos cenários e fake news são apontadas como prováveis surpresas do pleito

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

“

É preciso que se saiba separar o joio do trigo, procurar saber se é mentira ou verdade

— José Cassimiro

Uma foto onde Donald Trump está cercado por policiais, com o olhar assustado de quem está sendo levado contra a sua vontade viralizou em todo o mundo. O motivo da popularidade do assunto não foi porque um ex-presidente dos Estados Unidos estava sendo preso e sim porque se tratava de uma “deepfake”, uma nova modalidade de informação falsa, mas dessa vez realizada com o apoio da inteligência artificial (IA).

Cada dia mais essa tecnologia tem avançado em todo o mundo e ficando popular principalmente através de aplicativos, a exemplo do “ChatGTP”. Ela chama a atenção pela praticidade que pode proporcionar à humanidade, mas também assusta pela sensação de falta de controle.

Como saber se um texto foi escrito por um ser humano ou uma IA, ou mesmo se uma foto, ou áudio são conteúdos verídicos? Essas perguntas devem se tornar ainda mais frequentes principalmente durante as próximas eleições municipais, que acontecem em outubro de 2024.

De 2018 para cá o número de fake news utilizado em campanhas eleitorais cresceu alarmantemente, influenciando, inclusive, no resultado do pleito. O secretário de Tecnologia do Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (TRE-PB), José Cassimiro, comentou que o trabalho da Justiça Eleitoral precisou ser intensificado nos últimos anos, devido ao crescimento do crime.

Ele justificou a polarização política e a força com que os conteúdos são compartilhados, como motivo para o crescimento dos casos. Além disso, o especialista avalia que em 2024 esse número pode aumentar ainda mais, agora com a utilização da inteligência artificial.

Em 2022, a Justiça Eleitoral precisou desmentir diversas informações falsas, algumas até feitas de maneiras muito amadoras, a exemplo de uma montagem onde a apresentadora do telejornal Jornal Nacional, Renata Vasconcelos, divulga uma pesquisa eleitoral inverídica. A

foto viralizou e confundiu muitos eleitores mesmo com a baixa qualidade.

Agora, com a tecnologia utilizada pela IA, as deep fakes estão cada dia mais realistas e podem contribuir para a disseminação de desinformação nas Eleições 2024. Segundo Cassimiro, uma das formas de se proteger é prestar mais atenção no conteúdo que é recebido, e, principalmente, não compartilhar.

“É preciso que os usuários saibam separar o joio do trigo, não custa nada reparar naquilo que apareceu, procurar saber se aquilo é mentira ou verdade. A força, muitas vezes, não está em quem cria, mas na divulgação desenfreada. Não é só quem produz que está cometendo o crime, mas quem dissemina e espalha também interfere de maneira injusta e ilegal nas eleições”, comentou o secretário de Tecnologia do TRE-PB.

Uma das melhores formas de fazer isso é ter um bom uso das redes sociais, tanto por parte dos políticos que desejam se candidatar, como por parte do eleitor, que precisa ficar mais rigoroso com o que vê, lê ou escuta. “Todo mundo usa redes sociais. A população praticamente nem assiste mais telejornais, ela se instrui a partir do que recebe, mas lá tem notícias verdadeiras mas também falsas, para ofender a honra de alguém. Isso interfere nas eleições, de um jeito que pode promover alguém de maneira falsa, ou pode prejudicar alguém de maneira falsa”.



Foto: Edson Matos

Para Cassimiro, a força, muitas vezes, não está em quem cria, mas na divulgação desenfreada de um fato

Uma das melhores formas de controle é ter um bom uso das redes sociais, tanto por parte dos políticos como dos eleitores

Cientista político defende fiscalização

De acordo com o cientista político e professor da Universidade Federal da Paraíba, José Artigas, é necessário que ocorra uma maior fiscalização para esse tipo de prática durante as eleições, principalmente no uso das redes sociais. Caso contrário, o especialista acredita que a democracia pode estar em risco. “É preciso que tenhamos um conjunto de normas que possam inibir e coibir esse tipo de atitude e isso não envolve apenas a legislação ordinária”.

Na opinião do professor, vivemos a era da “pós-ver-

dade”, com o aumento da disseminação de verdades alternativas sem amparo. “Não tem amparo factual mas são vendidas como verdade, são disseminadas com formato de jornalismo tradicional. Fazendo com que as pessoas tenham dúvidas da veracidade das instituições oficiais e acadêmicas”.

De acordo com ele, o país não está preparado para lidar com esses casos, principalmente durante as eleições. “O político tem interesse político e eleitoral sabendo que aquilo não. Ainda estamos em processo. Não temos uma

legislação de controle, não temos como inibir mas estamos tentando punir”.

Mas o interesse político em tentar usar a sua tecnologia da época para ganhar proveito não vem de hoje. Muito antes da Inteligência Artificial, Artigas explica que a disseminação deliberada racional e planejada de mentiras com interesse na órbita política já acontecia.

“Vemos um modelo com intuito de manipulação semelhante ao que vimos nos anos 20 e 30 e resultou em fascismo. Na época, o rádio era utilizado para produzir

desinformação, algo semelhante acontece, mas com amplitude maior em função da revolução tecnológica”, comentou.

Por outro lado, Artigas avalia que o avanço da tecnologia também trouxe pontos positivos para a política, a exemplo do uso das redes sociais. “Elas são fundamentais como produção de informação fidedigna e oficial. É importante para que os parlamentares dialoguem com a sociedade, antes isso não era permitido. É importante para resgatar a proximidade entre um eleitor e um eleito”.

Interesse político em tentar usar a tecnologia para ganhar proveito não vem de hoje, mas de muito antes da IA



Foto: Roberto Guedes

Para Artigas, vivemos a era da “pós-verdade”, com o aumento da disseminação de alternativas

Ação positiva da tecnologia pode ser um fato fundamental

Nem só de fake news vive a rede social de um político em exercício. É possível utilizar a tecnologia para prestar contas e se aproximar da população. Alguns perfis que tem chamado a atenção são os do governador, João Azevêdo (PSB), e do vice-governador, Lucas Ribeiro (Progressistas).

Além da divulgação do trabalho que vem sendo realizado, os políticos utilizam as redes para mostrar suas vidas pessoais e levar uma aproximação maior ao eleitor. A estratégia, além de atrair a participação popular, também ajuda o gestor, caso ele saiba utilizá-la com sabedoria, como para ouvir relatos e saber as necessidades de investimento em políticas públicas.

O vice-governador Lucas Ribeiro comentou que as redes sociais trouxeram um novo cenário para a comunicação política. “É uma forma direta e rápida de se comunicar com as pessoas, um canal de diálogo e de compartilhamento de informações”.

Para ele, não há separação do público e privado no que diz respeito ao que é mostrado nas suas contas pessoais. Ele enxerga como positivo mostrar o seu dia a dia pessoal.

“Antes de ser em redes sociais do vice-governador, são as redes sociais de Lucas. Então, faz parte dessa presença nas redes compartilhar também momentos pessoais, em família, porque isso faz parte da minha vida. Além do trabalho, tenho amigos,



Foto: Assessoria

Vice-governador do Estado, Lucas Ribeiro

Além da divulgação do trabalho que vem sendo realizado, os políticos utilizam as redes para mostrar suas vidas pessoais

vou à igreja, fico com minha família, e isso também está presente nas redes sociais.”, afirmou.

Lucas ressaltou que há um acompanhamento das interações da população, o que ajuda a aproximar o gestor das pessoas de maneira mais rápida e ouvir suas demandas. “Os comentários e sugestões dos seguidores nas redes sociais são muito importantes. Procuramos acompanhar atentamente as opiniões e demandas da população, considerando-as na formulação de políticas públicas e tomadas de decisão”.

No trabalho da Justiça Eleitoral não é diferente. A inteligência artificial e a tecnologia, de modo geral, é uma realidade que vem facilitando a vida do eleitor,

principalmente no atendimento. Além dos autosserviços, os eleitores podem realizar operações sem interação com humanos.

“Diretamente, com computadores, é possível emitir certidão de quitação, pagar multa, fazer uma série de coisas que antes precisava ir aos cartórios”, comentou o secretário de Tecnologia do TRE-PB, José Cassimiro.

Já o uso da IA na votação deve demorar para ser implementado. Cassimiro explicou que a tecnologia nem sempre é aliada da segurança, principalmente no que diz respeito às urnas eletrônicas. A ferramenta não é conectada a qualquer rede de internet ou wifi, e isso acontece para evitar que ela seja hackeada.

VAI MUDAR

Senado fará reformulação na Lei das Cotas no ensino

Cotista sem nota boa para as provas gerais concorrerá às vagas reservadas

Agência Senado

O Senado aguarda a chegada do Projeto de Lei (PL) 5.384/2020, que reformula o sistema de cotas no ensino federal. O texto foi aprovado nessa quarta-feira (9) na Câmara dos Deputados. Entre outras mudanças, o cotista que não conseguir nota para aprovação nas vagas gerais passará a concorrer às vagas reservadas. A sessão na Câmara foi acompanhada pelo senador Paulo Paim (PT-RS), que deve ser relator da proposta no Senado.

“Eu assumi no Senado a relatoria com todo apoio da nossa bancada. Alguns pensam que [o projeto] é só para negros, mas é para todos aqueles que são considerados os mais vulneráveis do quadro social”, disse o senador em seu perfil no Twitter.

Paim também foi relator da atual Lei de Cotas (Lei 12.711, de 2012), que será alterada com o novo projeto. A permanência da lei atual não depende da aprovação do projeto. É o que informou a consultora legislativa Roberta Viegas em reportagem especial da Agência Senado. De acordo com ela, ape-



Senador Paulo Paim (PT) anunciou que deverá ser o relator do projeto no Senado

sar de prever uma avaliação após dez anos de vigência, a norma atual não tem prazo para acabar. O projeto em discussão foi apresentado pela deputada Maria do Rosário (PT-RS) e modificado por substitutivo da deputada Dandara (PT-MG) na forma de um substitutivo.

Alterações nas cotas

O projeto altera critérios de cota social (que leva em conta a renda e formação em escola pública) e de cota racial (que

considera a cor ou etnia) para ingresso em estabelecimentos federais de ensino superior ou Ensino Médio Técnico.

No modelo atual, uma universidade pública federal, por exemplo, deve destinar 50% de suas vagas a candidatos que estudaram todo o Ensino Médio em escola pública. Dessas vagas, o processo seletivo observará a proporção de indígenas, negros, pardos e pessoas com deficiência da unidade da Federação, segundo dados do Instituto Brasilei-

ro de Geografia e Estatística (IBGE). Com o projeto de lei, os quilombolas também serão beneficiados.

Metade de todas as vagas para alunos oriundos de escola pública é assegurada às famílias que ganhem no máximo 1,5 salário mínimo por pessoa. Caso a proposta seja aprovada, a renda familiar máxima será de um salário mínimo por pessoa, que hoje corresponde a R\$ 1.320. As vagas reservadas também deverão assegurar a proporção racial.

EM AUDIÊNCIA PÚBLICA

Institutos de transparência e sindicatos patronais divergem sobre ‘Lei do Lobby’

Agência Senado

Representantes de sindicatos patronais e entidades que defendem a transparência de informações públicas divergem sobre o alcance do projeto de lei que regulamenta a atividade de lobby. O PL 2.914/2022 foi tema de audiência pública nessa quarta-feira (9) na Comissão de Fiscalização e Controle (CITFC).

Para as Confederações Nacionais da Agricultura (CNA), do Comércio (CNC) e do Transporte (CNT), o projeto de lei não pode impor restrições à atuação dos sindicatos patronais. Segundo os representantes, a Constituição Federal assegura às entidades a defesa de direitos e interesses sem interferência ou intervenção do poder público.

A coordenadora de assessoria de relações institucionais CNA, Maísa Barbosa de Moraes, defende regulamentação

do lobby. Mas adverte que o “excesso de burocracia pode obstaculizar o acesso aos agentes públicos”. O advogado Fernando Melo, da Diretoria Jurídica e Sindical da CNC, propõe a exclusão dos sindicatos do rol de entidades reguladas pelo PL 2.914/2022.

“É importante que conste do projeto de lei que as entidades sindicais não estarão sujeitas a ele. Qualquer iniciativa que, sem razoabilidade, venha a mitigar nossa liberdade de atuação é flagrantemente eivada de inconstitucionalidade. O sindicato não atua no interesse egoístico, privado ou particular. Atua no interesse de um direito coletivo, previsto na Constituição”, argumentou.

Transparência total

Representantes dos institutos Ethos, Transparência Brasil e Transparência Internacional defenderam a ampliação do al-

cance do PL 2.914/2022. Para as entidades, os mecanismos previstos no projeto são insuficientes para assegurar a transparência total.

Para Juliana Sakai, diretora-executiva do Transparência Brasil, a sociedade precisa acompanhar como as decisões do governo são influenciadas por lobistas do setor privado. Ela defendeu a aprovação de uma emenda do senador Alessandro Vieira (MDB-SE), que prevê a criação da agenda nacional eletrônica:

“A agenda centraliza na Controladoria Geral da União (CGU) o registro de todas as solicitações de audiências, documentos e reuniões realizadas. Um local único onde a sociedade pode, de forma eficiente, acessar as informações a respeito de quem está fazendo quais reuniões e onde. Isso é fundamental para um controle efetivo, e não apenas pro forma”.

Matéria será debatida na próxima quarta

A audiência pública foi sugerida pelo senador Izalci Lucas (PSDB-DF), relator do PL 2.914/2022 na CITFC. Ele disse que pretende apresentar o parecer sobre a matéria após um segundo debate sobre o tema, marcado para a próxima quarta-feira (16).

“Nosso objetivo é de fato tratar essa matéria de forma célere. Como a reforma tributária, são mais de 30 anos que estamos falando sobre isso. A gente precisa, em determina-

do momento, aprovar. Após a audiência, entraremos na elaboração do relatório para tentar aprovar esta matéria ainda este ano”, afirmou.

O presidente da CITFC, senador Omar Aziz (PSD-AM), defendeu a regulamentação do lobby.

“Quando a gente fala a palavra lobby já se associa à corrupção, à compra de parlamentares. Mas o lobby regulamentado não pode ser crime. Em outros países, ele é

regulamentado de forma muito transparente. Temos que avançar nessas discussões. Se vamos aprovar ou não, é outra questão”, argumentou.

O relator do PL 2.914/2022 na Câmara, deputado Lafayette de Andrada (Republicanos-MG), também participou da audiência pública. Para ele, a atividade de lobby é alvo de um “estigma”.

Regulamentação

“O Brasil ficou muito atra-

sado na regulamentação do lobby, principalmente pelo estigma da palavra. Ela sempre teve um significado de algo a ver com corrupção, mala preta, algo negativo. Sempre que se falava em regulamentar o lobby, vinha imediatamente de setores da imprensa e da sociedade alguma coisa como regulamentar a corrupção. No fundo, o que desejamos é incentivar que acabe a representação oculta de interesse”, explicou.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

João Pessoa é minha casa

João Pessoa era apenas uma imagem de cidade grande aos olhos de um menino, cheia de mistérios emaranhados entre velhos sobrados e rios mansos, o desconhecido de uma cidade exótica, ao mesmo tempo aristocrática e primitiva. Guardo a constituição daquelas imagens antigas, resgatadas sempre que puxo o filme dos meus primeiros anos, um encontro sedutor e desafiante. A cidade deixando-se descobrir na distância e no desconhecido, o menino germinando a fascinação pela urbe provinciana que aos seus olhos parecia a grande metrópole berço do desconhecido.

Essa distância íntima viajava no velho jipe do meu pai, fazendo o percurso Itabaiana-João Pessoa nas esburacadas estradas dos anos 70, uma viagem que não chegava nunca, que voltava eternamente ao desconhecido, como um calidoscópio vertiginoso, produzindo um número infinito de combinações que mergulhavam nas retraídas águas do Sanhauá. Desmistificada anos depois, João Pessoa veio a me propor novos modos de percepção estética. Mas não deixei para trás a cidade dos sonhos, elevada e comoventemente poética. Esse ambiente quase mítico ainda mora em mim, quem sabe uma resposta ao impacto alienante da vida moderna, da desumanização, do crescimento desordenado. O espaço urbano limpo, o silêncio e a simplicidade das pequenas aglomerações urbanas, o retrato imaginário que ainda hoje carrego comigo, foto 3x4 do meu mundo dos sonhos, o sublime das imagens de antigas igrejas, velhos faustos, vetustas riquezas.

Assim eu me deixei envolver por João Pessoa, e esse namoro infantil se estendeu à vida adulta. Mais de meio século depois, volto aqui para morar definitivamente, no bucólico bairro de Jaguaribe, ganhando o estatuto de cidadão pessoense por força de exercitar o timbre, a cadência e o ritmo dessa urbe, e de saborear sua qualidade de vida.

Aquele vulto arcaico de poeta escrevendo a epopeia de João Pessoa teve que se distanciar dos assuntos grandiosos e heroicos e aproximar-se do fato sangrento referente à Revolução de 30, apontando ainda as dores, sofrimentos, sonhos e agonias da cidade contemporânea, mas sem esquecer o que provém da história no que há de mais profundo nela.

Houve um recuo brutal no nosso estilo de vida. É assustador o desnível social, a precariedade do transporte, da saúde e da educação. Em meio a isso, ainda bem que temos a ação fecundante, purificadora e iluminadora de tantos homens e mulheres que simbolizam o intelecto e a consciência desta velha cidade, em sua forma evolutiva. João Pessoa pertence a uma linhagem nobre das cidades brasileiras, e isso nem seus mais afoitos inimigos podem desdenhar.

Hoje, João Pessoa é minha casa. Na casa da gente, é onde acendemos o fogo, simbolizando esse lume a purificação e a renovação. Na nossa casa, queremos ordem, paz, respeito, beleza e espiritualidade. Da nossa casa observamos os vizinhos, na ânsia da mais feérica conversação cosmopolita. Porém, sem perder a ponte com o interior, um interior que se abre generoso para a exuberância da nossa mais autêntica paraibanidade.

(Crônica publicada na coletânea “Sonho de Feliz Cidade”, lançada pelo Sebo Cultural em 14 de dezembro de 2007)

Foto: Roberto Guedes



Parque Solon de Lucena é um dos cartões postais da cidade

José de Sousa

Repórter sem pauta busca o “furo”

Sonho de ser jornalista proporcionou um curso por correspondência e um lugar na cobertura policial

Luiz Carlos Sousa
lulajp@gmail.com

Colecionador de muitas fontes e apurador de fatos na editoria policial, José de Sousa deu seus primeiros passos em **A União** ainda muito novo, aos 16 anos, na tipografia da gráfica. Mas o desejo de fazer jornalismo era maior e mais uma vez **A União** participou da formação de um dos principais repórteres paraibanos. José de Sousa fez parte da história do periódico com coberturas marcantes nas suas cinco passagens pela Redação e também se notabilizou por uma curiosidade: não gostava de receber pautas. Para ele, o chefe de Reportagem tinha muitas atribuições e não deveria ter que orientar os repórteres. Assim, ele criava sua agenda, buscava as fontes e produzia suas matérias.



Fotos: Edson Matos

José de Sousa cobriu vários crimes que tiveram grande repercussão no estado, como o da Bambu

A entrevista

■ *Zé, você chegou em A União mais ou menos quando?*

Foi em 1963, mais ou menos. Eu tinha 16 anos. Comecei na gráfica, na tipografia, mas tinha o sonho de ser jornalista.

■ *Como é que você veio parar na Redação?*

Eu tinha vontade de ser jornalista, fiz o curso por correspondência do Rio de Janeiro, quase um ano, porque aqui não tinha o curso de Jornalismo. Só tinha no Rio de Janeiro ou São Paulo. Quando cheguei na Redação já sabia tudo o que vocês sabem hoje. Falei com Barreto (Antônio Barreto Neto), e ele disse que poderia pedir para vir para cá. Eu já comecei a fazer matéria policial. Comecei quando o prédio de **A União** era ali na Visconde de Pelotas. Me saí muito bem, me dei bem com o pessoal.

■ *Quem estava na Redação na época?*

Trabalhava com Zé Coelho, Barreto, Gonzaga Rodrigues, Carlos Aranha, Gilvan de Brito. Peguei uma turma muito bacana. Os colegas me deram força porque não tinha repórter, era só eu mesmo. Vinham matérias do governo, a gente não pegava as matérias, assim, particulares, vinha no telex e a gente fazia a tradução do telegrama. Principalmente quando tinha uma reportagem grande, eu fui pegando gosto do negócio. Antigamente não tinha aquele negócio para gravar. Aqueles políticos traziam já aquele negócio no papel, quando ele terminava de ler, eu pedia: ‘É para o jornal **A União**’. Ajudava muito e foi assim que a turma foi gostando de mim, passei muito tempo fazendo as matérias policiais.

■ *Mas você começou na reportagem policial ou começou na reportagem geral?*

Eu comecei na policial. Na época da ditadura, eu dizia: quero ir lá no Pronto-Socorro pegar uma matéria, e eu ia guarnecido pela polícia, mas eu vi muita coisa ruim, estudante ferido. Teve depois o cri-



“

Hoje os repórteres estão esperando as matérias que o chefe de reportagem mandou fazer

José de Sousa

me da Bambu. Mataram um taxista a tiros de revólver em frente da churrascaria Bambu, que ficava na lagoa. Antigamente a alta sociedade frequentava ali. Um táxi estava parado e chegaram os quatro rapazes, que não vou dizer o nome, um deles atirou no motorista. Foi por isso que o crime teve grande repercussão, por ser quatro jovens filhos de pais da alta sociedade. Aí foi para o júri, quatro foram acusados e um foi absolvido e o rapaz morreu. Entre 1969 e 1970, eu já era repórter. Depois voltei umas três vezes ainda para o jornal.

■ *Você era um repórter da área policial diferenciado, não esperava pela pauta?*

Eu não gostava de pauta. Eu mesmo fazia minhas matérias. Para mim, no jornal, o editor de

página é que deve saber o que deve fazer, o chefe de Reportagem, coitado, é aquele que vai dar pauta para todo mundo. Quando chegava na Redação eu já sabia onde estava a matéria para pegar. Certa vez eu peguei um editor que chegou para mim e disse: você tá dando furo em todos os outros jornais. O que vale é você dar a matéria primeiro.

■ *Outra característica sua é que você nunca foi de fazer matérias longas?*

Eu fazia a matéria só para o cara entender. Fazia principalmente o começo da matéria o *lead*, e *sublead*, o importante era fazer o principal para a matéria.

■ *Isso tudo você aprendeu no curso por correspondência?*

Eu fui professor de mim mesmo. Ninguém me ensinou mais nada. Ate depois da chegada da televisão. Às 5 h eu pegava carona com o carro da TV, chegava no crime, que normalmente acontecia de madrugada. Eu tinha as fontes porque eu ia sempre na delegacia. Quando eu chegava da delegacia ia fazer aquelas matérias de continuação. E enquanto os outros estavam esperando que morressem um coitado, eu estava mais avançado.

■ *Você falou no crime da Bambu, que outro crime você destacaria?*

Teve a morte da universitária, que foi encontrada na BR-230, entre Várzea Nova e Santa Rita. Ela foi morta com um bisturi cirúrgico. O acusado foi absolvido em júri popular. Foi a Justiça que decidiu. Depois foi muito conhecida aqui, a jovem que foi sequestrada em 98, juntamente com seu namorado. Levaram eles no carro e queimaram o rapaz dentro do automóvel. Até hoje ninguém sabe. Acusaram uns rapazes como mandante do crime, até envolveram um pistoleiro. Eu encontrei ele numa delegacia e lembro dele falando: ‘Eu sou um cara que eu mato gente, sou assaltante, mas eu não sou esturpador de mulher’. Ele disse para o pai da menina. E até hoje não se sabe quem matou essa menina, Andressa. Teve também aquele do jovem. Foi uma briga e um deles

atirou no rapaz. Nessa época, foi no show do cantor Belo.

■ *Você cobriu algum crime por causa de conflito de terra?*

Teve o crime de Abiaí, um agente civil e caçadores, e ainda mataram mais dois funcionários da fazenda. Teve focinho de porco, o mais perigoso criminoso, que tinha aqui. Ele foi pego pela Polícia Federal, meteram bala nele. Teve aquele cara tarado de Bayeux, Pedro Corredor, que morreu com vários tiros. A história da balsa, quando 34 pessoas morreram, que afundou na Lagoa. Eu estava almoçando, quando vi, corri para o IML, que era o meu setor. Teve outro grave também em Bayeux, um homem e uma mulher ficaram dois dias trocando tiros com as Polícias Civil e Militar. Foram dezenas de disparos e a mulher que estava com eles escapou da morte. Mas ele estava todo furado de bala já. Outro também no Varjão, o cara matou sete pessoas que estavam dormindo, uma criança conseguiu escapar da chacina porque se escondeu debaixo da cama e foi por causa dessa criança que se sabe quem matou. Um homem invadiu a residência e matou sete pessoas por motivo de vigilância, ele ficou conhecido como ‘mata sete’. Isso foi em Princesa Isabel. O rapaz namorou a filha dele e como ele não encontrou o rapaz para matar, matou a família todinha. Outro crime grave aconteceu em Queimadas, onde mataram várias mulheres.

■ *Naquele tempo era tudo checado mesmo?*

É engraçado que nessa época que eu era do Jornal **A União**, eu ligava todo dia para a Superintendência de Polícia. Hoje, os repórteres estão esperando as matérias que o chefe de Reportagem mandou fazer. Outra fonte minha era a Polícia Militar, peguei amizade e vivia lá.

■ *Quem eram os grandes repórteres policiais da época com quem você trabalhou?*

Enoque Pelágio, até me inspirei nele, da época era o mais famoso que tinha. Aí quando ele foi ser vereador eu fiquei no lugar dele

em O Norte. Juarez Felix foi meu chefe, gostava de mim demais e eu gostava muito dele. Joel de Brito, Anacleto Reinaldo, Humberto Lira. Eu era repórter naquele tempo porque eu tinha minha visão de ser jornalista, como fui, dei minha vida pelo jornalismo. **A União** hoje é um colégio.

■ *Quantos anos você trabalhou?*

Eu passei 35 anos. Saí do jornal O Norte só quando fechou. A melhor coisa que eu tive foi isso, fiz muitos amigos, apesar de concorrentes. Eu bebia com os repórteres tudinho, mas eu não passava informação de jeito nenhum

■ *E você também testemunhou o advento da internet na Redação? Você se deu bem com os computadores?*

A primeira coisa que fiz foi um curso de datilografia. Eu tenho um diploma até hoje. Porque ninguém gostava de fazer. E eu sou ligeiro. O computador eu aprendi como todo mundo. Eu era inteligente, aprendi logo como salvava e ia salvando parágrafo por parágrafo. Uma vez eu escrevi duas laudas e perdi, não tinha recuperação do computador, você perdia tudo.

■ *Quando você teve seu último período na União?*

Eu trabalhei umas cinco vezes em **A União**. Eu acho o Jornal **A União** uma escola. Se quiser conhecer jornalismo tem que passar pel’ **A União**. Duas coisas preferenciais que existem no jornalismo são policial e esporte. Porque tem aquela coisa horrível, sangue na rua, eu acho muito chato isso na hora do almoço.

■ *Como foi que você conseguiu descobrir e cativar suas fontes?*

A polícia faz só o inquérito. Quando chega na Justiça vai para o promotor. Então eu sempre fazia ‘segundo o promotor de Justiça’, ‘segundo o delegado’... Eu nunca fazia matérias para me comprometer. Agora, o juiz não pode dar entrevista. Eu nunca tive dificuldade, eles gostavam de mim.

■ *Zé, você como repórter policial deve ter enfrentado algumas dificuldades, porque muita gente fica insatisfeita, você respondeu algum processo?*

Tem repórter que diz ‘foi fulano que disse’. Aí o cara chega na hora diz que não disse. Mas com o documento assinado não tem o que dizer. Tem repórter hoje que acaba com a vida do acusado, aí quando ver o cara, não fez aquilo. A televisão hoje também fica filmando a pessoa ali em sofrimento, que acabou de perder alguém, eu não gosto disso, nunca gostei.



Aponte a câmera e acesse a entrevista na íntegra





Messina Palmeira



Lúcia Ribeiro Coutinho, Ovadia Saad, Valéria Ribeiro, Rodrigo Toscano de Brito, Túlio César Alves, Adalberto Targino, Dorgival Andrade, Hélio Costa e Sandra Oliveira são os aniversariantes da semana.

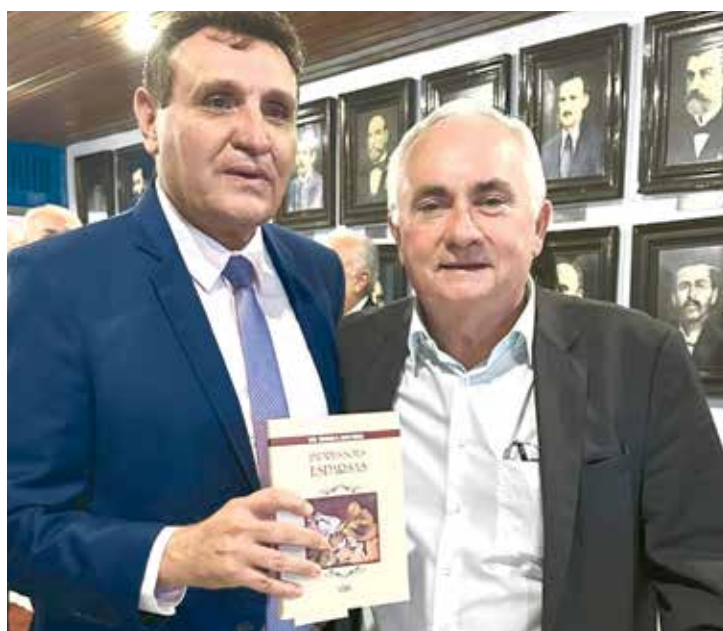
Andréa Gadelha, médica e presidente da Associação Donos do Amanhã, já totalmente direcionada para a comemoração da ação da empresa McDonald's, o McDia Feliz, evento que vai acontecer no próximo dia 26 de agosto. A importância desta parceria é que a arrecadação das vendas do tradicional sanduíche Big Mac será destinada ao tratamento de cerca de 200 crianças que fazem tratamento contra câncer.



Na próxima semana, vamos realizar, Rose Costa e esta colunista, o evento Bate e Volta a Remígio, município que tem como prefeito o atuante André Alves. No roteiro, visitaremos a feira da cidade, e depois, almoçaremos no restaurante Vó Maria; em seguida nos deliciaremos com a experiência de participar de uma farinhada no Sítio Tabuleiro de Muquém.



Realização: esta é a palavra que define o sentimento de Roberto Aquino e Raissa Lacerda ao ver a filha Maria Vitória concluir o curso de Medicina. A coluna registra a jovem formanda, ao lado da querida avó materna, Roberta Rodrigues de Aquino e de seus pais.



O jurista e presidente da Academia de Letras Jurídicas da Paraíba, Eitel Santiago de Brito Pereira, na foto com o amigo Delosmar Mendonça, vai lançar, no próximo dia 20 de julho, às 18h30, na sede da Academia Paraibana de Letras, o seu novo livro – Impressões Esparsas. A obra, que tem o selo da editora Ideia, de Magno Nicolau, tem apresentação do colega acadêmico Milton Marques Junior.

Em São Paulo, precisamente no Centro de Convenções do Shopping Frei Caneca, visitei a 99ª edição da Bijoiás, a maior feira de semijoias do país. O evento que, no mês de novembro, vai celebrar a 100ª edição, é realizado pela empresária Vera Masi. Na minha visita ao evento, conheci a assessora de comunicação Fátima Nobre (foto).



Em Ilha Bela, um dos poucos municípios-arquipélagos, registrei o casal Adriana Palmeira e Thiago Moura (filha e genro), na bela Praia Saco da Capela e suas inúmeras embarcações.

IMOBILIÁRIA

PARAÍBA PROPERTY

www.paraibaproperty.com.br
+55 83 99302-7071

CRECI 0362-J

SAO BRAZ

ESPRESSO SÃO BRAZ EM CÁPSULAS. EXPERIMENTE.

PARA MÁXIMO APROVEITAMENTO

*marca de terceiro não relacionada com a São Braz.

Após lançar na Capital o seu mais recente livro – História da Imprensa na Paraíba –, o jornalista Gilson Souto Maior já programou para a próxima sexta-feira (18) o lançamento da obra em Cajazeiras, cidade onde atuou na Difusora Rádio Cajazeiras e por pertencer à Academia Cajazeirense de Artes e Letras. O evento faz parte das festividades comemorativas da Semana da Cidade, patrocinada pela Prefeitura local e com a participação do Secretário José Anchieta.

No próximo dia 28, a cantora potiguar Marina Elali vai se apresentar no Teatro Paulo Pontes, no Espaço Cultural José Lins do Rêgo. No evento, acompanhada pelo maestro Eduardo Lage, Marina vai interpretar algumas canções do rei Roberto Carlos.

Mais uma edição do já famoso Experience Cake Art Nordeste vai acontecer no Centro de Convenções de João Pessoa, entre os dias 29 e 31 deste mês. O evento, liderado pela expert Fabiana Kelly, considerado o maior e mais badalado do Nordeste brasileiro, vai contar com área de exposição, palestras, **workshops**, competições de bolo e exposições de doces.

A Academia Paraibana de Letras (APL) está expedindo convites para o lançamento do livro 'Joaquim da Silva: um empresário ilustrado do Império', a mais nova obra do acadêmico e historiador Francisco Sales Gaudêncio. No evento, que vai acontecer na sede da APL, no dia 22 de agosto, às 18h, o membro da Academia Brasileira de Letras, Joaquim de Arruda Falcão Neto, fará a apresentação do livro.

Selic

Fixado em 2 de agosto de 2023

13,25%

Sálário mínimo

R\$ 1.320

Dólar \$ Comercial

+0,45%

R\$ 4,904

Euro € Comercial

+0,15%

R\$ 5,368

Libra £ Esterlina

+0,59%

R\$ 6,259

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Julho/2023 0,12

Junho/2023 -0,08

Maior/2023 0,23

Abril/2023 0,61

Março/2023 0,71

Ibovespa



IMÓVEIS DE MILHÕES

Mercado de apartamentos de luxo retoma alta em JP

Com preços que chegam a R\$ 7 milhões, locais atraem clientes exclusivos

Thadeu Rodrigues
thadeu.rodriguez@gmail.com

Imóveis com área superior a 200 metros quadrados, algumas suítes, quatro ou até mais vagas de garagem. Um apartamento de luxo conta com projeto arquitetônico exclusivo, sistema de ar-condicionado central e projetos luminotécnicos automáticos para toda a mansão, que conta com portas de entrada amplas e banheiras de hidromassagem nas suítes. Já os valores, podem superar a quantia de R\$ 7 milhões.

Assim é o mercado dos imóveis de luxo em João Pessoa, restrito a uma pequena parcela da população. O segmento passou por um período de baixa nos últimos anos por fatores sociais, mas está em tendência de alta, atraindo novamente a classe A. Os compradores dos lançamentos são do Brasil inteiro, que buscam morar ou investir no ponto mais oriental da Américas.

O diretor-secretário do Conselho Regional de Corretores de Imóveis da Paraíba (Creci-PB), Glauco Morais, afirma que o conceito de imóvel de luxo não está necessariamente ligado ao tamanho do empreendimento. Contudo, o público A demonstra interesse por espaços maiores.

Ele destaca a venda de um imóvel de 36 metros quadrados em Manaíra pelo valor de R\$ 555 mil, o que corresponde a uma média de R\$ 15,4 mil por metro quadrado. Mas há propriedades na capital cujo metro quadrado supera os R\$ 20 mil. "Quanto menor o imóvel, maior o valor do metro quadrado", aponta o corretor.

O luxo não está apenas dentro do imóvel, mas em todas as áreas dos condomínios verticais. "São itens de extremo requinte nas áreas comuns, elevando o nível do imóvel e o caracterizando como de luxo",



Fotos: Divulgação/Massai



Áreas comuns mobiliadas e espaços de lazer amplos são algumas das vantagens dos imóveis

diz Glauco Morais.

São exemplos: espaço *gourmet*, *spa*, sauna, hidromassagem, piscinas - inclusive aquecidas, *pool house*, academia de ginástica, pista de *cooper*, quadras esportivas, salões de jogos e de festas, bares, espaços para pets, espaço *cowork*, lava a jato, tomadas para carros elétricos e salas para garçons e motoristas dos condôminos.

Localização privilegiada

O diretor-secretário do Creci-PB afirma que os empreendimentos luxuosos são construídos nos bairros com praias, sobretudo à beira-mar, além do Altiplano. "O zoneamento da cidade só autoriza a construção de torres verticais em terrenos grandes, o que

também favorece a implantação de empreendimentos mais completos. No passado, Jardim Luna e Miramar receberam alguns condomínios".

A construção de empreendimentos na beira-mar de Cabo Branco e Tambaú, por exemplo, é para imóveis bem exclusivos. Segundo Glauco Morais, a legislação não permite construções de torres no local, o que encarece os custos de construção. "Os imóveis possuem valores a partir de R\$ 3 milhões. Já no Altiplano, podemos encontrar com valores a partir de R\$ 1,5 milhão. Mas temos imóveis em condomínios verticais de valores superiores aos R\$ 5 milhões na cidade".

Ele destaca que o mercado

de João Pessoa está tão amplo, que os projetos luxuosos já estão chegando também a Cabedelo, como em Ponta de Campina, Camboinha, Praia Formosa e Areia Dourada.

De acordo com Glauco Morais, o público que compra os apartamentos de luxo é composto por empresários, médicos, magistrados e advogados locais, além de uma parcela de investidores de outros estados. Quanto ao pagamento, geralmente ocorre com o imóvel ainda em construção. "Há consumidor que dá um sinal de 20% a 30% do valor total do apartamento, com plano de finalização até a entrega do imóvel. Muitos utilizam apenas capital próprio".

Vista privilegiada e conforto são atrativos

O diretor-secretário do Creci-PB explica que o mercado esteve sem lançamentos por mudanças nas composições das famílias e por causa da pandemia de Covid-19. "Conforme o IBGE constatou, as famílias estão menores, e isto se refletiu na redução dos tamanhos dos imóveis. Outro aspecto foi que, com a pandemia, muitas famílias migraram para condomínios horizontais, em busca de mais espaços livres".

O corretor comenta que as construtoras dedicaram-se a lançar empreendimentos com unidades compactas, vislumbrando quem mora sozinho e que adquire imóveis para usar por temporada ou

a fim de investir para locação. "Com isso, a construção de empreendimentos luxuosos cessou temporariamente, mas os lançamentos estão voltando e o mercado de luxo deve voltar a crescer".

Exemplo disso, é o empreendimento NeoResidence, da construtora Massai, que conta com 40 apartamentos em um arranha-céu de 44 pavimentos - incluindo a cobertura e dois de subsolo, além do térreo -, construído no Altiplano. Conforme o gerente comercial da empresa, Lucas Silveira, o empreendimento com vista definitiva para a cidade de João Pessoa, foi completamente vendido há dois anos. "O Neo tem um novo con-

ceito na arquitetura, tanto das unidades, quanto das áreas comuns, que são entregues decoradas. João Pessoa conta com um empreendimento que poderia ser entregue em qualquer lugar do mundo, devido ao seu alto padrão, mas está aqui e a um valor acessível", comenta Lucas Silveira.

Todos os apartamentos têm área de 405 metros quadrados, mas os valores variam de R\$ 4,5 milhões a R\$ 7 milhões, conforme o pavimento em que estão localizados. "Considerando uma média de R\$ 5,5 milhões, o valor do metro quadrado é em torno de R\$ 12 mil", pondera ele.

Conforme o gerente comercial, além dos itens de

luxo nas áreas comuns, que inclui o espaço de bem-estar na cobertura - com equipamentos como academia, spa, sauna, piscina aquecida e banheiras de hidromassagem, o Neo é o único empreendimento da cidade com varandas e sala com pé direito duplo, de seis metros de altura por andar, para "dar sensação de descompressão", destaca.

Outro diferencial é a quinta vaga de garagem. "É um espaço fechado para guardar um carro de luxo ou até mesmo fazer um estúdio, como extensão do apartamento, já que tem ar-condicionado". Ademais dos investimentos, os moradores podem contemplar o nascer e o pôr do sol.

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaboferraz3@gmail.com | Colaborador

Drex: a futura moeda digital do Brasil

O Banco Central do Brasil anunciou o "Drex", anteriormente conhecido como Real Digital, uma moeda virtual que se encontra em fase de testes e tem previsão de ser disponibilizada ao público em 2024. O Drex, que é a versão brasileira do "Central Bank Digital Currency" (CBDC), representa uma inovação significativa no cenário financeiro do país. Aqui estão as principais informações sobre o Drex:

O Drex é uma representação digital do papel-moeda emitido pelo Banco Central. Ele mantém as regras e fundamentos para a estabilidade do real e permitirá transações financeiras, transferências e pagamentos através de uma plataforma especialmente desenvolvida para sua circulação. Classificado como uma Moeda Digital de Banco Central (CBDC), o Drex será emitido e mantido sob custódia pelo Banco Central, possuindo a mesma cotação em relação a outras moedas que o real atualmente possui. A distribuição para o público será intermediada por bancos, garantindo segurança jurídica e privacidade no compartilhamento de dados pessoais.

A tecnologia por trás do Drex é a Distributed Ledger Technology (DLT), ou Tecnologia de Registro Distribuído. Esta tecnologia, conhecida por sua segurança e transparência, utiliza uma plataforma digital que registra operações de maneira colaborativa, permitindo o acesso ao histórico de transações de forma transparente. A plataforma escolhida é a Hyperledger Besu, baseada no ecossistema do Ethereum.

O nome "Drex" é um acrônimo que representa diferentes características da moeda. Cada letra simboliza uma parte da palavra "digital", "real", "eletrônica" e sugere modernidade e conexão.

O Drex difere das criptomoedas em termos de regulamentação e controle. Enquanto o Drex estará sob a supervisão e controle do Banco Central, as criptomoedas são descentralizadas e não regulamentadas. O Drex também difere do Pix, outro sistema de pagamento instantâneo, pois é uma representação digital da moeda nacional, enquanto o Pix é um meio de pagamento que já está em funcionamento.

Os testes do Drex, conhecidos como "Piloto RD", iniciaram em março e continuarão até março de 2024. O piloto inclui a simulação de transações com títulos públicos e depósitos tokenizados, garantindo o funcionamento e a privacidade das transações.

O Drex será acessado pelos consumidores por meio de carteiras virtuais, operadas por instituições financeiras sob a supervisão do Banco Central. O processo de conversão entre real e Drex ocorrerá através dessas carteiras. O Drex tem potencial para transformar serviços financeiros, incluindo transferências, pagamentos e até mesmo a compra de títulos públicos, permitindo o uso de contratos inteligentes que agilizam e automatizam as operações.

Embora o Drex tenha custos associados, devido aos serviços financeiros e à supervisão envolvida, espera-se que sua introdução reduza custos intermediários e traga maior eficiência ao sistema. A população terá acesso ao Drex após os testes do piloto, previstos para o final de 2024.

Em suma, o Drex representa um avanço significativo na digitalização da economia brasileira. Sua adoção tem o potencial de melhorar a eficiência das transações financeiras, aumentar a inclusão financeira e estabelecer uma base sólida para a economia digital do futuro.

MOEDA DIGITAL

Drex pretende impactar negócios

Diferente das criptomoedas, a versão virtual do real é regulada pelo BC e deve estimular a inclusão financeira

Agência Brasil
Com Redação

Versão virtual do real, o Drex, está em fases de testes desde março e terá as primeiras operações simuladas previstas para setembro. A moeda digital pretende ampliar as possibilidades de negócios e estimular a inclusão financeira. Tudo num ambiente seguro e com mínimas chances de fraudes. O Banco Central (BC) batizou o nome da nova moeda digital como Drex, unindo elementos de inovação, sendo o “D” de digital, o “R” de Real, o “E” eletrônica e o “X” representando a modernidade e conexão.

A ideia, segundo o BC, é que o Drex seja usado no atacado para serviços financeiros, funcionando como um Pix – sistema de transferências instantâneas em funcionamento desde 2020 – para grandes quantias e com diferentes finalidades. O consumidor terá de converter reais em Drex para enviar dinheiro e fazer o contrário para receber dinheiro.

A Federação Brasileira de Bancos (Febraban) tem participado ativamente das discussões em torno do Real Digital. A partir de estudos internacionais, o grupo de trabalho da Federação em conjunto com bancos associados identificou e apresentou como proposta ao Laboratório de Inovações Financeiras e Tecnológicas do Banco Central (LiftChallenge) um caso de uso associado à liquidação de operações financeiras

no mercado de capitais. Este trabalho colaborou para que o BC pudesse definir melhor as diretrizes do Real Digital.

No fórum da Febraban, as instituições financeiras também promovem o debate técnico sobre segurança, privacidade, resiliência, interoperabilidade e escalabilidade da moeda digital. Ademais, fomentam a troca entre as instituições de avaliações sobre o futuro desta iniciativa, já antecipando discussões como possibilidades de negócios, papéis e responsabilidades dos envolvidos no processo.

Além disso, a Febraban assinou Acordo de Cooperação Técnica (ACT) com o BC para a criação de um protótipo com infraestrutura de tecnologia distribuída para a realização de experimentos, testes e outras medidas necessárias para validar o projeto.

Menos papel em circulação

Em audiência no Senado Federal, na última quinta-feira (10), o presidente do BC, Campos Neto, falou sobre a importância do Drex para a digitalização da economia, o que vai reduzir a circulação

de papel-moeda, bem como os custos. Ele aponta que o país tem aproximadamente 285 bilhões de notas de papel-moeda em circulação, o que corresponde a uma redução de 10 bilhões, em relação ao ano anterior.

Segundo ele, isto é resultado de ações do BC. “Com o dinheiro digital, a gente tende a acelerar isso”, aponta. Se há economia com impressão de moeda, há investimentos em tecnologia, a exemplo do Pix. “Hoje, a gente tem uma economia grande porque a gente não precisa gastar tanto

tempo, tanto dinheiro, imprimindo papel-moeda. Por outro lado, a gente gasta em tecnologia. O Pix tem um custo de manutenção que vai subindo, porque a gente tem 140 milhões de negociação por dia”.

O Drex funcionará como uma versão eletrônica do papel-moeda, que utiliza a tecnologia *blockchain*, a mesma das criptomoedas. Classificada na categoria Central Bank Digital Currency (CBDC, Moeda Digital de Banco Central, na sigla em inglês), a ferramenta terá o valor garantido pela autoridade monetária. Cada R\$1 equi-

valerá a um Drex.

Considerado à prova de *hackers*, o *blockchain* é definido como uma espécie de banco de dados ou de livro-razão com dados inseridos e transmitidos com segurança, rapidez e transparência. Sem um órgão central de controle, essa tecnologia funciona como uma espécie de corrente de blocos criptografados, com cada elo fechado depois de determinado tempo. Nenhuma informação pode ser retirada ou mudada porque todos os blocos estão conectados entre si por senhas criptografadas.

Paridade com real e oscilação conforme a taxa de câmbio

O Drex será diferente das criptomoedas, que obedecem à lei da demanda e da oferta, com o valor flutuando diariamente, como uma ação de uma empresa. Sem garantia de bancos centrais e de governos, a cotação das criptomoedas oscila bastante, podendo provocar perdas expressivas de valor de um dia para outro.

Atrelado às moedas oficiais, o CBDC oscila conforme a taxa diária de câmbio, determinada pelos fundamentos e pelas políticas econômicas de cada país. A taxa de câmbio, no entanto, só representa diferença para operações entre países diferentes. Para transações internas, o Drex valerá o mesmo que o papel-moeda.

Outra diferença em relação às criptomoedas está no sistema de produção. En-

■ Diferente das criptomoedas, o Drex será produzido pelo Banco Central e funcionará como uma moeda de atacado

quanto moedas virtuais como Bitcoin, Ethereum e outras podem ser “mineradas” num computador que resolve algoritmos e consome muita energia, o Drex será produzido pelo Banco Central, com paridade em relação ao real.

Diferenças do Pix

Embora possa ser considerado primo do Pix, por permitir pagamentos instantâneos entre instituições financeiras diferentes, o Drex funcionará de maneira distinta. No Pix, a transferência ocorre em reais e obedece a limites de segurança impostos pelo BC e pelas instituições financeiras. No Drex, a transferência utilizará a tecnologia *blockchain*, a mesma das criptomoedas. Isso permitirá transações com valores maiores.

Os serviços que poderão ser executados com o Drex são serviços financeiros em geral, como transferências, pagamentos e até compra de títulos públicos. Os consórcios habilitados pelo Banco Central poderão desen-

volver mais possibilidades, como o pagamento instantâneo de parcelas da casa própria, de veículos e até de benefícios sociais, conforme anunciado pelo consórcio formado pela Caixa Econômica Federal, a Microsoft do Brasil e a bandeira de cartões de crédito Elo.

O Drex permitirá o uso de contratos inteligentes. No caso da venda de um veículo, não haveria a discussão se caberia ao comprador depositar antes de pegar o bem ou se o vendedor teria de transferir os documentos antes de receber o dinheiro. Todo o processo passará a ser feito instantaneamente, por meio de um contrato automatizado, reduzindo o custo com burocracias, intermediários e acelerando as operações.

Uso entre instituições

Previsto para chegar ao consumidor no fim de 2024 ou início de 2025, o Drex só funcionará como uma moeda de atacado, trocada entre instituições financeiras. O cliente fará operações com a moeda digital, mas não terá acesso direto a ela, operando por meio de carteiras virtuais.

O processo ocorrerá da seguinte forma: primeiramente, o cliente (pessoa física ou empresa) deverá depositar em reais a quantia desejada numa carteira virtual, que converterá a moeda física em Drex, na taxa de R\$1 para um Drex. Essas carteiras serão operadas por bancos, *fintechs*, cooperativas, corretoras e demais instituições financeiras, sob a

supervisão do BC. Novos tipos de empresas com carteira virtual poderão ser criados, conforme a evolução da tecnologia.

Após a tokenização (conversão de ativo real em ativo digital), o cliente poderá transferir a moeda digital, por meio da tecnologia *blockchain*. Caberá ao receptor converter o Drex em reais e fazer a retirada.

A tokenização pode ser definida como a representação digital de um bem ou de um produto financeiro, que facilita as negociações em ambientes virtuais. Por meio de uma série de códigos com requisitos, regras e processos de identificação, os ativos (ou frações deles) podem ser comprados e vendidos em ambientes virtuais.

Testes serão feitos por 16 consórcios escolhidos pela Febraban

Em março, o BC escolheu a plataforma Hyperledger-Besu para fazer os testes com ativos de diversos tipos e naturezas. Essa plataforma tem baixos custos de licença e de *royalties* de tecnologia porque opera com código aberto (*open source*).

O calendário de testes para implementação do projeto-piloto do Real Digital foi anunciado em março pelo Banco Central e batizado de Piloto RD. O regulador rece-

beu 36 propostas de interesse na participação piloto e foram selecionados 16 interessados entre associados da Febraban, no qual se incluem os maiores bancos do país.

Os 16 consórcios escolhidos para participar do projeto piloto construirão os sistemas a serem acoplados ao Hyperledger-Besu e desenvolverão os produtos financeiros e as soluções tecnológicas. A lista completa de entidades selecionadas pelo Comitê Execu-

tivo de Gestão está no site do Banco Central.

Um dos consórcios é formado por cooperativas financeiras: Sicoob, Sicredi, Ailos, Cresol e Unicred. Conforme o grupo, os sistemas cooperativos estão envolvidos nas mais diversas discussões de inovação do mercado financeiro, entre elas, a tecnologia *blockchain*. “Estamos muito satisfeitos, porque as cooperativas estão se destacando a cada nova etapa e tendo resul-

tados positivos”, afirma a nota do consórcio.

Previstos para começar em setembro, os testes com os consórcios ocorrerão com operações simuladas e testarão a segurança e a agilidade entre o real digital e os depósitos tokenizados das instituições financeiras. A testagem será feita em etapas até pelo menos fevereiro do próximo ano, quando ocorrerão operações simuladas com títulos do Tesouro Nacional.

Ativos

■ Os ativos a serem testados no projeto piloto serão os seguintes:

- depósitos de contas de reservas bancárias;
- depósitos de contas de liquidação;
- depósitos da conta única do Tesouro Nacional;
- depósitos bancários à vista;
- contas de pagamento de instituições de pagamento;
- títulos públicos federais.



Chegada do Drex vai contribuir com a digitalização da economia brasileira, reduzindo a circulação de papel-moeda e os custos envolvidos neste processo

Foto: Pixabay

CENTRO DE CONVENÇÕES

Estudantes e startups na Expotec

Evento teve maratonas de inovação, exposição de projetos, palestras e novas empresas aprovadas no edital Centelha

Fotos: Mateus de Medeiros

Renato Félix
Assessoria Secties

Ideias inovadoras foram as estrelas no Centro de Convenções de João Pessoa durante a Expotec 2023, realizada na semana passada, do dia 6 a 11. Elas foram apresentadas por diversos expositores, por jovens estudantes em maratonas de inovação, em palestras e debates. Diversas startups mostraram seus produtos e protótipos no estande da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties) ao longo da semana e também em um demoday.

Na segunda-feira, 120 estudantes do projeto Limite do Visível participaram de um *hackathon*, uma maratona de inovação que teve a parceria da Cagepa e que propôs aos alunos um desafio sobre saneamento básico. No final do dia, cada grupo entregou uma ideia inovadora sobre o tema. Também foram parceiros do *hackathon* a Secretaria de Estado da Juventude, Esporte e Lazer (Sejel), Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental (Abes), da empresa Deco e da Sociedade de Usuários de Tecnologia (Sucusu-PB).

Os estudantes se dividiram em 20 grupos, cada um com cinco pessoas e tiveram ajuda dos mentores. A equipe vencedora propôs a instalação de medidores de pressão para identificar rapidamente vazamentos e para que a Cagepa possa se

Diversas startups mostraram seus produtos e protótipos no estande da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties)

antecipar a uma possível falta d'água. Com a vitória, recebeu R\$ 2 mil. A equipe que ficou em 2º lugar, R\$ 1,4 mil, e a 3ª colocada, R\$ 600.

O projeto Limite do Visível é desenvolvido pela Secties em parceria com a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Egressos da Rede Estadual de Ensino têm acesso a dois cursos universitários que formarão tecnólogos: Análise e Desenvolvimento de Sistemas e Ciência de Dados. Estudantes do projeto começam a ter contato com essa cultura dos *hackathons*: participaram de um evento no Imagineland e agora deste, exclusivo para o Limite do Visível.



Estudantes do projeto Limite do Visível participaram de um *hackathon*, uma maratona de inovação que teve a parceria da Cagepa e que propôs aos alunos um desafio sobre saneamento básico; estande da Secties abriu para visitação (à esquerda); e o secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior, Claudio Furtado (abaixo), participou do hub Farol Digital



Farol Digital debateu ecossistema de inovação

O *hub* Farol Digital promoveu, quarta-feira, um encontro entre o conjunto de entidades públicas, acadêmicas e empresas que integram o ecossistema de inovação da Paraíba. A Secties e a Fapesq-PB participaram do evento, que contou com uma palestra do cientista e empreendedor paraibano Silvio Meira, cofundador do Porto Digital, em Recife. Outras entidades públicas também estiveram presentes como o Parque Tecnológico da Paraíba, o Sebrae, a Sucusu-PB e o Instituto Federal da Paraíba.

“Esse encontro é muito importante porque mobiliza todos os atores envolvidos. Quando se fala em inovação, é preciso pensar no setor empresarial, no Sistema S, nos bancos... E manter esse ecossistema junto é cada vez mais importante para que ele tenha participação na construção de editais e ações feitas pelos governos”, afirma o secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior, Claudio Furtado. “Conhecendo as necessidades, é possível atender melhor e ter um melhor resultado daquela política que se pretende fazer funcionar”.

“O trabalho que envolve um ecossistema depende de muito de que cada in-

tegrante possa se manter em permanente articulação”, continua Rangel Junior, presidente da Fapesq-PB. “O cotidiano termina por distanciar um pouco as pessoas que estão na linha de frente porque cada um está cuidando também de sua parte. Mas é importante que aconteça também esses momentos que parecem um grande *networking*, onde todo mundo se encontra. A partir daí vão nascendo novas conexões e possibilidades desse intercâmbio, que é o que faz com que o sistema se mantenha coeso e que possa surgir também novas ideias de crescimento”.

“O trabalho que envolve um ecossistema depende muito de que cada integrante possa se manter em permanente articulação”

Rangel Junior

Centelha: assinatura de contratos e entrega dos termos de outorga

Uma cerimônia na quinta-feira marcou a assinatura de contratos e entrega dos termos de outorga dos projetos aprovados no edital Centelha II, da Fapesq-PB. O programa nacional de apoio à geração de empreendimentos inovadores é fruto de parceria entre o Governo da Paraíba, por meio da Secties e executado pela Fapesq-PB, pela Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), pelo Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Superintendência

do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), com apoio do Sebrae, do Conselho Nacional das Fundações de Amparo à Pesquisa (Confap) e da Fundação Certi.

São 41 projetos de fomento aprovados, oriundos de 11 municípios paraibanos, e contemplados cada um com até R\$ 60 mil como subvenção econômica. O investimento total do Centelha II é de mais de R\$ 3,3 milhões.

“Quem quer ir mais longe precisa ter cuidado com cada passo”, afirmou Rangel

Junior. “Quando digo isso é porque, ao receber o recurso e sendo uma subvenção, é preciso fazer o melhor possível para que a ideia em que o Estado brasileiro está apostando se mostre viável”.

“O Centelha é muito importante porque pega uma empresa com boas ideias e vai trabalhar para que a empresa se profissionalize e que essa inovação chegue ao mercado”, afirma o secretário Claudio Furtado. “Que as empresas alavancem suas vendas e sejam competitivas”.

Estande da Secties esteve aberto à visitação com várias exposições

O estande da Secties esteve aberto à visitação desde a manhã de segunda e contou, nos cinco dias do evento, com várias exposições e demonstrações.

O Programa Parque Tecnológico Horizontes de Inovação apresentou os 12 projetos aprovados pelo edital Conectando Startups, voltado para ideias inovadoras em duas áreas: educação e turismo sustentável.

A Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq-PB) mostrou startups dos projetos Centelha, que investe em ideias que podem

evoluir para empresas, e Tecnova, que impulsiona startups que já deram seus primeiros passos.

Na sexta-feira, as 12 startups do Programa Parque Tecnológico Horizontes de Inovação se apresentam no Demoday da Primeira Chamada Desafios Tecnológicos e Inovação - Conectando Startups. As apresentações foram realizadas para uma banca avaliadora formada por investidores.

A colaboração Bingo, que está instalado um radiotelescópio no município de Aguiar, esteve presente os cinco dias do evento, exibindo para o pú-

blico dispositivos que serão usados no equipamento em construção pelo projeto na Paraíba. Os visitantes do estande puderam entender como funciona um radiotelescópio (que é diferente de um telescópio óptico).

A Associação Paraibana de Astronomia (APA) também esteve no estande de segunda a sexta e levou fragmentos e modelos de asteroides e meteoritos, além de ter informado sobre o Encontro Nacional de Astronomia, que acontecerá na Paraíba de 12 a 14 de outubro, em virtude da observação do eclipse anular do Sol.

Game Jam atravessou a noite

Outra maratona de inovação foi realizada quinta e sexta, sem parar: o Game Jam Experience. O evento reuniu 16 estudantes, divididos em quatro grupos de quatro, dedicados por 32 horas contínuas a desenvolver protótipos de novos jogos. Desta vez, participaram alunos de diferentes universidades, incluindo integrantes do projeto Limite do Visível, que estudam na UEPB.

A equipe vencedora foi premiada com R\$ 5 mil. As equipes tiveram representantes de diferentes universidades, estudantes que não se conheciam e trabalharam pela primeira vez juntos. Os participantes passaram a noite de quinta para sexta no Centro de Convenções, acompanhados pela equipe da Secties, supridos com alimentação e se organizando para a equipe de revezar no sono, para que o trabalho não parasse.

Participaram alunos de diferentes universidades, incluindo integrantes do projeto Limite do Visível, que estudam na UEPB

RIOS E MARES

Qualidade das águas é monitorada

Paraíba tem 130km de litoral, além de rios urbanos, que sofrem com poluição frequente devido à ação humana

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br
Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

A natureza oferece diversas fontes de lazer ao ser humano e uma delas são as praias. A Paraíba é um estado privilegiado nesse sentido, pois possui um litoral que se estende por mais de 130 quilômetros de extensão. Mas, dependendo do dia, há trechos de praias que estão impróprios para o banho por causa da poluição. Segundo a Superintendência de Administração do Meio Ambiente da Paraíba (Sudema-PB), a principal fonte poluidora que afeta a balneabilidade das praias é “a provável ligação de esgoto sanitário à rede pluvial”, fazendo com que água suja seja despejada no meio ambiente, prejudicando os organismos aquáticos e o ser humano.

“As ligações clandestinas geralmente estão associadas à falta de saneamento básico na região e, atualmente, é um dos maiores problemas ambientais. Lançado sem tratamento, o esgoto altera toda a composição química da água, afetando os organismos aquáticos”, declarou Talita Araújo, chefe de Divisão de Controle da Poluição da Sudema.

De acordo com a gestora, quando o despejo se direciona para o mar, altera a qualidade da água das praias. E quando é lançado nos rios, acaba causando poluição dos recursos hídricos que estão disponíveis para consumo humano, o que gera uma redução significativa da água potável disponível para a população.

Talita contou que no momento em que se identifica algum lançamento de esgoto clandestino, o responsável é notificado e obrigado a sanar o problema. “A pessoa tem de realizar, neste caso, a ligação na rede coletora de esgoto ou implementação de um sistema de tratamento de esgoto ou construção de uma fossa séptica.”

Vale ressaltar que, quando um trecho de praia está impróprio para o banho, significa dizer que a taxa de coliformes termotolerantes (antigamente denominado de coliformes fecais) está acima do que é permitido pelos especialistas. Os indicadores adotados para mensurar essa taxa é a Unidade Formadora de Colônia (UFC) e o mililitro (ml).

De acordo com a Sudema, o banho, ou outra atividade realizada dentro do mar, deve ser evitado quando o trecho de alguma praia apresentar números superiores a 1.000 UFC/100 ml em mais de 20% do tempo de análise, ou se o trecho mostrou mais de 2.500 UFC/100 ml na última medição. “Levamos em consideração as últimas cinco semanas de coleta. Então, se em mais de 20% das coletas realizadas nessas cinco semanas derem mais 1.000 UFC/100 ml, elas são consideradas impróprias”, explicou Talita.



Foto: Evandro Pereira

Sudema realiza coleta de água para análises todas as semanas, de segunda a quinta-feira

Esgotos não tratados por cidades oferecem riscos às praias e rios

Principal fonte poluidora das águas são os esgotos clandestinos lançados nas águas, segundo Sudema

A bióloga, professora e pesquisadora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Maria Cristina Crispim, afirmou que, o maior problema ambiental que impacta na poluição das águas dos mares e rios é o não tratamento adequado de esgotos. Ela contou que muitas cidades têm coleta de esgoto, que não é tratado e é lançado diretamente nos rios, principalmente, os urbanos.

Em outras situações, há a coleta mas, o tratamento é feito em Estações de Tratamento do tipo australiano, que adota “apenas lagoas de decantação, com tratamento insuficiente, que não retira os coliformes e são lançados por seus efluentes nos rios”. Dessa forma, essas águas vão para os estuários e chegam nas praias, comprometendo a balneabilidade nessas regiões.

“Aqui em João Pessoa, temos as três situações: esgotos clandestinos, esgotos coletados e lançados diretamente nos rios, e esgotos indo para Estações de Tratamento precário, que não retiram a maior parte dos contaminantes, incluindo os coliformes, que são um indicador de balneabilidade em ambientes marinhos”, afirmou a bióloga.

Maria Cristina Crispim declarou que os esgotos não tratados adequadamente levam a outros problemas. Além da perda de qualidade balnear, esses líquidos poluentes são repletos de matéria orgânica, que se decompõe nos rios, levando à queda de oxigênio nos ecossistemas aquáticos, afetando toda a biota aeróbia.

O excesso de nutrientes aumen-

ta a produção de plantas aquáticas ou microalgas que, em excesso, provoca a degradação da qualidade de água. Algumas dessas plantas são a baronesa e a alface d'água, que acumulam água nas folhas, virando criadouro de mosquitos transmissores de doenças. Ela acrescentou que, as águas de esgotos não tratadas, lançados nos rios, também causam mau cheiro, devido à “presença de sulfeto, que é tóxico”.

“Assim, vemos que, com nossas atitudes irresponsáveis de não tratar esgotos, estamos colocando em risco o uso da água, que é um recurso cada vez mais valioso. Colocamos também em risco uma atividade importante para a economia, que é o banho de mar, visto que o turismo de sol e mar é um dos mais consolidados na nossa região”, ressaltou Crispim.

Risco de doenças

A poluição das praias e rios também causa doenças à população. Segundo a bióloga, professora e pesquisadora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Maria Cristina Crispim, entre as enfermidades transmitidas por veiculação hídrica estão verminoses - provenientes dos insetos que se proliferam nos locais impuros, bem como a diarreia. “Resumindo, quanto mais esgoto, maior a degradação dos rios, maior a transmissão de doenças, maior a internação hospitalar, menor a qualidade das praias, resultando em impactos sociais, ambientais, econômicos, entre outros”, frisou a pesquisadora.

Novos Investimentos

Cagepa - A assessoria de imprensa da Companhia de Água e Esgotos da Paraíba (Cagepa) informou que as Estações de Tratamento de Esgoto possuem lagoas anaeróbica e facultativa, com tratamento biológico, onde removem 60% da carga orgânica exigida pela legislação vigente.

Com relação aos coliformes, a Cagepa comunicou que tem resultados variáveis, com índices que oscilam, dependendo dos meses do ano. Por causa dessa variação, a companhia está em busca de tecnologia e produto químico que não causem nenhum dano à biótica do corpo receptor.

A partir dessa concepção, a Cagepa informou que está realizando testes e elaborando projetos de adequação às tecnologias e produtos químicos a serem instalados e aplicados nos sistemas para seguir com os avanços e entrega de um serviço de excelência cada vez melhor aos paraibanos.

Semam - A Secretaria do Meio Ambiente de João Pessoa informou que o órgão realiza fiscalização nos bairros da cidade para detectar ligações clandestinas de esgoto ou outros problemas ambientais. Quando detectada a infração, o responsável está sujeito à multa que varia conforme a gravidade da ação. Lançar esgoto em via pública, por exemplo, pode gerar multa que vai de 320 Ufir-JP a 382 Ufir-JP. Lembrando que o valor da Ufir, atualmente, é de R\$ 47,11. Se o lançamento for para galeria de redes pluviais, o valor varia de 1.689 Ufir-JP a 2.941 Ufir-JP.



Mais de 64 pontos são acompanhados no litoral da Paraíba

Para avaliar a qualidade das águas (balneabilidade) das praias destinadas ao banho, natação, mergulho ou pesca, a Sudema monitora 64 pontos em todo o litoral do estado e, semanalmente, divulga o boletim com os resultados obtidos das análises. Toda sexta-feira um boletim atualizado é divulgado para a população.

A chefe de Divisão de Controle da Poluição da Sudema, Talita Araújo, afirmou que os trechos que apresentam, com maior frequência, inaptidão para uso por parte dos banhistas são as áreas em frente à desembocadura do maceió do Bessa e no Farol do Cabo Branco, em frente à rotatória do Cabo Branco.

“As amostras são coletadas, semanalmente, de segunda a quinta-feira. Em seguida, são analisadas com relação à incidência de coliformes termotolerantes. Às sextas-feiras, o boletim é divulgado”, frisou Talita. O resultado da análise pode ser conferido no site da Sudema que é: <https://sudema.pb.gov.br/>.

Caso identifique ligação clandestina de esgoto no estado, a população pode contribuir com o trabalho da Sudema, realizando denúncia por meio do número (83) 98844-2191.

SÉRIE C

Botafogo encara o CSA, em Maceió

Pelo Brasileiro da Série D, o Nacional de Patos enfrenta o Ferroviário-CE, às 16h, no Estádio José Cavalcanti

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

Hoje, o Botafogo entra em campo pela disputa do Campeonato Brasileiro da Série C com a chance de carimbar a sua vaga na fase final na luta pelo tão sonhado acesso à Série B. O Belo encara o CSA-AL, a partir das 16h, no Estádio Rei Pelé, em Maceió-AL, pela sequência da 17ª rodada da competição.

O alvinegro vai precisar voltar a vencer fora de casa para garantir a sua vaga na próxima fase já que iniciou a rodada na 3ª colocação com 28 pontos. No último confronto entre as equipes, no Rei Pelé, vitória dos alagoanos por 2 a 1, sendo que a única vitória do Belo na casa do adversário ocorreu na tempo-

rada de 2003, um 2 a 1, por confronto da 2ª fase daquela edição. O duelo mostra um equilíbrio, sendo três vitórias para o Botafogo, mais um empate e duas vitórias do Azulão.

O treinador Felipe Surian não vai poder contar com o meia Renatinho, suspenso pelo terceiro cartão amarelo, e o volante Vitinho que sofreu uma lesão no tornozelo. O atacante Pipico, em processo de recuperação de uma lesão na coxa, ainda não deve fazer sua estreia com a camisa do Botafogo. Quem tem presença confirmada é Marco Antônio. Autor do gol no empate em 1 a 1, no último confronto contra o São José-RS, em João Pessoa, o volante acredita na força do elenco para buscar a classificação fora de casa.

“A gente sabe que jogar na casa deles (CSA-AL) é muito difícil. E também sabemos da situação do nosso adversário na competição, é um jogo de tudo ou nada para eles. Todos os jogos que a gente disputa fora de casa, entra para ganhar e nesse não será diferente. Vamos em busca de nossa classificação”, disse.

No lado do CSA-AL, o treinador Marcelo Cabo deve fazer apenas uma alteração na equipe. Ele não conta com o volante Bruno Matias, suspenso, e a tendência é que promova o retorno do meia Tomas Bastos. Lesionado, o lateral-esquerdo Ernandes também deve ser vetado, e Rhuan é o mais cotado para jogar. A equipe alagoana iniciou a rodada na 11ª colocação com 22

pontos e precisa da vitória para tentar um lugar no G-8.

Série D

O Nacional recebe o Ferroviário-CE, hoje, a partir das 16h, no Estádio José Cavalcanti, em Patos, pela primeira partida do confronto de oitavas de final do Campeonato Brasileiro da Série D. O Canário vem empolgado depois de cinco vitórias consecutivas como mandante e vai buscar mais um resultado positivo para abrir vantagem e levar a decisão para a segunda partida.

Mas, o treinador Rodrigo Fonseca sabe que estará diante da melhor equipe da competição. O Ferroviário-CE faz uma campanha avassaladora na Série D. O clube é a única equipe

invicta na competição, com incríveis 12 vitórias em 16 partidas disputadas. No jogo que marca o primeiro encontro oficial entre as equipes, o comandante alverde reconhece o favoritismo, mas diz que sua equipe vai entrar em campo para vencer.

“O favoritismo total é do Ferroviário, afinal, eles têm a melhor campanha de todas as equipes que ainda estão na Série D. Mas vamos procurar fazer o nosso jogo, respeitar o adversário, jogando futebol, que é a nossa principal característica. Vamos entrar para vencer, como fizemos em todos os jogos, buscando o melhor dentro da partida, fazendo prevalecer aquilo que nossa equipe vem propondo em jogo, para buscar o resultado positivo”, pontuou.



Foto: Cristiano Santos/Botafogo

Depois de treinos intensivos na Maravilha do Contorno, os jogadores do Botafogo estão prontos para mais um jogo decisivo pela Série C do Campeonato Brasileiro, hoje, em Maceió

RACISMO

Rüdiger fala de ataques ao 'irmão' Vini

Zagueiro alemão, do Real Madrid, concede entrevista à revista GQ e diz que não vê a Espanha como um país racista

Agência Estado

O zagueiro Antonio Rüdiger é um dos jogadores mais próximos de Vinícius Júnior no elenco do Real Madrid, a ponto de já ter afirmado ver o brasileiro como um irmão, em coletiva de imprensa no ano passado. Tal sentimento o faz sentir cada ofensa racista direcionada ao amigo como um ataque pessoal. Em entrevista à revista GQ, o alemão de mãe serra-leonesa disse nunca ter sido vítima de racismo em território espanhol, mas vê como obrigação se posicionar frente aos ataques contra Vini.

"Se me pergunta se alguém foi racista comigo na Espanha, a resposta é não. Houve um mal entendido em Cádiz: publicaram que haviam sido racistas comigo, mas não escutei me chamarem de 'mono (macaco)', 'negro de m...' ou nenhuma dessas barbaridades que costumam dizer", afirmou o defensor.

"Se me pergunta se Vinícius Júnior sofre (racismo), é evidente que sim. E quando o insultam e são racistas com ele, automaticamente são comigo, ainda que não tenham feito um ataque direto a mim. Mas este não é um problema existente apenas na Espanha, acontece em todos os lugares", completou.

Na avaliação de Rüdiger, a Espanha não é um país racista, como Vini Jr. chegou a afirmar após ofensas sofridas em jogo com o Valencia, na temporada passada. Para o alemão, há uma minoria que reproduz racismo e precisa ser educada.

"O racismo é uma falta de educação. Sempre disse e sempre repito. É importante



Foto: Reprodução/Instagram

Para o zagueiro alemão, filho de mãe serra-leonesa, há uma minoria na Espanha que reproduz o racismo e precisa ser educada

“

O racismo é uma falta de educação. Sempre disse e sempre repito. É importante dizer que não são todos os espanhóis, são apenas alguns idiotas

Antonio Rüdiger

dizer que não são todos o espanhóis, são apenas alguns idiotas. Há muitos espanhóis que não toleram racismo. É muito importante assinalar que os racistas são uma minoria neste país, mas precisam ser corrigidos. Como acabar com o problema? O único que posso dizer é que eduquem seus filhos na escola. É muito importante que todo o mundo entenda que todos nós somos iguais", disse.

Desde o episódio ocorrido no Estádio Mestalla, quando torcedores do Valencia dispararam insultos racistas contra Vini, o debate público sobre racismo na Espanha atingiu um novo nível, muito em razão da postura combativa adotada pelo atacante brasileiro. Em um primeiro momento, a LaLiga, associação responsável pela organização do Campeonato Espanhol, mostrou-se incomodada ao ser acusada pelo atleta de negligência, mas revisou o próprio discurso e pediu mudanças na lei para ter mais autonomia na hora de punir racistas.

JAMPA RUN

João Pessoa vai ter mais uma corrida de rua, em setembro

Da Redação

A JampaRun | Polar, competição que está no calendário esportivo de João Pessoa há cinco anos, acontece no dia 10 de setembro, no Busto de Tamandaré. O evento terá três percursos de competição: 5km, 10km e 21km. Os retornos de cada trajeto são, respectivamente: Casa José Américo, a Estação Ciência e o Centro de Convenções

A Polar, marca de relógio esportivo finlandesa, vai premiar os primeiros colocados, das competições masculina e feminina de todas as categorias com o Relógio Polar Pacer, relógio esportivo com GPS que oferece aos novos atletas todos os itens essenciais, além das ferramentas de treino especializadas de que precisam para treinar melhor. São R\$ 12 mil reais em prêmios.

Outra novidade desta edição é que os primeiros 25 colocados de cada categoria, tanto feminino quanto masculino,



Foto: Divulgação/Jampa Run

Evento já se tornou uma tradição na capital, onde vem sendo realizada desde 2018 na orla de João Pessoa

irão receber uma premiação especial: um medalhão que representa os TOP 50 de cada prova. A entrega dos kits da corrida acontecerá na Loja Meggashoes, localizada em Cabedelo. Quem se interessar em participar do evento é só realizar inscrição pelo site www.jamparun.com.br. Os preços da inscrição variam de R\$ 90 para os 5Km e 10Km e R\$ 100 para os 21Km. A largada será às 5h45, tendo como local o Busto de Tamandaré. Serão premiados os cinco primeiros colocados na categoria masculina na prova de 5km, 10km e 21km, recebendo troféu, podendo, eventualmente, receber prêmios; os cinco primeiros colocados na categoria masculina cadeirante na prova de 5km, receberão troféu, podendo, eventualmente, receber prêmios, e ainda as cinco primeiras colocadas na categoria feminina na prova de 5km, 10km e 21km, receberão troféu, podendo, eventualmente, receber prêmios.

EM 2024

Futebol terá um calendário inchado

Copa América e Jogos Olímpicos prometem ser um grande empecilho para os clubes na próxima temporada

Marcos Antomil
 Agência Estado

Não é de hoje que a organização do futebol brasileiro é alvo de críticas por causa do inchado calendário, com poucas pausas e um número de jogos que pouco se compara a outros países. Se em 2023 a "densidade competitiva", como diz o técnico do Palmeiras, Abel Ferreira, é um empecilho para os clubes, nada se compara à próxima temporada, em que haverá as disputas de Copa América e Olimpíadas.

Os anos de 2021 e 2016 foram os dois últimos em que Copa América e Olimpíadas precisaram coexistir no calendário de competições elaborado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Para 2024, há importantes diferenças a serem ressaltadas.

Em 2016, com os Jogos do Rio e a Copa América Centenário, nos EUA, a CBF não pôde pausar o futebol nacional nas Datas Fifa do primeiro semestre e também durante a realização dos dois torneios. No segundo semestre, com partidas das Eliminatórias da Copa da Rússia, foi montado, nos meses de setembro e novembro, esquema semelhante ao atual, em que não há jogos do Brasileirão durante a Data Fifa (dez dias), mas o campeonato é retomado no dia seguinte a que se encerra o período, restando pouco tempo de recuperação para os convocados e inviabilizando muitas vezes suas participações em campo pelo clube que defendem.

À época, havia ainda outros problemas para o calendário: os campeonatos estaduais tinham 19 datas, três a mais que o número atual; a Libertadores não durava o ano todo e tinha final em dois jogos no mês de julho, enquanto a Sul-Americana começava no segundo semestre e também definia seu campeão em duas partidas. Apesar de não haver garantia de participação de times brasileiros nessas finais, é sempre importante ter essas datas em conta para não causar sobreposição de jogos.

Em 2021, o cenário foi ainda mais complicado, pois envolveu a pandemia de covid-19, que adiou o início da temporada para março e ainda contou com uma breve paralisação durante os Estaduais. Na ocasião, foi impossível fazer qualquer pausa para a realização dos jogos da Seleção Brasileira nas Olimpíadas e na Copa América.

Remodelo do calendário

Para 2024, a CBF fará uma esforço para preservar as Datas Fifa (cinco, que ocupam 15 datas no calendário) e não causar grandes prejuízos aos clubes. Em um cenário ideal, também seria necessária a interrupção do calendário nacional para a celebração da Copa América - que novamente será nos EUA, entre 20 de junho e 14 de julho - e dos Jogos Olímpicos de Paris - que acontecem entre 24 de julho e 11 de agosto, mas não contam como Data Fifa e tampouco obrigam os clubes a ceder atletas.

O Brasil é atual bicampeão olímpico e terá de negociar com clubes brasileiros e estrangeiros para montar um forte time sob o comando de Ramon Me-

nezes para subir novamente no lugar mais alto do pódio. Mas novamente o calendário do futebol nacional pode prejudicar as várias partes: seleção brasileira, clubes e a própria imagem das competições da CBF, que podem ficar esvaziadas.

Mantidos os números de datas reservadas para competições no País, teremos espaços exclusivos para Estaduais (16 datas), Brasileirão (38), Pré-Libertadores e fases 1 e 2 da Copa do Brasil (4), Libertadores e Sul-Americana (14) e demais fases da Copa do Brasil (10), Supercopa do Brasil, Recopa Sul-Americana e finais de Libertadores e Sul-Americana são colocadas em datas coincidentes, pois não há garantia de participação brasileira. Quando há, o time tem de realocar seus jogos em possíveis datas vagas. Apenas eliminações precoces "ajudam" nesse cenário.

Como se nota, a montagem de um calendário é um jogo de xadrez, dos desafios lógicos mais complexos. Um time paulista de Série A, que dispute a Libertadores e tenha sido campeão continental e nacional no ano anterior, pode ter de fazer em um ano até 82 jogos se chegar à decisão de todos os torneios.

Em outra hipótese, um time paulista que passe pela pré-Libertadores e depois seja eliminado na fase de grupos, tendo de disputar os playoffs da Sul-Americana, chegando à final e também à decisão da Copa do Brasil, poderia somar 83 partidas.

Jogos da Seleção

A Copa América, somada à Data Fifa de junho, ocupará 12 datas do calendário, enquanto as Olimpíadas, seis. Não seria lógico a seleção brasileira "devolver" os atletas para seus clubes entre 11 e 20 de junho, intervalo entre o fim da Data Fifa e o início da Copa América, mas diante da necessidade, é uma opção a se considerar.

Se mantida a formatação de 2023, com o futebol brasileiro profissional começando em 14 de janeiro e terminando em 1.º de dezembro, há um total de 93 datas disponíveis, tendo a CBF 82 datas já preenchidas com eventos. Restam 11 espaços livres ante 30 "necessários" para as partidas da seleção brasileira. Ou seja, para que todas as competições coubessem no calendário sem maiores prejuízos, seriam necessárias mais 10 semanas (equivalente a um ano de pouco mais de 13 meses, começando a temporada em 15 de janeiro de 2024 e terminando em 05 de fevereiro de 2025, contando 30 dias de férias e 15 dias de pré-temporada).

Caso siga os parâmetros dos últimos anos, é mais provável que a CBF promova Datas Fifa coincidentes com Estaduais. Assim, as 11 datas ainda estariam livres para serem usadas no restante do ano, parcialmente em outras Datas Fifa e na Copa América. Ainda desse modo, em algumas ocasiões os clubes brasileiros terão de jogar desfalcados. O calendário de 2024 da CBF deve ser divulgado entre os meses de agosto e setembro, mas não há muito para onde correr a fim de encontrar raras soluções unânimes para desinchar o calendário.



Foto: Ricardo Duarte/Internacional

O calendário apertado da próxima temporada vai prejudicar demais os clubes brasileiros envolvidos em diversas competições

Foto: Joilson Marconne/CBF



A Copa América, somada à Data Fifa de junho, ocupará 12 datas do calendário da Seleção Brasileira, enquanto as Olimpíadas, seis

Confira o número total de datas que cada competição necessita:

- Estadual:** 16 jogos
- Brasileirão:** 38 jogos
- Libertadores:** 13 a 17 jogos/**Sul-Americana:** 13 a 15 jogos
- Copa do Brasil:** 10 a 12 jogos
- Mundial de Clubes:** 2 jogos
- Supercopa do Brasil:** 1 jogo
- Recopa Sul-Americana:** 2 jogos

Europeus x brasileiros (jogos por temporada dos últimos campeões nacionais):

- Palmeiras (Brasil):** 74
- Manchester City (Inglaterra):** 61
- Barcelona (Espanha):** 53
- Paris Saint Germain (França):** 50
- Bayern de Munique (Alemanha):** 49
- Napoli (Itália):** 49

*Apesar da CBF disponibilizar 16 datas, apenas São Paulo ocupou todas em 2023 entre os principais polos. Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul realizaram um máximo de 15 partidas, e Minas Gerais, 12.

BRASILEIRÃO

Em crise, Fla enfrenta o São Paulo

Dorival Júnior, no comando do time paulista, será uma das atrações da partida deste domingo no Maracanã

Geraldo Varela
gvarellajp@gmail.com

A 19ª rodada do Campeonato Brasileiro terá sequência neste domingo com a realização de seis jogos, destaque para o confronto entre Flamengo e São Paulo, no Maracanã, a partir das 18h30. O jogo vai marcar o reencontro de Dorival Júnior com o Flamengo, clube que ele dirigiu no ano passado e conquistou a Copa do Brasil e a Libertadores, mas foi preterido pela diretoria que não renovou o contrato, optando pela vinda de mais um português, Vítor Pereira, que fracassou nas competições no início do ano. Dorival estará do outro, dirigindo o São Paulo que está muito bem na Copa Sul-Americana, mas ainda não engrenou no Campeonato Brasileiro, onde soma 26 pontos e vem

Clássico

Grêmio e Fluminense se enfrentam na Arena do clube gaúcho, que deve poupar jogadores visando o jogo da Copa do Brasil no dia 16

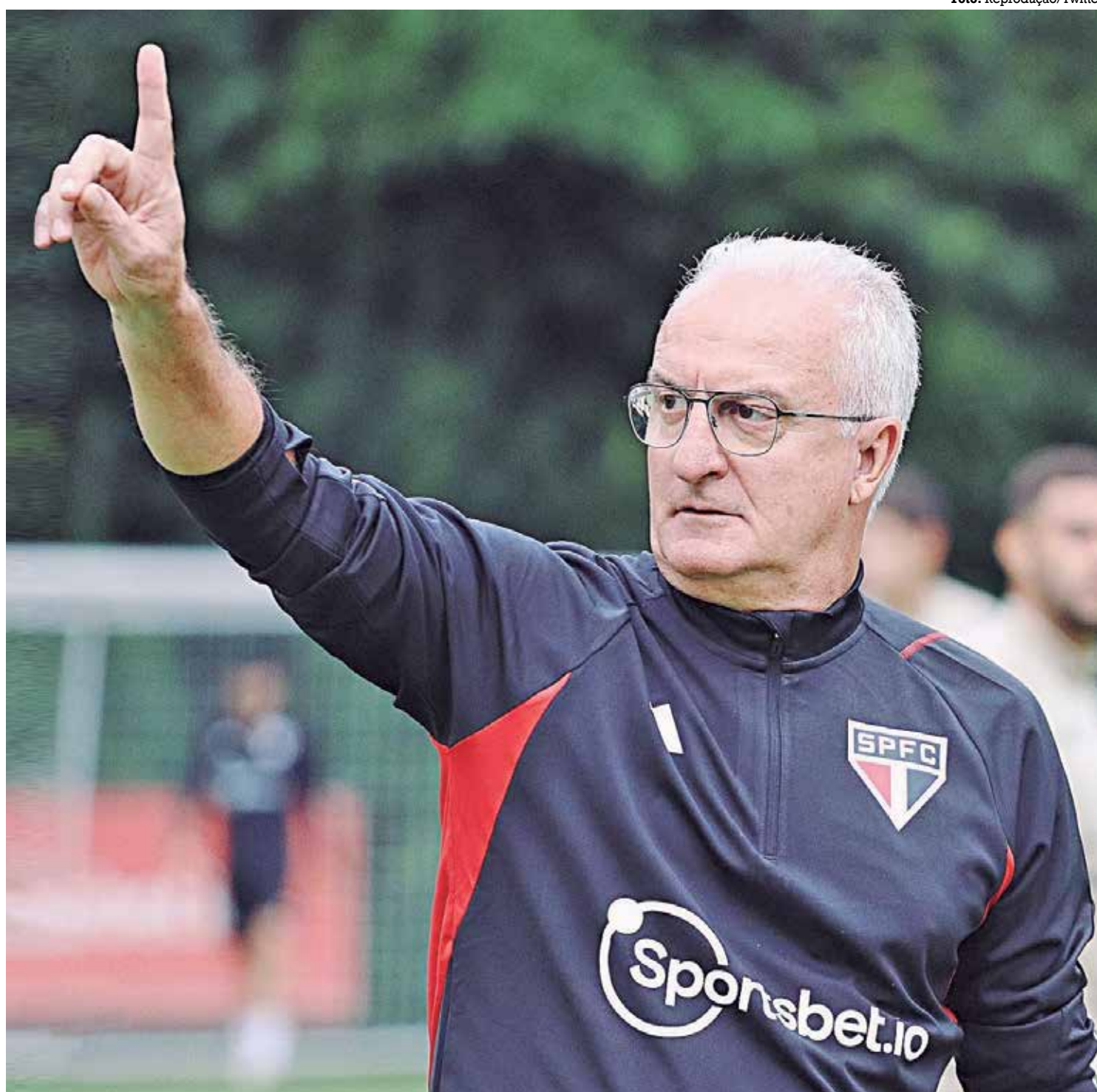


Foto: Reprodução/Twitter

Dorival Júnior, no comando do São Paulo, reencontra seu ex-clube, o Flamengo, que vem da eliminação da Copa Libertadores

de uma derrota, em casa, para o Atlético Mineiro por 2 a 0.

Já o Flamengo vive mais um momento conturbado e tem sido assim desde o início da temporada quando não chegou a final do Mundial de Clubes, perdeu o Campeonato Carioca para o Fluminense; a Recopa para o Independiente del Valle e a Supercopa do Brasil para o Palmeiras e, recentemente, eliminado da Copa Libertadores. O 'caldeirão' está fervendo no Ninho do Urubu. Veja os demais jogos na tabela abaixo.

19ª rodada

Hoje

11h

Atlético-MG x Bahia

16h

Corinthians x Coritiba

Grêmio x Fluminense

América-MG x Goiás

18h30

Flamengo x São Paulo

Fortaleza x Santos

Amanhã

19h

Palmeiras x Cruzeiro

21h

Bragantino x Vasco

15/8

Athletico-PR x Cuiabá



Amor também nutre e provê.

Afeto também é proteção e cuidado.

Carinho também se espelha e se espalha.

Aproveite o
hoje e diga que
se inspira,
que chora,
que ama!

Feliz Dia dos Pais!



Prédio histórico em João Pessoa esteve ligado diretamente ao ciclo econômico português durante o período da mineração e principalmente à época da administração do Marquês de Pombal

Arquitetura rica em azul

Símbolo de uma época, o Casarão dos Azulejos, com sua parte externa revestida completamente por azulejos portugueses trazidos da Fábrica Devezas, na cidade do Porto, é um marco no Centro Histórico da capital paraibana

Michelle Farias
michellesfarias@gmail.com

Uma das maiores riquezas arquitetônicas dos séculos 18 e 19 na Paraíba, o Casarão dos Azulejos chama a atenção de quem visita ou passa pelo Centro Histórico de João Pessoa. Através dele é possível recontar a história da Paraíba e da sua capital. Símbolo da riqueza da época, a parte externa do prédio é revestida completamente por azulejos portugueses na cor azul, trazidos da Fábrica Devezas, na cidade do Porto.

A construção esteve ligada diretamente ao ciclo econômico português durante o período da mineração e principalmente ao período em que Portugal foi administrado por Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal. O ciclo da mineração impulsionou a chegada de muitos portugueses, de todos os estratos sociais.

A chegada dos portugueses, inclusive para trabalhar, fez com que muitas capitânicas, províncias, vilas, povoados passassem por um processo de urbanização e continuidade durante o século 19 até o processo de independência do Brasil, em 1822. Algumas construções do centro da atual cidade de João Pessoa datam dessa época.

O Casarão foi construído pela abastada família Santos Coelho, formada por sertanejos que edificaram seu patrimônio com fazendas no Sertão, Agreste e Litoral da Paraíba e de Pernambuco.

O professor Dominick Farias, especialista em História do Brasil, explica que eles eram grandes exportadores de açúcar e escravocratas do Nordeste no século 18. Ele explica que o Casarão está ligado diretamente ao comendador Antônio dos Santos Coelho.

Uma comenda é uma espécie de título ou honraria que existe desde a Idade Média na Europa e foi muito popular no Brasil colonial português. "Indivíduos que recebiam essa honraria deviam zelar pelo governo em questão e, acima de tudo, ser fiel aos caprichos administrativos da época. A família Santos Coelho beneficiou-se por ter

alguns de seus membros com essas honrarias em Pernambuco e na Paraíba, garantindo, inclusive, benefícios da obtenção de propriedade, documentações e favorecimentos", lembra o professor.

O Casarão dos Azulejos é um desses símbolos de riqueza e apadrinhamento na Paraíba, segundo Dominick Farias.

O prédio histórico foi moradia da família Santos Coelho que se destacou no Nordeste independente e no período republicano. A família em questão construiu inúmeros negócios em cidades como Olinda, Caruaru, Jaboatão dos Guararapes, Recife, Campina Grande e Paraíba do Norte (atual cidade de João Pessoa).

O professor acredita que, provavelmente, Antônio dos Santos Coelho não tenha usufruído do Casarão, já que boa parte dos seus negócios estava no Sertão paraibano e em Pernambuco, por mais de três gerações.

O Casarão foi depósito, escola e até repartição pública. Atualmente, é usado pelo Governo da Paraíba para exposições de arte e encontros culturais. O prédio é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep) desde o início da década de 1980. Desde seu tombamento, o prédio é administrado pelo governo paraibano.

■ O Casarão dos Azulejos foi construído pela família Santos Coelho, formada por sertanejos que edificaram seu patrimônio com fazendas



Professor Dominick Farias é especialista em História do Brasil na Paraíba

Recuperação estrutural e uma revitalização histórica do prédio

Atualmente, não é possível visitar a parte interna do Casarão dos Azulejos em virtude das obras de recuperação executadas pela Superintendência de Obras do Plano de Desenvolvimento do Estado da Paraíba (Suplan). A revitalização está orçada em mais de R\$ 135 mil e deve ser concluída em 120 meses.

Na primeira etapa, será reformada toda a cobertura do Casarão. Haverá ainda uma outra licitação para uma recuperação mais ampla da estrutura, que vai contemplar paredes e os cuidados com as cerâmicas. O Casarão apresenta 480 metros quadrados de área construída e dois pavimentos.

Doutoranda com formação em artes e especialização em Artes Visuais, Maria da Consolação Policarpo é pesquisadora em azulejaria da Paraíba e explica que o Casarão tem revestimento cerâmico composto de duas partes: biscoito e vidrado. O vidrado tem base lisa branca e ornatos na cor azul cobalto. O verso é conhecido por tardo. "Todo padrão se concentra no centro da peça tornando-o isolado ou único. Verifica-se

Da elite

Construção edificada pela família Santos Coelho na capital paraibana é um dos símbolos de riqueza e de poder do período colonial português no Brasil

no centro a formação de um losango e uma composição de motivos fitomórficos, lembrando a flor do cravo da Índia em padrão estilizado, rodeado por motivos estilizados em diagonais", descreve.

O prédio pertence atualmente à Secretaria Estadual da Cultura. A reportagem do Jornal A União entrou em contato para saber os planos para a utilização do Casarão, após a reforma, mas não obteve resposta.

Processo de tombamento pelo Iphaep

O Casarão dos Azulejos é considerado um monumento ímpar, com características distintas dos outros imóveis que integram o Centro Histórico de João Pessoa. O arquiteto Artur Medeiros, do Instituto do Patrimônio Histórico da Paraíba, explica que, por suas características, o prédio recebe um tratamento diferenciado em relação aos demais imóveis, por conta do revestimento que há em toda sua parte externa.

"Não é um revestimento comum de a gente encontrar, especialmente em faixadas de edifícios. A gente tem muitos imóveis com a presença de azulejos, mas quando o material passou a ser popularizado e empregado nos imóveis, ele era muitas vezes utilizado como um revestimento interno de banheiro. Ele veio primeiro como uma necessidade e depois passou a ter uma característica mais de estética, decoração", diz.

A partir das pesquisas feitas no arquivo do Iphaep, ele afirma que a ocupação holandesa em Recife, no estado de Pernambuco, no século 17, demonstra que era uma tradição do país utilizar azulejos nas construções. "Mas como aqui na Paraíba não foi especificamente a ocupação principal dos holandeses, não é muito comum esse tipo de adorno", conta, acrescentando que o revestimento do Casarão é único.

O cuidado com a preservação dos azulejos recebe uma atenção maior do Iphaep. Na última reforma feita no Casarão foi realizado um trabalho de restauração dos azulejos, com atuação dos técnicos do Instituto em relação à limpeza e recuperação de peças quebradas. A retirada da vegetação invasora que brota entre os azulejos também é feita com cuidado, com um material que não cause danos.

No processo de tombamento é avaliado o valor histórico agregado ao prédio e, ao chegar ao Iphaep, o pedido passa por avaliações das Coordenadorias de Histórica e de Arquitetura. O tombamento do Casarão dos Azulejos, em 1980, foi feito na gestão do então governador Tarcísio de Miranda Burity (de 1979 a 1982 e de 1987 a 1991).

O Casarão de Azulejos, também conhecido como Sobrado dos Azulejos, está localizado em frente à Praça Dom Adauto, à Rua Conselheiro Henrique, 159, no Centro de João Pessoa.

Aderbal Piragibe

Amigo de João Dantas, jornalista foi panfletário contra os perrepistas



Aderbal Piragibe foi redator-chefe dos jornais O Liberal e Correio da Manhã, sob a orientação do também jornalista Raphael de Oliveira

Hilton Gouvêa
aranjogouvêa7@gmail.com

O jornalista, poeta, escritor e literato Aderbal Piragibe era amigo do advogado João Dantas, o assassino de João Pessoa. Ambos de ideologia norteada pela Aliança Liberal, entidade política controlada pela família Pessoa e seus seguidores.

João Dantas, inclusive, montou banca advocacia com João da Mata e José Américo – que mais tarde seria braço direito de João Pessoa em muitas estratégias e decisões políticas –, que funcionou por um bom período em Mamanguape, onde Dantas nasceu.

Até aí, entre João Dantas e João Pessoa nunca houve nenhum relacionamento espinhoso. Até porque o jovem e atraente João Dantas certa vez foi ouvir de perto um discurso do governador, a quem chamava de Joca. E, com ele, até então estava se dando bem.

Todavia, fica a pergunta: por que após a morte de João Pessoa e, posteriormente, a de João Dantas, Aderbal Piragibe passou a ser uma espécie de cruzado da Aliança Liberal escrevendo artigos nos jornais Correio da Manhã e O Liberal estimulando a materialização do que se tornou a Revolução de 1930?

O jornalista e historiador José Octávio de Arruda Melo diz que, “uma vez, ao consultar o historiador Humberto Nóbrega sobre o assunto, nem ele soube explicar porque João Pessoa e João Dantas ideologicamente se desentenderam”. Aderbal Piragibe era da linha de frente jornalística contra os seguidores perrepistas.

Outros historiadores sustentam que Piragibe, um homem de espírito combativo e irrequieto, tornou-se abnegado panfletário, além de pelear em campanhas políticas registradas nos momentos mais tumultuados que antecederam as escaramuças da Revolução de 1930.

Aderbal Piragibe foi redator-chefe dos jornais O Liberal e Correio da Manhã, sob a orientação do conhecido jornalista Raphael de Oliveira, de grande influência na imprensa política da época. E, como Piragibe trabalhava nesses dois jornais, tinha de redigir sob as suas orientações editoriais. Esses diários eram considerados órgãos de muita abrangência nos meios de comunicação da Paraíba.

Teatro e um livro crítico, humorístico e de costumes



Aderbal Piragibe trabalhou para a queda do então presidente Washington Luiz (na foto) e do governador Álvaro de Carvalho

‘Paraíba Anedótica’ foi um livro crítico, de caráter humorístico e de costumes publicado por Aderbal Piragibe em 1929, através de A União, caricaturando tipos populares. Depois publicou a novela ‘Lenço Vermelho’, uma espécie de ode à Aliança Liberal, e algumas peças de teatro. Não se sabe da repercussão de ambas.

Piragibe, que também era hábil panfletista, trabalhou para a queda do então presidente Washington Luiz e de Álvaro de Carvalho, este vice de João Pessoa. Mais tarde, ele alegou que “Álvaro contribuiu, com tramas maléficas nos bastidores do poder, para a morte de João Pessoa”.

Com a sua desenvoltura incomum para assuntos jornalísticos, Piragibe trabalhou em diversos jornais, entre eles O Norte, Correio da Manhã, Brasil Novo, A União e O Liberal. Na Gazeta da Festa, ele operou junto com José Américo de Almeida, político e escritor, autor de ‘A Bagaceira’, que mais tarde foi ministro da Viação,

senador e governador da Paraíba. O periódico A Gazeta só funcionava em agosto, durante a Festa de Nossa Senhora das Neves.

Em sua época, Aderbal Piragibe se tornou o mais respeitado e conhecido intelectual entre os filhos de Cabedelo. E sua fama de inflamado orador se acentuou mais, tomando expressão

nacional quando abordou como temas de seus escritos e discursos a Revolução de 1930. Silinha de Oliveira Lima (Severina Pires de Figueiredo), sobrinha de Júlia Pires de Figueiredo, mulher de Aderbal, escreveu dois livros importantes: ‘Lampêjos de Saudade’ e ‘Retratos da Vida’, considerados importantes para a reconstrução minuciosa de Cabedelo nas décadas de 1920 e 1930.

Foi Piragibe quem saudou Getúlio Vargas com discurso no porto cabedense numa das vezes em que o presidente visitou a Paraíba. Isso aconteceu após a vitória da Revolução de 1930. Diversas reuniões liberais foram realizadas na

casa de Piragibe, no Bairro de Tambaí, em João Pessoa, tendo as presenças “de notáveis revolucionários”, como Matias Freire, Genésio Gamarra, Juarez Távora e João da Mata. Poetas e revolucionários, inclusive Piragibe, atravessavam a madrugada, declamando poemas.

De acordo com Anelise Macedo, diretora da Biblioteca Municipal Aderbal Piragibe, em Cabedelo, o jornalista e escritor morreu em João Pessoa, no dia 30 de julho de 1940, aos 45 anos. Ele nasceu em Cabedelo, no ano de 1895, onde foi vice-prefeito e delegado. Na capital paraibana, ele é prestigiado com o nome de uma rua, no Bairro de Jaguaribe.

“Piragibe pode ser traçado como um homem de perfil firme, destemido e amante da poesia, um dom que ele eventualmente unia à aventura e à boemia, embora não misturasse seus afazeres profissionais a essas duas coisas”, revela a neta dele, a bióloga Ieda Nogueira de Oliveira, residente em Cabedelo.

Angélica Lúcio

Jornalistas são ferramentas de carne e osso no mundo das tecnologias

Em 1439, o alemão Johannes Gutenberg inventou a imprensa – feito considerado até hoje como o mais importante da Idade Moderna. Desde então, 584 anos se passaram, e a indústria do jornalismo se tornou poderosa, respeitável e rentável. Hoje, porém, bem menos do que os empresários do setor gostariam. Acuada pelas transformações tecnológicas, a indústria da comunicação precisa se reinventar, mas ainda não sabe bem como fazer isso.

São tempos difíceis, especialmente para os jornalistas que trabalham em veículos de comunicação. Boa parte desse desconforto está relacionada à crise do modelo de negócios do jornalismo, o qual se mostra incapaz de atender ao anseio de lucros por parte dos grupos de mídia, bem como ao que exige a audiência, que agora não se resigna mais a ficar de braços cruzados, esperando que os jornalistas digam que tipo de notícia deve ser consumida.

No embate da indústria de mídia por maior rentabilidade, jornalistas são números, mas também ferramentas de carne e osso na produção de notícias. E quanto melhor funcionarem adaptados às novas tecnolo-



Foto: Typewriter

gias, quanto mais competências acumularem nos processos de convergência, mais estarão afeitos à filosofia do mercado... O tempo dirá se isso é ou bom ou ruim.

Antes da informatização, da internet, do processo de digitalização e convergência de mídias, jornalistas viviam um contexto diferente em sua prática de trabalho diário. Repórteres ainda mantinham o hábito de sair às ruas à cata de notícias, chegavam correndo às redações para datilografar a matéria, com o peso do deadline sobre os ombros. Muitas

vezes, precisavam enviar a informação por telefone ou telex e, ainda, esperar o resultado da foto, enquanto o filme era revelado no laboratório. Tudo isso de olho no tempo! O culto da velocidade sempre esteve presente nas redações, mas ganhou novos contornos com as inovações tecnológicas. Rotinas produtivas são alteradas, e os jornalistas precisam se adaptar a esse novo mundo.

A realidade encontrada atualmente nas redações é bem distinta do cenário com que me deparei, em 1993, na graduação de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo. Naquela época, a configuração tecnológica apresentada aos futuros jornalistas era simples e se resumia ao contato com antigas máquinas de datilografia Olivetti ou Remington, máquinas fotográficas analógicas, gravadores de áudio com fitas cassete.

Somente no último ano do curso, em 1996, fui apresentada à internet, ainda assim na modalidade “discada” e inacessível para a maioria das pessoas. No mercado de trabalho, quem estava na redação começava a lidar com a chegada dos primeiros computadores. Algo novo e que demandou novas habilidades da categoria, mesmo assim,

numa escala bem inferior às exigências da contemporaneidade, em que impera a demanda dos grupos de mídia pela convergência jornalística.

Para Ciro Marcondes Filho, a “história do jornalismo reflete de forma bastante próxima a aventura da modernidade”. Conforme o pesquisador, no livro ‘Ser Jornalista: desafio das tecnologias e o fim das ilusões’, o jornalismo é a melhor síntese do espírito moderno. “Por esse mesmo motivo, o processo de desintegração da atividade, seu enfraquecimento, sua substituição por processos menos engajados (que já não buscam a ‘verdade’, que já não questionam a política ou os políticos, que já não apostam numa evolução para uma ‘sociedade mais humana’) é um sintoma de mudança de tempo e dos espíritos”.

As discussões sobre tecnologia e jornalismo não são recentes. Há muito para se falar, muito a se estudar e analisar, muito por vir. Com um pouco mais de um quarto de século nessa seara profissional, também dou minha contribuição. Registro meus relatos e faço as vezes do velho timbira, no poema T – Juca Pirama’, de Gonçalves Dias: “Meninos, eu vi”.

Tocando em Frente



Roberto Carlos – temas musicais – de amores

É evidente que o ser humano, salvo alguma rara exceção, sempre busca compreensão, entendimento na convivência com o seu semelhante. Não há mesmo como negar essa faceta do comportamento humano. Em se falando de amor, então, respeitadas as particularidades e individualidades de cada um, a música, “desde tempos imemoriais”, prima pela abordagem do tema em suas mais variadas formas...

O que estou querendo lhes dizer mesmo é que nem Roberto Carlos, mesmo rodeado de todo um carisma, esteve imune às flechadas do cupido. Os biógrafos dele nem sequer abrem mão de falar de suas amizades e – por que não? – dos seus “amores” infantis. A nós, que buscamos um rumo mais objetivamente didático, uma vinculação mais recorrente em sua inspiração poética e musical, cabe-nos referir-nos às suas mais marcantes criações no que se refere ao tema.

Esquecida aquela fase da primeira infância, situamo-nos na sua juventude, mormente a partir do reconhecimento público do seu sucesso musical, ou seja, o que, sob esse aspecto, dominou as suas motivações amorosas no que concerne às suas criações musicais. Assim é que começamos pelos dias iniciais do seu sucesso, quando do alvorecer do movimento hoje conhecido como Jovem Guarda.

Limitar-nos-emos, no entanto, àquelas criações de sua própria lavra, seja solo seja

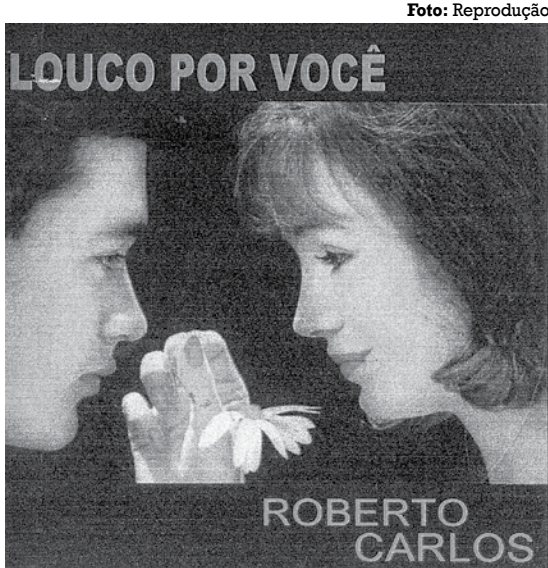


Foto: Reprodução

O polêmico álbum, começo de tudo...

em parceria com Erasmo Carlos. Não custa, porém, observar que, nesse campo temático, a primeira gravação dele não foi autoral. No primeiro e polêmico álbum ‘Louco por você’, de 1961, hoje fora de catálogo, já aparecia a faixa homônima, uma versão de Carlos Imperial para o hit ‘Carefull, Carefull’, da dupla Lee Pockriss/Paul Vance.

A primeira criação dele, envolvendo o tema “amor”, veio com o single ‘Susie’ (1962), ainda sem a parceria do amigo Erasmo Carlos. Diz a inocente letra, em que já se enciavam os primeiros passos do que, posteriormente, se convencionou chamar de “gíria da Jovem

Guarda”: “Pertinho de onde eu moro/tem um broto encantador/ A primeira vez que a vi/ pensei logo em amor”. Obviamente, respirava-se ainda um clima inocente dos amores daqueles tempos. Daí para frente, já em parceria com Erasmo, como já relatei em coluna anterior, veio o sucesso proporcionado por ‘Quero que vá tudo pro inferno’ e ‘Eu te darei o céu’ – sabe-se hoje – dedicados à primeira namorada, Magda Fonseca, para quem ele também faria ‘Não quero ver você triste assim’, todas de 1965. (A título de curiosidade, esta era filha de um dos primeiros “patrões” de RC: Alceu Nunes Fonseca, o dono da Rádio Carioca, que havia proporcionado a ele o primeiro contrato na mídia carioca da época).

Ai foram surgindo outras criações sob o mesmo tema: ‘Eu estou apaixonado por você’ (RC/EC) e ‘Namoradinha de um amigo meu’ (RC-1966). (Aliás, ainda hoje há especulações sobre o fato de que esta teria sido uma confissão pública dele para Maria Stella Splendor, que viria a ser a esposa do costureiro Denner. Mas, aí, é outra estória...). Vieram então, ainda dentro dessa primeira fase que convencionamos classificar como de “amor puro” os sucessos: ‘Como é grande o meu amor por você’, ‘De que vale tudo isso’, ‘Quando’ e ‘E por isso estou aqui’ (1967), todas com

criações solo de RC, exatamente na época em que as relações amistosas e artísticas entre ele e Erasmo estavam meio estremeçadas. Seguem-se, ainda, já retomando a parceria: ‘Eu te amo, te amo, te amo’ (1968), ‘Oh! Meu imenso amor’ (1969), ‘Ana’ (1970), ‘I Love You’ e ‘De tanto amor’ (1971), ‘Você é linda’ e ‘Por amor’ (1972), ‘Você’ (1974), ‘Você em minha vida’ (1976), ‘Não se esqueça de mim’ (1977), ‘Desabafo’ e ‘Costumes’ (1979), ‘Não se afaste de mim’ (1980), ‘Eu preciso de você’ (1981), ‘Meus amores da televisão’ (1982), ‘O amor é a moda’ (1983), ‘Do fundo do meu coração’ e ‘Nosso Amor’ (1986), ‘Menina’ (1987), ‘Mulher de 40’, ‘Quando digo que te quero’, ‘Amor Antigo’ e ‘Como é grande meu amor por você’ (1996), ‘Eu te amo tanto’ (1998).

Já em uma fase – digamos – mais “apimentada”, o que alguns chamam de fase do “amor erótico” (mas, nem tanto), merecem destaque: ‘Amada amante’ e ‘Detalhes’ (1971), ‘Rotina’ e ‘Proposta’ (1973), ‘Seu Corpo’ (1975), ‘Seus Botões’ (1976), ‘Cavalgada’ (1977), ‘Café da Manhã’ (1987), ‘Amante à moda antiga’ (1980), ‘O Cômico’ e ‘Convexo’ (1983), ‘Sim-bolo Sexual’ (1985) e ‘Proposta’ (1988).

O cenário e o tema “amor” continuam, o que dá a Roberto Carlos o direito de dizer e cantar: ‘Esse cara sou eu’ (2012).

Mas o bom mesmo é lembrar esses sucessos, escolhendo a hora mais adequada para ouvir cada música.

angelicalucio@gmail.com

Professor Franceline Soares
franceline-soares@bol.com.br

“CAVALEIROS DO DIABO”

Arqueiros mongóis foram os mais temidos da história

Superiores no uso do arco e flecha, eles viraram uma força militar imbatível

Da Redação

Poucos povos guerreiros causaram tanto medo quanto os arqueiros da cavalaria mongol. A superioridade no uso do arco e flecha e a sua perícia na equitação tornaram os mongóis uma força medieval militar imparável. Mas qual era o segredo das impressionantes hordas de mongóis, que ficaram conhecidos como “cavaleiros do diabo”?

De acordo com alguns historiadores, a força dos arqueiros mongóis residia essencialmente em dois fatores. Em primeiro lugar, o design avançado dos seus arcos compostos davam uma vantagem aos seus arqueiros, que conseguiam disparar as flechas a distâncias maiores e com mais força do que os seus rivais.

Tal era o seu poderio que Genghis Khan, após ser atingido acidentalmente por uma flecha durante uma batalha, em vez de executar Jebe, o arqueiro que o tinha atingido, promoveu-o a oficial comandante. A cavalaria mongol, que seria 40% das forças totais de Genghis Khan, foi fundamental nas vitórias mongóis e subsequente ocupação de territórios que abrangiam a China, a Ásia Central e a Europa Oriental.

De acordo com o portal inglês Big Think e reproduzido pelo site português Zap, o segundo fator que explica a enorme superioridade que os cavaleiros mongóis denotavam no campo de batalha era a extraordinária perícia na sela. A relação simbiótica dos mongóis com os seus cavalos, uma norma



Foto: Wikipédia

A força combinada de homem, cavalo e arco tornou os “cavaleiros do diabo” uma força militar temível

cultural nascida do seu estilo de vida nômade das estepes, era essencial. Desde tenra idade, as crianças dominavam a equitação, contribuindo para a reputação dos mongóis como os melhores cavaleiros do mundo.

Os próprios cavalos eram criados para serem resistentes e não para atingirem velocidade. Requerendo um sustento mínimo, conseguiam alimentar-se em pastagens cobertas de neve, um atributo inestimável durante as guerras mongóis com a Rússia. Os arqueiros empregavam vários tipos de flechas para diferentes propósitos: flechas de longo alcance e de curto alcance; flechas com pontas bifurcadas para danos máximos; e flechas de sinalização. Até hoje, os historiadores debatem se os mongóis tinham também no seu arsenal flechas envenenadas.

A potência dos arqueiros mongóis era em grande parte devido ao

uso de arcos compostos, com uma forma encurvada, que permitia disparos mais poderosos do que o *longbow* inglês contemporâneo. Os arcos mongóis tinham também a vantagem de serem suficientemente compactos para uso a cavalo, que os arqueiros controlavam com os joelhos, libertando as mãos para mirar e disparar, mesmo em alta velocidade.

Os arqueiros mongóis eram também hábeis no

uso da flecha parta, técnica de ataque com origem nos guerreiros do Império Parta, na qual um cavaleiro se vira de surpresa para trás e dispara as suas flechas enquanto aparentemente está fugindo do inimigo. Assim, dizem os historiadores, a força combinada de homem, cavalo e arco tornou os “cavaleiros do diabo” uma força militar temível, que marcou um período de conquista e terror na história mundial.



Imagem: Pixabay

Charada

Francelino Soares:
 francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: aroma (2) = odor + cidade interiorana do Ceará (2) = Icó – **Solução:** personagem televisivo (4) = Odorico. **Charada de hoje:** Perambula (2) pelas ruas, mostrando a região glútea (2), aquela desocupada (4).

Eita!!!



Animal de três corações

Um dos animais que mais despertam a curiosidade é o polvo. E um dos fatos que mais chamam a atenção é a quantidade de corações que ele possui: três. Existem 300 espécies de polvo no mundo e todas elas possuem três corações. Ainda que sejam iguais, os corações possuem funções diferentes. Um faz o bombeamento do sangue para o corpo do animal, agindo como um coração tradicional. Já os outros dois corações trabalham recebendo o sangue não oxigenado por outras partes do corpo e enviando para as brânquias, onde ele passa a ser oxigenado. A existência dos três corações está diretamente ligada à manutenção da saúde dos braços do polvo. Eles auxiliam na circulação do sangue nos tentáculos.

Molusco com “pés na cabeça”

O polvo é um molusco marinho que pertence à família dos Cephalopoda, que em uma tradução livre significa algo como “pés na cabeça”. O nome, claramente está ligado ao fato de o polvo ser composto, ao menos externamente, por cabeça e pernas.

Pernas como braços, sem esqueleto

Os polvos utilizam as pernas (tentáculos) na verdade como braços. Isso acontece principalmente devido à presença de ventosas no comprimento delas, que servem para segurar animais, alimentos e até mesmo para se segurar em superfícies, caso seja necessário. O animal não possui esqueleto, o que facilita bastante no momento de se esconder de predadores, por exemplo, cabendo em qualquer lugar.

Carnívoro que também é presa

Eles também são animais carnívoros. Normalmente se alimentam de animais que, assim como eles, são invertebrados, o que possibilita que consumam os animais por inteiro, sem necessidade de mastigação. Por outro lado, o polvo faz parte da cadeia alimentar de animais maiores, inclusive de golfinhos, assim como tubarões, moreias, peixes maiores, aves marinhas, e humanos.

O filósofo e o idiota canibal

O filósofo e escritor Aristóteles citou o polvo em um dos seus livros, chamado de ‘Da história dos animais’. O animal foi chamado de idiota pelo escritor, ao afirmar que ele se aproxima sempre que o ser humano coloca as mãos na água. A vida romântica do polvo não é nada fácil. A maioria das espécies de polvo é canibal, o que exige que as fêmeas liberem um tipo de líquido para alertar aos machos de que é um momento reprodutivo, para evitar que sejam devoradas. Além disso, logo após a fecundação, o macho morre.

9ertos

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Solução

1 - pena na cabeça; 2 - rabo do bicho; 3 - canoa; 4 - símbolo da coroa; 5 - pote; 6 - nível da água; 7 - boca do peixe; 8 - bico do tucano; 9 - pássaro

Tiras

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

O Conde



Zé Meiota

